

ADMIR SERRANO

Os que
voltaram
para
contar

A imortalidade da alma e a
experiência de quase-morte



)) (Academia

ADMIR SERRANO

Os que
voltaram
para
contar

A imortalidade da alma e a
experiência de quase-morte

)) Academia

Os que
voltaram
para
contar

ADMIR SERRANO

Os que
voltaram
para
contar

))(Academia

Copyright © Admir Serrano, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.

Preparação: Luiz Pereira
Revisão: Ceci Meira e Lizete Mercadante Machado
Diagramação: Marcos Gubiotti
Capa: Companhia
Imagens de capa: Shaunl / Getty Images
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S498q

Serrano, Admir

Os que voltaram para contar / Admir Serrano. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

ISBN: 978-85-422-0975-4

1. Espiritismo. I. Título.

17-39640

CDD: 133.9

CDU: 133.9

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

O que há de mais surpreendente para nós, depois da morte física, é o reencontro da vida.

— ANDRÉ LUIZ

Este livro é dedicado a todos os meus parceiros evolutivos. A cada pessoa que veio e se foi de minha vida, pois cada uma deu-me a oportunidade de aprender e crescer. Aprender e crescer são as razões pelas quais vivemos.

Sumário

Introdução

- 1 Somos mais que humanos
- 2 O que os olhos não veem
- 3 O que é experiência de quase-morte - EQM
- 4 De carona com Jesus
- 5 Vida depois da vida
- 6 Testemunhando a imortalidade
- 7 As dez fases da EQM
- 8 A consciência não está no cérebro
- 9 Muito além da visão
- 10 Nas asas do espírito
- 11 Pelos olhos da alma – EQM de deficientes visuais
- 12 Um gostinho amargo do nada
- 13 Suicídio, uma escolha equivocada
- 14 Overdose, uma viagem infernal
- 15 Crianças próximas da morte
- 16 Pela dor e pelo amor
- 17 Enganando a morte?
- 18 Nossa dupla natureza

Conclusão

Referências

Obras básicas da doutrina espírita

Obras complementares

Introdução

Os que voltaram para contar é um convite à reflexão sobre a grandeza que somos – seres imortais e eternos numa breve jornada de aprendizado nesta grande escola que é a Terra. Contudo, esta jornada não é nossa primeira, nem será a última; ainda temos um longo caminho a percorrer até conquistar – por nossos próprios méritos – o direito de gravitar até mundos mais felizes. Nossa felicidade é prioridade número um na agenda de Deus, mas Sua “sabedoria está na liberdade que Ele deixa a cada um de escolher, porque cada um terá o mérito de suas obras”.¹ Nós somos os arquitetos de nosso próprio destino, materializando-o a cada momento pelas escolhas que fazemos. Mas quase sempre as escolhas que fazemos não são das mais sábias, e suas consequências, pela força da lei que rege a vida e da justiça divina, não são das mais agradáveis.

Em nosso atual estágio de desenvolvimento intelectual, moral e espiritual, ainda dedicamos muito tempo de nossa existência a ações que deveríamos evitar – que nos são prejudiciais –, ignorando as que deveríamos fazer – que nos seriam benéficas. Parte de nosso aprendizado é justamente descobrir – muito frequentemente pela dor – a maneira correta de agir, saber diferenciar, por sua qualidade, as ações

que, se levadas a cabo, nos trariam infelicidade e, assim, evitá-las. Sendo os arquitetos de nosso próprio destino, “depende de nós mesmos amenizar nossos males e ser tão feliz quanto se pode ser sobre a Terra”.²

Muitos de nossos equívocos têm origem em nosso afã de aproveitar ao máximo a vida material, por crer que assim que esta acabar deixaremos de existir. Daí os exageros, os gozos efêmeros, o desrespeito à ética, às leis sociais, à dignidade humana – sementes de frutos espinhosos que obrigatoriamente teremos que colher, seja nesta seja em outras existências. É preciso saber urgentemente que o que acaba para nós é a jornada terrena, não nossa vida. Nós, espíritos que somos, continuaremos a existir. Um dos mais importantes objetivos de todo ser humano – e um dos maiores desafios – é conhecer a si mesmo. E não há outro aspecto tão grandioso desse autoconhecimento quanto a conscientização de sua imortalidade.

Se você é espírita, não tem mais dúvidas disso. E sabe que a vida na Terra é um importante – e temporário – estágio no progresso do ser humano. Sabe também que o corpo físico em que ora nos manifestamos não é nosso ser verdadeiro, mas sim um instrumento orgânico e perecível através do qual nós, espíritos eternos, vivenciamos a vida material. Sabe também que nossa conduta dita a natureza de nossa vida – de todas as nossas existências! –, que não é o acaso o responsável por nossa felicidade ou nosso sofrimento.

Sobre uma das principais características da doutrina espírita, Allan Kardec, seu codificador, resumiu-a em poucas palavras:

Pelo Espiritismo o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente, e vê, por toda parte, a justiça de Deus. Sabe que a alma progride, sem cessar, através de uma série de existências, até que haja alcançado o grau de perfeição que pode aproximá-lo de Deus.³

Fica mais leve viver quando se tem isso claro na consciência; dá-nos mais autonomia na condução de nossa vida, mais compreensão da importância que cada um tem na obra da criação; por outro lado, nos obriga a arcar com a responsabilidade de nossos atos e nos impede de procurar culpados pela nossa infelicidade, causada por nossos próprios equívocos.

Em *Os que voltaram para contar* descrevo não apenas casos verídicos de comprovação da imortalidade, mas também o aprendizado daqueles que por alguns instantes vivenciaram sua vida futura e voltaram para contar. E os que a vivenciaram, independentemente de serem religiosos ou não, crentes ou céticos, trazem sempre as mesmas informações – a vida continua após a morte física, nossa existência tem um propósito, sendo um dos principais o crescimento espiritual, moral e intelectual. A maioria desses mensageiros cruzou as fronteiras do mundo espiritual por

forças alheias, enquanto outros forçaram a passagem. Para os primeiros, as experiências foram, literalmente, de outro mundo, tão maravilhosas que, se pudessem, teriam preferido ficar; para os demais, a incompreensão de sua realidade imortal, o desespero, a falta de fé ou o desrespeito à vida fizeram com que o lugar aonde foram e aquilo que viram os deixassem aterrorizados. Contudo, independentemente de seu destino no outro lado da vida, tanto uns como outros trouxeram de volta a certeza de sua imortalidade e de sua responsabilidade pela condução correta de sua existência na Terra.

Este livro tem como base relatos de meus estudos sobre o fenômeno que poderá vir a ser fundamental na comprovação científica da sobrevivência da alma humana – a chamada experiência de quase-morte – (EQM). Se você não crê muito que possa haver qualquer coisa além da vida material, certamente o que verá aqui irá, no mínimo, fazê-lo questionar essa possibilidade. Eu fui cético durante muito tempo, daqueles que diziam não acreditar na vida após a morte porque nenhum morto voltou para contar. Que tolo fui. Voltaram, voltam e voltarão! Em todas as partes do mundo e desde tempos imemoriais. Faz mais de vinte anos que estudo a imortalidade e, se consegui ver um terço dos casos relacionados, obtive um feito invejável.

Descobri minha imortalidade vivenciando um fenômeno análogo à EQM, a experiência fora do corpo, ou desdobramento, como também é chamada. Todos nós temos

essas experiências, sobretudo durante o sono, mas nem todos se recordam.

Durante o sono, os laços que unem o espírito ao corpo se relaxam, e o corpo não necessita do espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos.⁴

No final, todos descobriremos nossa imortalidade. Os que não descobrem antes, ironicamente, a descobrirão no momento de sua transição desta vida para outra. Eu mesmo fui testemunha de muitos desses casos trabalhando com pacientes terminais. As comprovações da imortalidade estão por toda a parte. Casos de EQM são cada vez mais frequentes, os que voltam para contar, encontrando-se até mesmo em nossas famílias ou círculos de amizade. Basta ficarmos atentos e termos a curiosidade de averiguar...

Somos mais que humanos

Celi era minha prima. Por mais de dois meses caminhou na tênue linha que separa esta vida da outra. Havia sido internada para uma pequena cirurgia num hospital da cidade onde vivia – Jaú, estado de São Paulo. Mas algo saiu errado. Uma infecção generalizada destruiu metade de seu estômago, um pulmão, o baço e uma costela. Na tentativa de controlar a infecção, uma vez que os antibióticos não surtiam efeito, foram-lhe removidas essas partes. A maior parte daqueles dois meses ela passou na UTI, em coma induzido. Em três ocasiões os médicos chamaram a família para despedir-se dela. Celi estava morrendo.

Eu a entrevistei duas semanas após sua cura “miraculosa”, conforme o diagnóstico do cirurgião-chefe. O cirurgião usou o termo “miraculosa” porque não conseguia encontrar explicação médica adequada para justificar a recuperação. Ele jamais havia visto algo assim em toda a carreira. Ele não conseguia encontrar uma explicação porque não havia visto o que ocorria no outro lado da realidade física, ali mesmo, dentro da UTI, onde Celi estava e onde o cirurgião e sua equipe trabalhavam. Mas a Celi havia visto tudo. Ela sabia por que havia sobrevivido. Nas várias vezes

em que o médico lhe falava sobre esse milagre, ela apenas sorria. Nossa primeira conversa foi por telefone, pois eu estava em Miami e ela no Brasil. A segunda foi pessoalmente, quando a visitei em Jaú, alguns meses mais tarde. Celi sabia de minhas pesquisas parapsicológicas, portanto falava sem constrangimento sobre sua experiência.

— Algumas pessoas em coma — eu disse — às vezes contam que não estavam inconscientes, que viam e ouviam o que estava acontecendo a seu redor. Quando você estava na UTI, aconteceu algo similar ou você estava inconsciente?

No outro lado da linha, ouvi uma risadinha abafada.

— Eu via e ouvia coisas — disse.

Eu havia acompanhado sua situação por intermédio de um primo, seu irmão mais velho. Eu sabia que ela estava fortemente sedada durante sua permanência na UTI.

— Mas você estava inconsciente — provoquei. — Como poderia ver ou ouvir qualquer coisa?

Outra risadinha. Tendo tido experiências similares e estudado o fenômeno havia muitos anos, não me surpreendi com o que ela disse.

— Eu estava do lado de fora.

Eu sabia perfeitamente do que ela falava, mas fingi não entender.

— Como assim, fora? Você estava inconsciente.

— Eu estava em pé perto da porta.

— Mas você estava em coma.

— Sim, mas eu via e ouvia.

— Deitada no leito, você via e ouvia?

— Não, quando estava em pé.

Celi falava pausadamente, a dor severa que a acompanhava a impedia de falar mais naturalmente. Várias vezes perguntei se queria descansar, eu poderia telefonar quando se sentisse melhor. Ela quis continuar.

— Você estava dentro ou fora da UTI?

— Dentro.

— Qual foi a primeira coisa que chamou sua atenção? — indaguei.

— O corpo no leito.

— Você se assustou?

— Não, mas fiquei um pouco confusa.

— Você o reconheceu como sendo seu corpo?

— Sim.

— Como ele estava?

— Entubado, com fios conectados a monitores.

Pelo que me contou, Celi passou quase todo o tempo fora do corpo enquanto este estava em coma. Contou-me também que quando médicos ou enfermeiras vinham examiná-la ela saía do caminho, para dar passagem.

— Qual dos dois você acha que era, o corpo no leito ou você fora?

Outra risadinha.

— Era estranho. Mas acho que a de fora.

Você notou nesse relato que minha prima, embora estando fora do corpo, continuou no próprio espaço físico

onde se localizava a UTI. Imaterial, ou não físico, era apenas a sua condição naquele momento em que se manifestava em seu corpo espiritual, ou perispírito, como o chamamos no Espiritismo. É importante ter isso em mente porque a tal localização do mundo espiritual, para onde se vai depois da morte, causa muita confusão. Segundo nos ensina a doutrina espírita,

os espíritos não encarnados não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte, no espaço e ao nosso lado, nos vendo e nos acotovelando sem cessar; é toda uma população invisível que se agita em torno de nós.¹

Durante sua estada na UTI, enquanto seu corpo permanecia fisicamente inconsciente, Celi vivenciava a experiência de quase-morte – EQM, tradução do termo em inglês *near-death experience*, cunhado pelo dr. Raymond Moody para descrever o fenômeno. A experiência de Celi é uma das mais extraordinárias que já encontrei ao estudar o fenômeno. Voltaremos a ela no decorrer desta narrativa.

A EQM é uma experiência de emancipação do espírito – o ser verdadeiro – vivenciada por um indivíduo em situações que podem levar à morte do corpo físico se não tomadas a tempo as devidas providências. Ocorrem comumente em casos de acidentes graves, enfartos, afogamentos, ou durante um coma, como no caso de Celi. Nessas circunstâncias, o espírito que anima aquele corpo se retira

temporariamente, levando consigo toda a sua a capacidade cognitiva e existindo livre e independentemente do corpo físico ao qual está conectado, enquanto este ainda possui vida orgânica.

Mas por que isso acontece?

Temos uma explicação simples e clara, fornecida há 160 anos pelos espíritos participantes das obras básicas de Allan Kardec:

o espírito recobra sua liberdade quando os sentidos se entorpecem. Ele se aproveita, para se emancipar, de todos os momentos de repouso que o corpo lhe concede. Desde que haja debilidade das forças vitais, o espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo mais livre ele estará.²

Na EQM, o corpo está extremamente debilitado; mais debilitado que isso, somente na morte efetiva.

Se não corpo, o que somos?

O que os olhos não veem

Nós não somos o corpo físico que vemos todos os dias no espelho. Tampouco era Celi aquele corpo comatoso no leito da UTI. A verdadeira Celi era aquele espírito livre, eterno e imortal. Assim é você. Assim é toda a humanidade. Somos apenas inquilinos do corpo material, ocupando-o até que nosso trabalho na vida física termine. Quando terminar, o corpo morre e nós o deixamos, vivinhos da silva, conscientes, pensando e raciocinando, dando início a uma nova modalidade de existência, não física, mais real do que a que acabamos de deixar. E, quando isso acontecer, não se assuste, curta, você é um espírito, livre e leve, em mais uma etapa de sua jornada a caminho da luz, nosso destino final.

O homem é composto do corpo e do espírito; o espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente; o corpo é o envoltório material que reveste, temporariamente, o espírito para o cumprimento da sua missão na Terra e a execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, se destrói, e o espírito sobrevive a sua destruição. Sem o espírito, o corpo não é senão matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o faz agir; sem o corpo, o espírito é

tudo; a vida e a inteligência. Deixando o corpo, ele reentra no mundo espiritual de onde saiu para se encarnar.¹

As experiências de quase-morte corroboram a afirmação acima, como veremos mais adiante.

Dizemos no Espiritismo que quando se nasce se encarna, ou seja, entra-se na carne, em um corpo físico; e, ao contrário, quando se morre se desencarna, deixa-se a carne, o corpo físico. Isso significa que, antes de nascer para a vida física, já existíamos como espírito, e, quando o corpo morrer, saímos deste e voltamos às nossas origens, a de espírito livre, como éramos antes. O estado de espírito, sem o corpo físico, é nossa verdadeira natureza, e o estado humano, quando estamos encarnados em um corpo físico, é temporário.

O corpo físico é governado por duas fontes de energia – orgânica e espiritual, ou não física. “Sem a menor dúvida há alguma coisa através da qual as energias material (orgânica) e espiritual trabalham juntas e se complementam.”² A força orgânica mantém os órgãos físicos vivos e funcionando, ao passo que a força espiritual lhe dá vitalidade, movimento, inteligência, consciência, caráter, personalidade, capacidade física, talentos; em resumo, todos os elementos não físicos que fazem parte de nós. A força espiritual está impregnada em cada átomo, cada célula, cada molécula e órgão do corpo físico, organizando-o em uma unidade coerente. Na verdade,

a força espiritual é a matriz que molda o corpo físico, que permeia, circunda, energiza, une e propulsiona os “átomos e moléculas a assumir e manter a estabilidade física durante suas constantes alterações”.³

Cientistas dos séculos XVI e XVII chamavam de vitalismo essa força espiritual que permeia os organismos. Vitalistas, como eram chamados, acreditavam que organismos vivos continham em si uma força vital que era independente da matéria e que trazia vida à matéria, uma alma ou espírito consciente que cria o corpo físico e manifesta-se através dele.⁴

Naqueles tempos um cientista dizer ou crer que o corpo humano pudesse ser animado por “espírito” ou “alma” era aceitável. Hoje é heresia. Mas isso não significa que cientistas de reputação na atualidade não acreditem na existência de tal força organizadora não física imbuída no corpo físico. Muitos acreditam, mas abstêm-se de utilizar o termo “espírito”, pelo menos publicamente, a não ser que estejam contemplando aposentadoria precoce ou ostracismo acadêmico, isso pelo menos aqui nos Estados Unidos e na Europa; talvez no Brasil as instituições científicas sejam mais “mente aberta” nesse sentido.

Aqueles que acreditam – alguns até testaram suas hipóteses em laboratório – precisam criar termos com conotação mais científica, o mais distante possível daquele termo herético. Harold Saxton Burr, por exemplo, renomado professor de anatomia na Escola de Medicina da

Universidade de Yale, dos Estados Unidos, entre os anos 1916 e 1956, era especialista em dinâmica bioelétrica. Usando equipamentos sofisticados, aplicava suas técnicas em organismos vivos, incluindo seres humanos. Em suas próprias palavras, as conclusões de quarenta anos de pesquisas “revelaram que o ser humano – de fato, todas as formas de organismos – são ordenados e controlados por campos eletrodinâmicos que podem ser medidos e mapeados com precisão”.⁵ Burr denominou esses campos de *campos da vida – fields of life*, em inglês, abreviado como L-Fields. Continuou Burr, o “campo eletrodinâmico serve de matriz ou molde, que mantém a ‘forma’ ou composição de qualquer material lançado no molde, mesmo que esse material seja comumente modificado”.⁶

Trocando em miúdos, o que Burr quer dizer é que se não houvesse um molde não físico, imperecível, nossos órgãos não conseguiriam manter sua forma em suas constantes regenerações. Nosso coração, por exemplo, se regenera a cada vinte anos. Os ossos, a cada dez; o fígado, a cada cinco meses; os pulmões, a cada três semanas; os intestinos, a cada três dias, sem jamais perderem seu formato. Para nós, espíritas, o perispírito, como o chamamos, é esse molde energético, essa matriz imperecível que forma o corpo desde a concepção e que o mantém durante a vida física, liberando-se completamente após a morte do corpo. Burr era mesmo um cientista corajoso: intitulou o livro em que

publicou os resultados de suas pesquisas de *Diagrama da imortalidade*, do inglês *Blueprint of immortality*.

Mais recentemente, o bioquímico inglês Rupert Sheldrake, da Royal Society of London, lançou a hipótese de que todos os organismos vivos, incluindo, é claro, nós, “possuem campos morfológicos, responsáveis pela organização e forma de sistemas materiais”.⁷ Como se vê claramente, os campos morfológicos de Sheldrake são o mesmo conceito dos L-Fields de Burr, com uma pequena alteração apenas na nomenclatura. *Prana* na Índia, *chi* na China, *ka* no Egito, ou simplesmente campo energético, são termos associados com a força invisível e imperecível que faz de nós mais do que os simples mortais que a ciência materialista quer nos fazer crer que somos. “Não existe outro conceito tão familiar para nós como a ideia da energia espiritual, nem outro tão opaco cientificamente.”⁸

Felizmente, o Espiritismo não requer tantas contorções mentais para explicar isso. É claro e conciso.

Quando o espírito deve se encarnar num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão de seu perispírito, liga-o ao germe para o qual se acha atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria,

se une, molécula a molécula, com o corpo que se forma: de onde se pode dizer que o espírito, por intermédio de seu perispírito, lança, de alguma sorte, raiz nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa, e, então, ele nasce para a vida exterior.⁹

Mas qualquer que seja o nome dado a essa energia que anima o corpo físico, ela tem também outro poder em particular. Ela consegue, por meio de algum mecanismo ainda desconhecido, formar um corpo espiritual capaz de funcionar independentemente do corpo físico e sobreviver à morte deste. Corpo astral, etéreo, ou corpo energético são alguns termos populares que descrevem esse aspecto sutil que faz parte de nossa natureza. Além do mais, ao se formar e ao se retirar do corpo físico, essa energia transfere para si todas as nossas capacidades cognitivas e sensoriais, que se tornam ainda mais aprimoradas uma vez que deixam de estar confinadas às limitações dos órgãos grosseiros que compõem o corpo físico.

Foi nesse corpo sutil ou espiritual, seu ser verdadeiro e imortal, que minha prima Celi manifestou-se enquanto seu corpo físico jazia comatoso no leito da UTI. E é a existência desse corpo espiritual e sua capacidade de deixar seu envoltório físico, trazendo consigo a capacidade cognitiva e sensorial do indivíduo, que permite às pessoas na iminência da morte passar por uma EQM. Ou, quando da morte efetiva,

a continuidade da vida nesse corpo imortal, o que ocorrerá com cada um de nós quando encerrarmos nosso trabalho na Terra.

O que é experiência de quase-morte - EQM

A EQM é um prelúdio do que ocorre com o ser humano quando o corpo físico morre. As pessoas que passam por essa experiência e a compartilham são divinos mensageiros que por alguns minutos ou horas vivenciaram a imortalidade do espírito e retornam para dizer à humanidade que a vida na Terra é apenas uma passagem temporária em nossa jornada infinita de purificação e evolução.

Experiência de quase-morte é a tradução de *near-death experience*, termo criado em 1975 pelo dr. Raymond Moody, em seu pequeno livro best seller *Life after life* (Vida depois da vida), para denominar o fenômeno. Em muitos dos casos – centenas diariamente no mundo todo – os pacientes são até mesmo declarados mortos pelos médicos. Ou melhor, os corpos são declarados mortos, não os pacientes! Muitos deles, fora do corpo físico, acompanham de uma posição privilegiada, completamente conscientes, a comoção em torno do corpo inerte. Às vezes até mesmo protestam contra o diagnóstico, e tentam chamar a atenção da equipe médica, mas não conseguem ser ouvidos ou vistos. Não conseguem

ser ouvidos ou vistos em razão da natureza sutil do corpo espiritual no momento em que se manifestam.

A EQM é geralmente vivenciada quando o paciente está clinicamente morto, embora não seja necessário chegar a esse extremo, bastando às vezes perder a consciência física. A morte clínica ocorre quando o coração para de bater, em condições tais como enfarto ou outra ocorrência que causa parada cardíaca. Quando o coração para de bater, a circulação sanguínea e a respiração cessam. Você deve ter visto em sua aula de biologia que a circulação sanguínea é o que mantém o corpo vivo, e para o sangue circular é preciso que o coração funcione. O sangue leva oxigênio e nutrientes para as células do nosso corpo. O sangue também remove impurezas e gás carbônico do metabolismo celular, para manter o corpo limpo e saudável. Para manter vivo o corpo a circulação do sangue precisa ser constante, porque “...se de repente o fluxo sanguíneo cessar, você não teria mais que alguns segundos de consciência antes de desmaiar – depois apenas alguns minutos de vida”.¹

A razão pela qual você teria apenas alguns minutos de vida se a circulação cessasse é que o cérebro não receberia a quantidade suficiente de oxigênio de que necessita para funcionar normalmente.

O cérebro [...] é o órgão do corpo que mais consome oxigênio. Embora o cérebro represente aproximadamente apenas dois por cento do peso do

corpo, ele utiliza cerca de vinte por cento do oxigênio consumido pelo corpo. Por esse motivo, o cérebro é bastante sensível à hipóxia (asfixia). De quatro a seis minutos sem receber oxigênio, grande número de células cerebrais (neurônios) começa a morrer. O prolongamento da hipóxia causa a morte.²

Na morte clínica, quando cessam a respiração e o batimento cardíaco, o indivíduo se encontra, do ponto de vista físico, se não legalmente morto, pelo menos completamente inconsciente. Inconsciência essa causada pela insuficiência de oxigênio no cérebro, resultando na cessação da atividade cerebral. Se o indivíduo estiver conectado a um eletrocardiógrafo ou eletroencefalógrafo, esses aparelhos, em vez de registrar ondas normais do batimento cardíaco ou de atividade cerebral, mostrariam uma linha reta horizontal, ou *flatline*. A linha reta indica que as atividades vitais do coração e/ou do cérebro foram interrompidas. Nessa condição, se o indivíduo não for socorrido a tempo e as funções cardíacas e cerebrais não voltarem ao funcionamento normal, o indivíduo faleceria.

Até pouco antes de meados do século XX, a morte era quase certa às vítimas de paradas cardíacas. A partir dessa época foram desenvolvidos procedimentos emergenciais, como ressuscitação cardiorrespiratória, respiração boca a boca, desfibrilação, injeção de adrenalina e massagem direta no coração. (Como você verá no capítulo seguinte, foi injeção

de adrenalina diretamente no coração que reavivou George Ritchie.) Essas técnicas e procedimentos podem restabelecer o funcionamento normal do coração, reativando o fluxo sanguíneo e restaurando a atividade cerebral, permitindo assim que muitos pacientes permaneçam na vida física.³

Até onde a medicina conhece sobre o ser humano, um indivíduo cujo cérebro não apresenta atividade não pode ter qualquer sensação, é incapaz de se movimentar, de ouvir e obviamente de pensar, raciocinar ou discernir qualquer coisa. Ninguém, nessa condição, conforme o paradigma científico convencional, poderia apresentar qualquer sinal de consciência. Porém, ao contrário do que postula esse paradigma, não é o que sucede todos os dias aos milhares de indivíduos ao redor do mundo que vivenciam o fenômeno. E esse é um eloquente sinal de que as premissas científicas convencionais, em que concerne a verdadeira natureza do ser humano, precisam ser cuidadosamente revisadas.

Você logo verá nos casos que vou apresentar, incluindo a continuação do apresentado na abertura deste livro, que nossa consciência, nossa identidade, o Eu que verdadeiramente somos, não está confinado no cérebro como um pássaro na gaiola (e, destruída a gaiola, o pássaro morre). Muito pelo contrário! Quando a gaiola é destruída, o pássaro se liberta. O ser espiritual que verdadeiramente somos – nós – é capaz, funcionará independentemente do cérebro e do corpo e sobreviverá à morte do corpo físico.

Tendo vislumbrado a vida depois da vida e constatado sua imortalidade, um número gigantesco de pessoas “retornou” à vida terrena após um breve encontro com a morte física. E para esclarecer-nos sobre este outro lado da vida, muitos que passaram pela EQM foram corajosos e caridosos em compartilhar conosco suas extraordinárias experiências durante o período que passaram livres dos laços da matéria.

Seus corações haviam parado de bater; sua respiração cessou; cessara também toda atividade cerebral; muitos foram declarados mortos, tendo alguns até despertado no necrotério. E nessas condições, conforme a ciência convencional, ninguém seria capaz de ver, ouvir ou sentir qualquer coisa, ou movimentar-se, retirar-se de onde estava. Contudo, contrariando e desafiando a visão materialista, pessoas em EQM fazem tudo isso e muito mais!

De carona com Jesus

De repente, George viu o quartinho escuro e frio encher-se de luz. Em sua mente, soou um comando autoritário que o fez saltar ao chão em um ímpeto:¹

“Levante-se!”

Em um instante, George viu-se envolto em uma indescritível claridade, vinda de uma luz viva e sábia. Essa luz tinha forma e esta era humana. E desse ser emanavam sentimentos de amor e compaixão em seus mais elevados graus de pureza e força. Tão intensa era a sensação de bem-estar que o jovem soldado queria entregar-se a ela para sempre. Começou então a ouvir, vinda das profundezas de sua alma, uma voz solene que anunciara:

“George, você está na presença do Filho de Deus.”

Nesse momento, George sentiu que as paredes do quartinho se desfaziam. A seu redor e dentro de si apareciam imagens dele mesmo, como se estivesse dentro de um filme no qual era o protagonista e, ao mesmo tempo, o espectador. Cenas de suas ações, seus pensamentos e sentimentos, relacionados a ele próprio e a outros. O jovem soldado revivia todas: as brigas feias e o desrespeito à madrasta, seu temperamento explosivo, os incontrolláveis pensamentos

sensuais, cada um de seus pensamentos e atos maldosos, desde o dia em que nascera. Cada incidente, por mais insignificante que podia parecer, era revivido em inefável intensidade – revia tudo o que havia feito, pensado e sentido durante aqueles vinte anos de vida. Reviu o parto de sua mãe e a morte dela ao dá-lo à luz. Assistiu ao casamento de seu pai com sua madrasta e testemunhou todo o amor que ela lhe dedicara, apesar de não ser seu filho. George experimentou no fundo da alma a dor que a madrasta sentia em virtude da forma como ele a tratava e, com a mesma intensidade, sentiu a injustiça de seus atos contra ela; o arrependimento dilacerava-lhe a alma.

George percebia que o Filho de Deus, a seu lado, não o julgava, apenas mostrava-lhe seus erros. Em um tom cheio de doçura e compaixão, Ele fez-lhe uma pergunta que lhe serviria de orientação, de referência pelo resto de sua vida. Pergunta essa que a maioria das pessoas que passam por EQMs dizem ouvir, com o mesmo efeito reorientador sentido pelo jovem soldado:

— O que você tem feito em sua vida até agora para me mostrar?

“Não muito”, George pensava. “Vivi apenas vinte anos. O que se pode fazer em vinte anos?” Mas, mesmo assim, ele buscou em suas lembranças algo de valor para mostrar. Finalmente, encontrou.

— Eu fui escoteiro — disse, cheio de orgulho.

O Filho de Deus lhe sorriu. E em seu sorriso George viu o verdadeiro significado de sua pergunta. Não eram fatos que Ele queria ver, eram valores. Era como se Ele quisesse saber como o soldado estava usando seu precioso tempo na Terra, ou seja, se estava aprendendo a amar, a perdoar, a respeitar a si próprio e a todas as outras criaturas de Deus. Era como se lhe estivesse perguntando: “Você está seguindo o exemplo que lhe deixei pela vida que vivi e pela morte que morri? Você tem amado seu próximo como eu o amei? Totalmente? Incondicionalmente?”

Intuitivamente, no fundo de sua alma, o rapaz sabia que era isso que o Filho de Deus queria ver.

De súbito, George viu-se em movimento novamente. Olhou a seu redor e percebeu que estava no espaço, havia deixado Camp Barkeley sem perceber. George sabia que embarcara em uma viagem na qual lhe seria mostrada uma outra realidade, um outro lado da vida, uma realidade que não podia ainda ser apreciada com a visão limitada do corpo físico, mas apenas com os olhos da alma quando livre de sua prisão orgânica, que a densifica e limita-lhe os poderes.

Percebendo um movimento descendente, George olhou para o solo e viu que sobrevoavam uma grande cidade. Estava escuro e, mesmo assim, as chaminés das fábricas permaneciam ativas, grandes tufos de fumaça eram lançados no ar. George tentou identificar a cidade, talvez Boston, Detroit ou Toronto, não sabia dizer qual era. Qualquer que fosse, jamais havia estado lá. As ruas estavam

movimentadas, apesar de o dia ainda não haver clareado, e George sabia a razão. Aquelas fábricas trabalhavam dia e noite sem parar, empregando milhares de homens e mulheres para produzir em ritmo frenético e alucinante toneladas e toneladas de equipamentos bélicos e outros suprimentos para aquela devastadora Segunda Guerra Mundial que explodia na Europa.

Ao aproximar-se do solo, chamou-lhe a atenção o incrível número de pessoas que caminhavam pelas ruas. Havia mais gente do que o espaço físico podia comportar. Nesse momento George percebeu a razão da imensa multidão. Pelo menos a metade daquelas pessoas era desencarnada e, portanto, não ocupava espaço!

George Ritchie testemunhava, *in loco*, o que os próprios espíritos disseram a Allan Kardec sobre o local onde estes se encontravam, em resposta à pergunta 87 de *O livro dos espíritos*: “Os espíritos estão em todos os lugares, povoam infinitamente os espaços. Estão sempre ao vosso lado, vos observam e agem entre vós sem os perceberdes [...]”.

E como atuavam aqueles que George viu dentro das fábricas! Enquanto encarnados trabalhavam, desencarnados, continuamente a seu lado, tentavam tirar-lhes as ferramentas ou davam palpites em suas decisões, alguns até se irritavam quando seus palpites não eram seguidos.

Na cantina da fábrica, George testemunhou uma cena inusitada. Viu uma funcionária tirar o maço de cigarros; a seu lado, uma desencarnada implorava-lhe que lhe desse

um. Alheia à sua presença, a funcionária a ignorou, acendeu o cigarro e tragou. Desesperada, a desencarnada tentava arrancar-lhe o cigarro da mão.

George lembrou-se de seu próprio estado pouco tempo antes, quando tentava agarrar o ombro do homem em frente ao café, assim como do momento em que se encostara no poste, e de quando tentara arrancar o lençol que cobria seu corpo jazendo inerte no quartinho da enfermaria.

Naquela cidade, desencarnados passavam pela mesma desesperadora situação que ele experimentara. Sem ainda haverem se dado conta de que haviam passado pela transição da morte, tentavam conduzir sua vida como se ainda habitassem um corpo físico.

Chamou-lhe a atenção uma desencarnada de meia-idade, correndo atrás de um homem. Falava-lhe em tom enfático que ele não estava dormindo o suficiente, que precisava descansar mais, que sua esposa exigia muito dele, que não deveria ter se casado com ela, “aquela egoísta”. Até mesmo o admoestara por não estar usando o cachecol naquele frio!

George sabia que se tratava da mãe do rapaz. E pela aparência do filho, também de meia-idade, deveria fazer muito tempo que ela o seguia, intrometendo-se em sua vida como se ainda estivesse viva.

A voz do Filho de Deus soou em sua mente e George compreendeu em parte o significado daquela máxima: “Não

acumuleis para vós outros tesouros sobre a Terra... se o tesouro estiver na Terra, lá o coração ficará..”

Sobrevoaram outras cidades, e em todas elas George via duas populações ocupando o mesmo espaço: encarnados e desencarnados e, destes, muitos ainda seguiam a costumeira rotina de quando viviam na Terra, sem saber que haviam morrido.

George fora levado a uma casa e lá testemunhou uma cena dolorosa. Um rapaz desencarnado andava permanentemente atrás do pai, pedindo-lhe perdão. Dizendo-lhe que não sabia quanto tinha magoado a ele e à mãe, dizia-lhe que não sabia o que estava fazendo. George via e ouvia o rapaz claramente, mas o pai dele não; o homem seguia seu curso levando uma bandeja a uma senhora idosa acamada, e o filho implorava:

— Perdão, pai! Perdão, mãe!

Assim vivia o pobre rapaz permanentemente.

Foram-lhe mostradas outras cenas semelhantes: o adolescente que seguia uma jovem pedindo-lhe perdão, a esposa que seguia o marido fazendo o mesmo...

— Por que pedem perdão? — indagou George.

— Por tirarem a própria vida — respondeu o Filho de Deus. — Vivem acorrentados às terríveis consequências de seu ato impensado. Achavam que o suicídio extinguiria sua vida e seus problemas, mas, desesperados, em lugar de resolvê-los, arrumaram outros piores.

George viu-se sobrevoando um lugar que lhe pareceu uma grande base naval. E de repente estava em um bar lotado, onde marinheiros e civis embriagavam-se de cerveja e uísque. Aí também ele notou duas populações: encarnados bebendo e desencarnados tentando arrebatá-los os copos. Cenas insólitas de desencarnados discutindo violentamente entre si pela posse dos mesmos copos de uísque e garrafas de cerveja que nenhum deles conseguia arrebatá-los!

De tão bêbados que estavam, alguns soldados perdiam os sentidos. E, quando desmaiavam, George observava uma estranha e triste simbiose. Os desencarnados mergulhavam sobre os soldados bêbados, envolvendo-os fluidicamente para sorver o sabor do álcool que emanava de seus poros e de seu hálito.

Estava em movimento novamente e, à sua volta, havia apenas escuridão. George percebeu que sobrevoavam um lugar deserto e feio. E logo avistou gente lá embaixo. Sabia que nesse lugar havia apenas desencarnados. Quando seu raio de visão se expandiu, ficou horrorizado com o que via. Achou que estivesse em algum imenso campo de batalha: era uma multidão de seres maltrapilhos que se golpeavam, se mordiam, se estupravam, gritavam, gemiam, urravam...

— Mestre, onde estamos?

Para aquelas criaturas, aquilo era o inferno. Mas um inferno autoimposto, que poderiam deixar assim que procurassem a luz. E havia luz, aí mesmo, junto a eles. Uma imensidão de pontos luminosos pairava na extensão daquela

terrível escuridão. George viu que se tratava da presença de espíritos superiores que tentavam fazer contato com aqueles seres trevosos. Mas tão densas eram as trevas em suas consciências, tão obstinados no mal estavam esses seres irados e miseráveis, que os benfeitores espirituais não conseguiam penetrá-las.

George compreendeu por que o Filho de Deus lhe mostrava aquele lado macabro da vida após a morte. Dependendo do curso que o jovem soldado tomasse em sua vida terrena, um desses poderia ser seu destino após deixá-la por ocasião da morte física. Mas haveria outras opções mais alegres. George sentiu-se voar em uma velocidade estonteante, e logo teve a impressão de haver entrado em uma outra dimensão. Tão logo a velocidade diminuiu, avistou uma imensa cidade iluminada.

Aproximaram-se de uma região repleta de imensos edifícios, um lugar permeado de uma atmosfera de harmonia e paz. Nesses edifícios funcionavam colégios, universidades, laboratórios, bibliotecas com uma infinita quantidade de livros que contavam a história do universo. Pessoas vestidas em túnicas brancas caminhavam absortas, outras trabalhavam com diligência em seus afazeres. Eram estudiosos, cientistas e mestres que haviam avançado em suas jornadas evolutivas e agora contribuía para o avanço da humanidade, tanto encarnada como desencarnada.

Nos arredores, havia jardins e parques de beleza inefável. George ganhou altitude e do alto viu que se tratava

de uma imensa e gloriosa cidade espiritual. Um lugar habitado por seres que progrediram tanto intelectual como moral e espiritualmente. Era como se o Filho de Deus lhe perguntasse: “George, em qual dos lugares que lhe mostrei você seria mais feliz?”.

E o jovem soldado já havia tomado sua decisão: não faria nada que fosse contrário às leis de Deus e aos ensinamentos de Cristo.

Em um ímpeto, uma velocidade alucinante arrebatou-o daquela cidade iluminada. Quando o movimento cessou, demorou para reconhecer o local onde estava. Pareceu-lhe vagamente familiar, como um lugar onde havia estado em um passado distante. George ainda sentia a presença do Filho de Deus a seu lado quando avistou aquele corpo inerte sobre a cama. Intuitivamente sentia que tinha de retornar àquele corpo, mas muito se entristecia com a ideia de separar-se do Ser de Luz em cujo amor e compaixão havia se deliciado por, pelo que lhe pareceu, uma eternidade.

O jovem soldado sentiu como se sua consciência fosse se obscurecendo. A imagem daquela cidade iluminada que ainda brilhava em sua mente foi se ofuscando. A leveza que havia sentido, desde o momento em que se viu fora do corpo, esvaneceu-se. Sentiu uma forte pressão no peito; a garganta parecia estar em brasa de tanto que ardia. Queria enxergar mas algo lhe tapava a visão. Os braços pesavam como chumbo quando tentou levantá-los para remover o lençol que lhe cobria a cabeça.

Quando finalmente abriu os olhos, reconheceu o enfermeiro de plantão, que lhe sorria, dizendo:

— Ufa, Ritchie, que bom tê-lo de volta, camarada; achávamos que você já tinha ido.

Na verdade, George Ritchie fora declarado morto; o médico havia dado ordem ao enfermeiro de plantão que preparasse seu corpo para enviá-lo à família em Richmond. Mas, em um dado momento, o enfermeiro teve a impressão de ter visto um pequeno movimento em um de seus dedos. Como não tinham nada a perder, “George já estava morto mesmo”, o enfermeiro conseguiu, sem muito esforço, convencer o médico a aplicar-lhe uma injeção de adrenalina diretamente no coração: se não lhe fizesse bem, tampouco lhe faria mal. Não era normal no Exército norte-americano um médico militar submeter-se à opinião de um subalterno, mas aquele médico não opôs nenhuma resistência e disse ao enfermeiro que preparasse a injeção.

Essa aventura, que lhe parecera uma eternidade, durou nove minutos. Foi o tempo que George permaneceu inconsciente, entre o desmaio na sala de raios X, o diagnóstico do óbito e a injeção de adrenalina que devolvera a vida a seu corpo.

Vida depois da vida

George Ritchie foi professor de Raymond Moody na Universidade da Virgínia, e foi o relato anterior, que costumava compartilhar com seus alunos, que chamou a atenção de Moody para o fenômeno e o levou a estudá-lo de forma sistemática.

Nas palavras de Moody em 1975 (ano de publicação de seu livro *Life after life*), “o mundo despertou para as experiências de quase-morte. Possivelmente isso ocorre desde o início da humanidade”.¹ Realmente, a experiência de quase-morte não é um fenômeno recente. Nós, em nosso perispírito, temos deixado o corpo físico desde que começamos a encarnar em mundos materiais. Situações que causam a prostração do corpo físico, tais como parada cardíaca, acidentes, afogamento e overdose, por exemplo, facilitam a saída do perispírito e amplificam as funções cognitivas, em muitos casos.

Portanto, o indivíduo fora do corpo material possui maior lucidez e capacidade de reter na memória o que ouve, vê, e sente – em ambas as dimensões: a física, quando deixa o corpo e permanece nos arredores, e a não física, quando penetra esferas existenciais mais sutis, o mundo espiritual.

O que poderíamos considerar mais ou menos recente acerca da EQM é sua divulgação ao público pela mídia, pela publicação de livros, pelos filmes baseados em fatos reais e pelos estudos científicos. Mas nem mesmo publicações são tão recentes assim. A pesquisadora Carol Zaleski, em seu livro *Otherworld journeys* [Jornadas em outros mundos, em tradução livre], encontrou relatos na literatura medieval.

Mas por que agora existem tantos casos assim? A resposta é simples. Os avanços na medicina e nas técnicas de reavivamento estão salvando a vida física de muitas pessoas na iminência da morte. E, ao passar por uma EQM, muitos querem compartilhar o que viram no outro lado da vida. É impressionante a quantidade de novos relatos em *sites* da internet e grupos dedicados ao fenômeno.

O que essas pessoas viram no outro lado da vida, todos nós o veremos algum dia, mas nem todos retornarão para contar. E os que retornaram para contar são pessoas de todas as idades – crianças, adolescentes, adultos, idosos, tanto homens como mulheres, independentemente de classe social, nível intelectual, religião, agnósticos, ateus, de todas as raças, em todos os lugares do mundo, quer creiam na vida após a morte quer não.

Em 1982, quando as investigações do fenômeno estavam em seu ápice, George Gallup, Jr. publicou os resultados de uma pesquisa elaborada para descobrir quantos norte-americanos haviam tido uma EQM. Só entre os adultos 8

mihões haviam tido alguma experiência mística associada ao fenômeno.²

Quinze anos mais tarde, em 1997, uma nova pesquisa elaborada pela US News & World Report determinou que 15 milhões de pessoas haviam tido uma EQM, representando um terço dos 45 milhões que haviam estado na iminência da morte.³

Dados da organização Near-Death Experience Research Foundation apontam que somente nos Estados Unidos ocorrem em torno de 780 casos de EQM, diariamente!⁴ Pesquisas da dra. PMH Atwater, uma das pioneiras em investigação de EQM ainda em plena atividade (e que também passara por EQM), revelam que 1 a cada 3 adultos na iminência da morte relata um episódio de EQM. Entre as crianças, a proporção cresce drasticamente, 3 em cada 5!⁵ Mas por que tanta diferença assim entre crianças e adultos? Por que mais crianças que adultos teriam essa experiência?

Os investigadores do fenômeno não descobriram a razão. Porém, encontramos no Espiritismo uma hipótese interessante. O espírito Emmanuel, que foi mentor do nosso grande finado médium Chico Xavier, diz que as crianças até os 7 anos de idade, como espírito, ainda estão em fase de adaptação em sua nova existência na Terra. Até essa idade o elemento espiritual e a matéria orgânica (o corpo físico) ainda não estão perfeitamente integrados.⁶

Então, levando isso em consideração, vamos ver o que ocorreria com uma criança na iminência da morte. O

elemento espiritual ainda não está completamente integrado ao corpo físico, conforme diz Emmanuel, e o corpo perdeu suas funções vitais. Nesta intensa condição de debilidade física fica extremamente fácil para o espírito de uma criança deixar o corpo físico. Portanto, da perspectiva espiritual, esta seria uma boa explicação do porquê de crianças relatarem mais EQMs que adultos.

Claro que não há como provar se de fato Emmanuel está correto. Contudo, há um fenômeno muito comum que ocorre em toda parte do mundo onde um espírito está em processo de desencarne (morte física), que corrobora a informação de Emmanuel. Quase todas as pessoas nos estágios finais de uma doença terminal ou bastante idosas cujo corpo está encerrando suas atividades físicas, estando conscientes, têm as chamadas visões no leito de morte.

Você já deve até ter visto algum familiar ou amigo nesse estágio conversando animadamente com alguém que só ele ou ela via, e, se você perguntasse com quem estava conversando, lhe diria o nome de alguém que já havia falecido. Nesse estágio final de transição ao mundo espiritual, são comuns também relatos de visões de belos jardins floridos, um imenso campo verde, ou pessoas vestidas de branco esperando-o no outro lado da vida.

Mas, se esses espíritos ainda estão no corpo físico, como podem ver desencarnados ou paisagens espirituais, e você, se estivesse ao lado, não? Porque aqui ocorre o oposto do que diz Emmanuel a respeito das crianças até os 7 anos de idade.

Enquanto na criança o elemento espiritual ainda não está completamente integrado ao elemento orgânico, o que facilita as percepções extrafísicas, no estágio do desencarne o elemento espiritual está em processo de liberação, uma vez que as atividades físicas do corpo preparam seu encerramento definitivo. Nesse caso, o elemento espiritual tampouco está totalmente integrado, e o desencarnante está em contato com as duas realidades – física e não física – ao mesmo tempo.

É possível que o número de EQM de adultos seja maior que a proporção 1 para 3. Crianças não são tão reservadas quanto adultos para se expressarem. Muitos adultos demoram anos para contar a alguém sobre uma EQM que porventura tenham experienciado. Existe o receio de ser ridicularizado ou taxado de louco, o que é muito normal, até mesmo por pessoas próximas. Mas eles gostariam de contar se alguém estivesse disposto a ouvir sua história. Essas experiências mudam – para melhor – a vida de quem as tem. Eles descobrem a verdadeira razão pela qual estão na Terra e, no processo, testemunham sua imortalidade.

Testemunhando a imortalidade

“Fui internada por problemas cardíacos”, contou uma senhora a Raymond Moody.

“Na manhã seguinte”, continuou ela, “comecei a sentir uma dor muito forte no peito. Apertei o botão de emergência e as enfermeiras vieram correndo. Sentia um grande desconforto e virei-me de lado. Foi quando perdi a respiração e meu coração parou de bater. Nesse instante ouvi as enfermeiras dizendo que tinham uma emergência. Percebi também que eu saía do corpo pelo lado da cama, entre o colchão e a grade de proteção, e descia ao solo. Em seguida comecei a subir, bem devagarzinho. Enquanto subia, via outras enfermeiras entrando no quarto, onde deveria haver umas 12 pessoas. Meu médico estava fazendo sua ronda e as enfermeiras o chamaram. Eu o vi entrar também. ‘O que ele está fazendo aqui?’, pensei. E continuei subindo, passei o lustre e parei um pouquinho antes de chegar ao teto. Sentia-me como se fosse um pedaço de papel que alguém havia lançado para cima. De lá do alto eu olhava para baixo e via tudo o que estava acontecendo. Meu corpo estava à vista, deitado na cama e cercado por

enfermeiras. Ouvi uma delas dizer: ‘Meu Deus, ela morreu!’.

“Vi outra enfermeira fazendo respiração boca a boca em mim e fiquei olhando para a sua nuca. Aliás, nunca mais me esqueci do estilo meio curto de seu corte de cabelo. Vi trazerem uma máquina para dar choque em mim. Via que a cada choque meu corpo pulava na cama, chegando mesmo a ouvir o barulho dos ossos. Foi a coisa mais horrível que vi até hoje. Vi-os golpeando meu peito e massageando meus braços e pernas; então perguntava-me: ‘Por que todo esse trabalho, se eu estou tão bem?’.”¹

Note nessa narrativa ao que eu me referia quando disse que nossa consciência não está presa no cérebro como um pássaro na gaiola. Antes de essa senhora sair do corpo, sua consciência se manifestava através do cérebro físico. E, quando o coração e o cérebro cessaram seu funcionamento normal, sua consciência e seu perispírito saíram do corpo físico, intactos, e continuaram sua existência independentemente, sem precisar dele.

Se você tivesse sido uma daquelas pessoas que atendiam essa senhora e tivesse visão psíquica, ou segunda vista, como se diz no Espiritismo, você teria se maravilhado com o que ocorria no plano extrafísico. Quando ela disse que se sentiu saindo do corpo físico, você veria ao redor da cabeça uma substância sutil, como se fosse uma névoa. A princípio,

sem forma, mas logo você veria se formar a cabeça, os cabelos, o rosto, os olhos, as orelhas... Em seguida ombros, torso, braços, e logo um ser totalmente novo iria se libertar, uma autêntica réplica da forma física que jazia inerte no leito.

Você a veria deslizar entre o colchão e a grade da cama. Em seguida, flutuando em direção ao teto, graciosa e suavemente, na mais absoluta liberdade, objetos materiais não impondo resistência alguma ao seu corpo perispiritual. Não mais regido pela lei da gravidade, agora em seu perispírito imortal, pairava no espaço como uma pluma soprada em suave brisa.

Nesse momento algo chamaria sua atenção. Olhando aquele corpo espiritual flutuando sobre você, veria uma incrível semelhança com o corpo físico abaixo, com algumas melhorias. Pele bem mais suave, rosto rejuvenescido, dentes alvos e perfeitos seriam alguns aspectos visíveis de sua aparência renovada. Ela poderia ter emergido à realidade extrafísica com roupa similar à que vestia o corpo físico do qual acabara de se retirar, porém de um material mais refinado que a seda; ou da mesma maneira que veio à Terra quando aqui reencarnou – nua como um filhote de passarinho. Independentemente do que cobria o perispírito, se algo o cobrisse, você teria certeza de que havia uma conexão com o corpo lá embaixo. Se um ser querido que já deixou a Terra fosse aparecer para você, é assim que você o

veria – pela aparência de sua última encarnação, assim você o reconheceria.

Olhando mais uma vez entre os dois corpos – o físico e o flutuante –, outra coisa lhe chamaria a atenção. Você veria que algo os conectava, um cordão energético de tonalidade prateada que, pela curta distância entre os dois corpos, se assemelhava ao cordão umbilical de um recém-nascido. Uma ponta estaria ligada à frente, à garganta ou à região abdominal do corpo físico, e a outra à nuca do perispírito. Observando mais atentamente, você veria que esse cordão não é estático. Pareceria pulsar com a energia que corria do perispírito ao corpo físico, fonte de vida que o mantém íntegro.

Perguntada sobre o que havia visto na UTI quando estava fora do corpo, Celi disse-me muito mais coisas que apenas seu corpo na cama, conectado a fios e monitores. Aliás, ela me pegou de surpresa. Eu tinha ideia de algumas perguntas que faria, mas essa não me passou pela cabeça. Raramente ouve-se esse detalhe em relatos de EQM.

— Que mais lhe chamou a atenção? — indaguei.

— Hmm... o cordão — respondeu.

— Nos monitores?

— Não. Havia um cordão que saía do corpo e vinha em minha direção. Acho que na nuca.

— Como era esse cordão?

— Parecia um tipo de corda.

— Tinha cor?

— Parecia prateado.

Se nesse momento em sua observação você parasse para fazer uma analogia entre o nascimento de um bebê para a vida física e o que acabara de ver nesse episódio de EQM, chegaria a uma surpreendente conclusão. O nascimento e a morte são eventos similares, com destinos opostos. A criança que nasce acaba de sair do mundo espiritual para mais uma jornada de aprendizado no mundo físico. O corpo que morre liberta o espírito que estava na Terra nessa jornada de aprendizado, e o devolve ao mundo espiritual, nossa verdadeira pátria.

Você já deve ter ouvido a famosa frase de Pierre Teilhard de Chardin: “Nós não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual, mas sim seres espirituais passando pela experiência humana”.

Agora você sabe o que ele quis dizer com isso.

As dez fases da EQM

A EQM segue um padrão básico ao redor do mundo. As mais completas são compostas de dez fases similares. Contudo, nem todos vivenciam as dez fases, e alguns podem até vivenciar outras experiências distintas das básicas. Por exemplo, em vez de entrar no túnel e parar em um lugar paradisíaco, a pessoa sai do corpo e vai à sala de espera do hospital, onde tenta confortar os parentes, ou vai para casa, ou passeia em um parque na cidade, ou fica no hospital mesmo, até voltar ao corpo físico.

Eis as dez fases:

1. Sensação de estar saindo do corpo
2. Sensação de paz e bem-estar
3. Ver o que está ocorrendo
4. Na escuridão
5. Uma luz na escuridão/túnel
6. No mundo dos espíritos
7. Uma barreira no além
8. Revisão da vida e o *Ser de Luz*
9. Retorno ao corpo físico
10. Mudança de vida

Fase 1: sensação de estar saindo do corpo

Você já viu esta fase no relato anterior. Uma coisa que a senhora não mencionou foi a presença de ruídos internos e sons no momento em que deixava o corpo. É normal ouvir ou “sentir” sons como se estivessem amassando papel celofane. Isso se dá pela retirada da energia espiritual dos órgãos físicos, energia essa que vai formar o perispírito. Sons fortes na cabeça também são normais, chiados, zumbidos e um estalo no momento da separação. Falo dessas sensações por experiência própria durante episódios de desdobramentos conscientes, e conheço relatos semelhantes de pessoas que tiveram EQM. Outra possibilidade nesta fase é uma breve perda de consciência durante a saída; quando a pessoa se dá conta, já se encontra fora do corpo, às vezes um pouco confusa, sem saber o que está acontecendo.

Você notou também que durante esta fase o indivíduo separado do corpo físico ainda é capaz de pensar, enxergar, ouvir e falar – tudo isso através do corpo espiritual, não do físico, claro, uma vez que o físico está inconsciente, ou até mesmo clinicamente morto. Nesta fase o indivíduo se dá conta de que ainda possui um corpo e descobre, aqui mesmo na Terra, a sua imortalidade. Essa descoberta faz com que dê pouca importância àquele corpo sendo reavivado; ele descobre que a morte não causa o fim de sua existência, e deleita-se nessa revelação.

Eu tenho passado muitos anos pesquisando, palestrando e escrevendo sobre espiritualidade e imortalidade por duas razões. Primeira, para refamiliarizar as pessoas com a sua imortalidade. Digo refamiliarizar porque intuitivamente elas já sabem, mas nossa luta diária e constante pela sobrevivência física na Terra é tão árdua que muitos perdem o foco sobre seu aspecto espiritual. A segunda é reeducá-las para aquele momento não muito misterioso em que todos faremos a viagem de regresso ao mundo espiritual, nossa pátria natal, quando nosso trabalho na Terra terminar. Uma coisa posso afirmar: não tenha medo da morte, você continuará a existir.

Fase 2: sensação de paz e bem-estar

A vida na Terra é um campo de treinamento para a alma, e o corpo físico é o equipamento que utilizamos para realizar os exercícios que viemos fazer aqui. Como qualquer outro equipamento, embora este seja o mais sofisticado que se conhece, o corpo também se desgasta, às vezes muito dolorosamente. O corpo físico é para nós, espírito que somos, o que a lagarta é para a borboleta ou o casco para a tartaruga – um fardo pesado, porém necessário para sua existência.

Uma vez livres do peso da matéria, muitas pessoas passando por uma EQM relatam inefável sensação de paz e bem-estar. Tendo igualmente descoberto sua imortalidade,

se antes temiam a morte, agora perdem o medo, ou pelo menos o têm drasticamente reduzido.

Fase 3: ver o que está ocorrendo

Esta fase pode ser considerada a pedra no sapato dos cientistas materialistas. É também a fase na qual a veracidade do que alguns investigadores chamam de continuidade da consciência após a morte física – lembra-se de que eles não podem dizer espírito? – pode ser comprovada. Nós vimos esta fase no relato da senhora no capítulo anterior.

Como já mencionei, um grande número de casos de EQM ocorre quando o paciente está clinicamente morto. Como já disse também, na morte clínica o paciente está inconsciente, o coração não bate, ele não respira, o cérebro não recebe oxigênio e não registra atividade no eletroencefalógrafo. Portanto, o lobo occipital, localizado na parte posterior do cérebro e responsável pela visão, também está inativo, não recebe nem processa informação visual. E, mesmo que estivesse ativo, não receberia nenhuma informação visual porque os olhos de uma pessoa inconsciente estão, obviamente, muito bem fechados. Consequentemente, não capturam informação visual alguma para o lobo occipital processar. Contudo, mesmo nesse extremo estado tórpido, muitos relatam o que viam e ouviam ao seu redor ou, em muitos casos, abaixo deles.

Susto no necrotério

Eu estava no Hospital Crumpsall, perto de Manchester... Ainda tenho a cena em minha mente. Eu me via deitado em um leito. Havia uma jovem enfermeira. Ela me preparava para o funeral. Lembro-me de que pensava quão jovem ela era para estar fazendo uma coisa daquelas, ela até me barbeou. Eu vi tudo isso acontecendo. Eu estava separado do corpo, era como se eu fosse uma terceira pessoa. Eu nada sentia vendo aquilo, era como se estivesse olhando uma fotografia. Estive clinicamente morto por duas horas, e despertei no necrotério do hospital. O atendente quase morreu de susto! Eu sei que não era um sonho.¹

Você já percebeu e perceberá repetidamente que, quando a pessoa relata que via o que ocorria a seu redor, ou abaixo, via de uma posição fora do corpo físico. Quando nós, em espírito, deixamos o corpo material, o *locus* da consciência é transferido para o perispírito. A consciência não mais está confinada ao cérebro, uma vez que este pode nem estar funcionando. Essa transferência de consciência do físico para o não físico é o mais eloquente indicador de que a consciência não é um subproduto do cérebro e pode muito bem operar sem ele.

Existem dois campos de cientistas na investigação da EQM: os que querem comprovar que a consciência continua a operar após a morte do corpo e os que querem negar tal

possibilidade. Os que querem comprovar esforçam-se para confirmar a veracidade das informações fornecidas por aqueles que passaram pela EQM e os que querem negar nem se preocupam em ir mais a fundo. Simplesmente dizem que são sonhos, alucinações, ou fantasias criadas pelo cérebro para reduzir o temor da morte, e por aí vai. Não levam em consideração que um cérebro clinicamente morto não consegue produzir sonhos, alucinações ou fantasias neuronais. E eles deveriam saber disso melhor que ninguém. Não são neurocientistas?

Fase 4: na escuridão

Nas fases anteriores você notou que as pessoas, fora do corpo, permaneceram no ambiente físico. Por isso viram o pessoal médico, equipamentos e procedimentos sendo utilizados nos esforços de reavivamento. Resumindo, não saíram da dimensão física. Nos casos em que entram na dimensão espiritual ou extrafísica, muitos relatam um breve período de intensa escuridão.

Aqui voltamos à experiência de Celi. Continuando nossa entrevista, perguntei:

- Você ficou na UTI o tempo todo?
- Não — respondeu. — Às vezes eu saía.
- No hospital?
- Não, fora.
- Na cidade?
- Não, para outro lugar.

— Poderia explicar?

— A primeira vez, senti sede, então saí do quarto para procurar água.

Aqui você pode estar se perguntando por que ela sentia sede se estava em seu perispírito. Mas existe uma explicação plausível. Quando ainda estamos conectados ao corpo físico, ou até mesmo em casos de desencarne recente, podemos levar fortes impressões da vida física – sede, fome, frio, dor, ou até mesmo plasmar ferimentos no perispírito.

— Aonde você foi? — indaguei a Celi.

— Não sei exatamente. No início estava muito escuro, escuridão por toda parte...

Depois disso, Celi vivenciou a fase seguinte, e prosseguiu...

Fase 5: uma luz na escuridão/ túnel

— Estava para voltar ao quarto quando notei um ponto de luz. Fiquei olhando para ele e tive a sensação de que deveria segui-lo. Mas não tenho certeza se era eu que caminhava em sua direção ou se a luz é que vinha ao meu encontro. Ia aumentando à medida que se aproximava. Era uma luz intensa e cheia de paz. De repente toda a escuridão desapareceu e eu estava em um imenso campo verde cheio de gente vestida de roupa branca.

— Você reconheceu alguém?

— Não.

— Interagiu com eles?

— Também não. Eu fiquei lá um pouco e de repente estava de volta à UTI.

— Você só foi uma vez?

— Não, várias.

— Sempre ao mesmo lugar?

— Sim.

Celi não mencionou isso, mas muitas pessoas quando veem essa luz intensa temem que possa ferir seus olhos. Tal preocupação é igualmente um sinal da forte conexão com o corpo físico. Depois se surpreendem quando a olham diretamente e nada acontece. É comum também a pessoa se aproximar da luz e ver-se na entrada de um túnel e por ele viajar em grande velocidade, até chegar...

Fase 6: no mundo dos espíritos

Um aspecto muito interessante sobre a luz e o túnel é que ambos conduzem a pessoa em EQM a um local identificado como espiritual. Chegando lá, muitos reencontram entes queridos ou amigos desencarnados, ou outros seres espirituais que podem não reconhecer.

Quanto à escuridão (Fase 4) que precede a visão da luz, parece se tratar de algum tipo de barreira entre a dimensão física e a espiritual, sendo a luz ou túnel passagens ao mundo dos espíritos. Em todos os casos que conheço pessoalmente e em todo material que estudei desde o início das investigações do fenômeno, jamais encontrei um caso sequer em que a pessoa em EQM, depois da luz ou túnel, se

encontrasse em um lugar não espiritual. E tem mais! Ninguém relata haver visto entre os espíritos entes queridos ou amigos que ainda viviam fisicamente; todos os que veem estão desencarnados. Essas são fortes evidências de que a EQM é uma ocorrência espiritual que tem lugar fora do cérebro e fora da dimensão física. E não dentro do cérebro inativo como insistem os detratores do fenômeno. Um cérebro inativo, como mostra o eletroencefalógrafo, sequer produz a mais lenta das ondas, muito menos experiências tão espetaculares como vimos acima, e outras ainda mais, como veremos mais adiante.

O campo verdejante com que Celi se deparou ao ver dissipar a escuridão é um aspecto comum nos relatos de EQM. O caso abaixo é outro exemplo...

Um gostinho do paraíso

Vi-me então numa linda paisagem, a grama era mais verde do que qualquer verde na Terra, tinha uma luz, um brilho especial. As cores eram indescritíveis, as cores da Terra são monótonas em comparação. A luz era mais brilhante do que se consegue imaginar, palavras não são capazes de descrevê-las, é uma luz paradisíaca. Nesse lugar vi pessoas que já haviam morrido. Palavras não foram proferidas, mas era como se eu soubesse o que elas estavam pensando e, ao mesmo tempo, percebia que elas também sabiam o que eu estava

pensando. A paz que eu sentia transcende a compreensão.

Era uma sensação maravilhosa. Sentia-me uno com todas as coisas. Eu vi Jesus, mas a luz que Dele emanava era tão intensa que era capaz de cegar. Não queria sair de lá, mas alguém, senti como se fosse meu anjo guardião, disse, ‘Você precisa voltar, seu tempo na Terra ainda não terminou’. Senti um tipo de vibração, e estava de volta ao meu corpo.²

É possível que você já tenha sentido esse tipo de “vibração”, mesmo que não tenha tido uma EQM, dando-se frequentemente quando se está dormindo ou em relaxamento profundo. É uma ocorrência normal quando o perispírito se prepara para deixar o corpo físico, ou quando a este retorna.

Fase 7: uma barreira no além

Esta fase apresenta um paradoxo peculiar. Quase toda a humanidade, com raríssimas exceções, teme a morte. Inclusive, obviamente, a pessoa que teria uma EQM. Então, ela passa por uma EQM, descobre que a vida continua, vê-se em um ambiente espiritual de imensa beleza, reunida com seres queridos que pensava desaparecidos para sempre. Depara-se com uma barreira e sabe, intuitivamente, que se transpassá-la não mais retornará à vida física. E mesmo assim são tentadas a prosseguir, mesmo sabendo que seria o

fim de sua história terrena. A barreira pode ser tangível ou intangível, ou seja, em lugar de vê-la, a pessoa em EQM sente que, se passar, vai ficar lá. Então entra o paradoxo.

Antes de saber o significado da morte, temia-a e não queria morrer, mas, ao descobrir que não morre, insiste em ficar, o que causaria sua morte física. A barreira pode ser representada de várias maneiras, um rio, um portão, uma ravina ou...

Uma cerca no além

Eu “morri” durante uma parada cardíaca, e logo estava em um campo ondulado. Era lindo, tudo era de um verde intenso – um tom distinto do de qualquer coisa na Terra. Havia luz, linda luz, todo ao meu redor. Olhei adiante e vi uma cerca a distância. Caminhei em sua direção, havia um homem do outro lado, que vinha a meu encontro. Eu queria aproximar-me dele, mas uma força irresistível puxava-me para trás. Ao voltar, vi-o virando-se e caminhando na direção oposta à cerca.³

Fase 8: revisão da vida e o Ser de Luz

Vimos um exemplo de revisão da vida no relato de George Ritchie, experiência que o guiou nos 62 anos seguintes, até seu desencarne em 2007, aos 84 anos. A revisão da vida parece ser uma prática comum do ser humano quando o fim de sua permanência na Terra se aproxima, ou durante a EQM. Em minha experiência com

pacientes terminais como voluntário em *hospice*, presenciei isso várias vezes. Quando perguntava aos pacientes se estavam satisfeitos com o que haviam feito nesta vida, a resposta era geralmente não, que poderiam ou deveriam ter agido de modo diferente em muitas circunstâncias.

Esta fase é uma grande lição para nós também, enquanto aguardamos nosso retorno ao mundo espiritual. Sabendo que teremos de prestar contas de nossas ações à nossa própria consciência, poderíamos fazê-lo agora, corrigir o que não está bem, e assim evitar tristeza e vergonha maiores no futuro, seja ainda nesta vida seja na próxima.

Eu aprendi com pacientes terminais que rancor, ódio, remorso, não perdoar e outros sentimentos negativos são terríveis impedimentos para uma passagem calma e pacífica. Como você já viu e verá mais adiante, a morte do corpo não apaga a memória de quem somos e do que fizemos. Tanto nesta vida como na próxima, a qualidade de nossos pensamentos, sentimentos e ações e as consequências que inevitavelmente nos trarão ditarão a qualidade de nosso estado mental e de nossa vida. Aqui ou lá seremos felizes ou infelizes conforme o uso que fazemos do nosso precioso tempo em nossa eterna jornada de evolução espiritual, moral e intelectual.

Nosso destino está em nossas próprias mãos, e em nossas próprias mãos está também o poder de mudá-lo, se assim o desejarmos. Em uma linda mensagem, Chico Xavier

escreveu que ninguém consegue mudar o passado, mas qualquer um pode começar agora a mudar o futuro. Nunca é tarde para se arrepender do mal feito e iniciar uma nova vida. A revisão da vida que faz a pessoa em EQM, em tempo da Terra, leva apenas alguns segundos, mas é extremamente intensa e detalhada. Durante a revisão geralmente há a presença de um Ser de Luz que o guia durante o processo, com muito amor e compaixão, sem nenhum julgamento ou repreensão.

Conforme o que veja na revisão, a pessoa em EQM pode sentir-se envergonhada ou arrependida de seus erros, especialmente se causou dor ou infelicidade a outros, pior ainda quando os outros são seres queridos – cônjuges, pais, filhos, amigos. Não apenas veem suas ações equivocadas, mas sentem no âmago do próprio ser a dor e a mágoa que sentiram aqueles a quem ofenderam e magoaram. O que aprende nesta fase leva-o a modificar-se quando regressa à vida física.

Morrendo para aprender

Veja o relato desse homem passando por uma revisão em EQM, causada por uma queda quase fatal. Você vai ver que este tampouco queria voltar.

Toda a minha vida desenrolou-se a minha frente. Sentia-me envergonhado cada vez que alguma estupidez que tinha feito se apresentava. Sentia uma

“presença” que me dizia: “Sim, você fez essas coisas, mas ao mesmo tempo você aprendia”. Foi-me então comunicado que eu deveria voltar. Eu não queria voltar, mas compreendi que ainda tinha muito trabalho a fazer na Terra.⁴

Fase 9: retorno ao corpo físico

Este é outro momento paradoxal na EQM. Pergunte a qualquer pessoa se ela quer morrer. A palavra morte ainda é tabu em nosso planeta; nem pensar no assunto alguém quer, quanto mais morrer. Quando diagnosticada com uma doença terminal, a primeira reação da pessoa é a negação, podendo chegar ao desespero. Então vem a EQM e ela se acha no mundo espiritual. Alguém lhe diz ou ela sente que precisa voltar à vida física, mas ela não quer mais: prefere ficar morta!

Mas há exceções, como veremos mais adiante, em casos de EQM por tentativa de suicídio ou overdose, quando a pessoa em EQM reconhece o erro e quer voltar para corrigir-se. A maioria dos casos, porém, é de experiências positivas, e essas gostariam de ficar se lhes fosse permitido.

Voltando na marra

Pam Reynolds, cuja extraordinária experiência veremos no Capítulo 9, teve uma EQM durante uma cirurgia extremamente difícil. Ao chegar à dimensão espiritual, viu sua avó desencarnada chamando-a. Outros parentes também

estavam presentes. Em dado momento foi-lhe dito que precisava voltar, que sua hora de ficar ainda não havia chegado. Um tio a acompanhou de volta ao hospital. Quando Pam viu o corpo na mesa de cirurgia, ela se apavorou e recusou-se a entrar. Tanto relutou que para entrar no corpo o tio teve que empurrá-la.⁵

Fase 10: mudança de vida

É comum, como vimos no relato de George Ritchie, a pessoa em EQM dizer que ao se aproximar do Ser de Luz este lhe pergunta: “O que você tem feito de sua vida para me mostrar?”. Essa pergunta, sobretudo se a vida até então não tem sido vivida em grande nobreza moral, pode ter um efeito doloroso, mas esclarecedor ao mesmo tempo. Doloroso porque a pessoa sente nas profundezas da alma o remorso pelo mal causado, e esclarecedor porque descobre a verdadeira razão de sua existência – aprender a amar e adquirir conhecimento. Emmanuel, por intermédio da mediunidade de Chico Xavier, disse que o amor e o conhecimento são as duas asas que nos conduzirão à perfeição infinita.⁶ E os relatos de EQM corroboram essa afirmação.

Uma vez de regresso à vida física para dar continuidade ao aprendizado terreno, a maioria dessas pessoas muda sua vida radicalmente. Primeiro, perdem ou sentem reduzido o temor à morte. Próximo ao final de minha entrevista com Celi, perguntei se ela tinha medo de morrer.

— Nenhum — respondeu. — A vida continua — acrescentou.

Outra mudança positiva é tornar-se mais amáveis e mais tolerantes com as pessoas, uma vez que descobrem a grande irmandade que é a humanidade. Perdem também ou veem reduzido o fascínio pelo materialismo, direcionando mais seu tempo e energia a serviço do bem e em auxílio ao próximo. Sua nova visão da vida é que esta é um presente divino, a ser apreciado a todo momento.

Em muitos casos a necessidade de adquirir conhecimento torna-se urgente, até mesmo motivando a retomada de estudos acadêmicos. Compreendem também a importância do aspecto moral, e esforçam-se para realizar os ajustes necessários. Essa descoberta que fazem durante a EQM é um dos ensinamentos do Espiritismo que, se colocado em prática, facilitará muito nossa vida, tanto a atual como as futuras.

O espírito deve avançar em ciência (conhecimento) e em moralidade; e, se ele não progride senão num sentido, é necessário que progrida também no outro para alcançar o alto da escala. [E] quanto mais o homem avança na sua vida atual, menos as provas seguintes são longas e penosas.⁷

Dentre essas mudanças, há relatos de pessoas que, ao regressar, descobriram talentos artísticos que até então desconheciam, e também casos de desenvolvimento

psíquicos espontâneos, tais como clarividência ou cura magnética.

Os efeitos positivos da EQM levaram o dr. Sam Parnia, o mais ativo investigador desse fenômeno na atualidade, a falar da importância de mapear as áreas do cérebro envolvidas na “produção” da EQM. Mas por que ele acha importante tal mapeamento? Em sua visão médica materialista, para desenvolver medicamentos que estimulem essas áreas e recriem os efeitos positivos da EQM, tratando assim problemas psicológicos e psiquiátricos.⁸

Aqui você deve estar se perguntando, como eu o fiz ao ler essa ideia de Parnia: se em muitos casos de EQM o cérebro nem apresenta atividade, obviamente a EQM não ativa nenhuma parte do cérebro, e se o fizesse haveria manifestação de atividade no eletroencefalógrafo. Portanto, nenhum medicamento vai provocar os efeitos positivos da EQM. O que provoca a EQM, isto é, a emancipação do espírito, não é a atividade do cérebro ou do corpo. Muito pelo contrário! É a inatividade de ambos. Para induzir uma experiência fora do corpo, por exemplo – e falo isso por experiência própria –, a primeira coisa a se fazer é reduzir tanto a atividade física como a mental. O corpo precisa entrar em estado de torpor, o que reduz a atividade cerebral, e quando se deixa o corpo físico as funções cognitivas são imediatamente transferidas ao perispírito, e o corpo físico entra em catalepsia, uma espécie de paralisia, até o retorno do espírito que o mantém vivo.

Durante a EQM, o corpo está tórpido, o cérebro está inativo em certas condições, o que facilita ainda mais à pessoa – ser espiritual que é – retirar-se momentaneamente, ou permanentemente, quando findar seu trabalho na Terra.

Mas se o dr. Sam Parnia, um médico renomado, respeitado e ativo investigador do fenômeno, sabe que em muitos casos não há atividade cerebral, por que dá essa sugestão? Porque para ele, assim como para outros investigadores que não creem na existência de algo em nós capaz de sobreviver à morte física, a EQM nada mais é que uma fantasia neuronal, ocorrendo antes da cessação da atividade cerebral ou após sua normalização. Mas nunca durante o período de inconsciência. E por que não creem que possa ocorrer durante o período de inconsciência ou morte clínica? Aqui entra outro paradoxo. Porque não há atividade cerebral! E sem atividade cerebral, para eles, o ser humano deixa de existir!

Contudo, casos e mais casos de EQM mostram que não é bem assim. Se a ciência materialista estivesse correta, como a pessoa em EQM poderia ser capaz de sentir, ver, ouvir, pensar e gravar na memória os eventos que vivencia durante o período de inconsciência? E, mais tarde, após o reavivamento, contar em mínimos detalhes esses eventos?

Talvez esta seja a razão...

A consciência não está no cérebro

Se você é fã de Johnny Depp, deve ter visto *Sombras da noite*. Seu personagem, o excêntrico vampiro Barnabas Collins, é exumado acidentalmente em 1972. O mundo havia mudado muito desde que ele fora sepultado, duzentos anos antes. Quando Barnabas vê um televisor pela primeira vez, Karen Carpenter, vocalista do famoso grupo Carpenters, canta seu grande sucesso “Top of the world”. Aterrorizado, ele ataca o televisor.

— Que bruxaria é essa? — Arrancando a tomada da parede, ordena esbravejante: — Saia daí, cantorazinha!

Como você bem sabe, Barnabas poderia ter despedaçado o televisor, tudo que encontraria seriam parafusos, fios e, por ser um televisor de 1972, válvulas, mas nem a cantorazinha ou qualquer outra programação a seguir apareceria. Mas por que não? Porque o televisor é um equipamento especializado, desenhado para captar, decodificar e projetar na tela imagens visuais e ondas sonoras dispersas no espaço. O aparelho não produz essas imagens nem os sons. Quando você liga o televisor e o coloca em um certo canal, ele recebe, decodifica e transmite as imagens e os sons da programação sintonizada com aquele

canal. Essas imagens e sons acham-se dispersas no espaço, tendo sua origem em algum lugar no planeta. Quando desliga o televisor, você não mais consegue ver as imagens, mas elas continuam existindo. De maneira nenhuma elas deixam de existir.

Portanto, Barnabas poderia ter reduzido o televisor a pó, que a cantorazinha continuaria cantando em algum outro lugar! Obviamente ele não mais a veria, uma vez que destruíra o aparelho através do qual a imagem se manifestava, mas a imagem permaneceria intacta, sem nenhum arranhão. A imagem e o som eram independentes do aparelho criado para manifestá-los.

No que concerne à consciência, ou ao espírito, essa analogia é perfeita para entender a relação entre o cérebro e a consciência ou a mente. O cérebro e seus componentes – tronco cerebral, córtice, cerebelo, hipocampo, tálamo, hipotálamo, lobos, neurônios etc. – produzem e transmitem elementos físicos, tais como hormônios e neurotransmissores. E, assim como o televisor não produz imagens e sons, o cérebro não produz a consciência. O cérebro simplesmente processa a consciência quando estamos integrados na realidade física.

Wilder Penfield, neurocirurgião canadense já desencarnado, passou mais de trinta anos de sua carreira procurando a consciência no cérebro. Especialista em cirurgia cerebral para controlar casos graves de epilepsia, operou mais de 750 cérebros, mantendo os pacientes

conscientes durante os procedimentos. Declarou Penfield pouco antes de seu desencarne:

Supor que a consciência ou a mente tem uma localização é fracassar na compreensão da neurofisiologia...¹ De minha parte, após uma vida profissional inteira tentando descobrir como o cérebro explica a mente, surpreende-me agora descobrir após esta análise final que a hipótese dualista (separação entre mente e cérebro) parece ser a mais razoável entre as duas explicações...² A mente entra em ação e deixa de agir conforme os mecanismos cerebrais mais elevados, é verdade. Mas a mente tem energia. Um tipo de energia distinto dos potenciais neuronais que fazem os percursos axoniais. E paro por aqui. ³

Na atualidade, neurocientistas ao redor do planeta estão gastando incontáveis horas de trabalho em laboratórios ultramodernos e investindo milhões de dólares em sofisticados equipamentos para estudar o cérebro. Investigadores enfocados no estudo da consciência nesses laboratórios esforçam-se para localizar a parte do cérebro que a produz – aquela elusiva parte do ser humano responsável pela personalidade, humanidade, caráter, virtudes, conhecimento, talentos, bondade, capacidade de amar ou de odiar, maldade, emoções etc.

Encontrarão eles algum dia a consciência dentro do cérebro? Eles encontrarão a consciência dentro do cérebro

quando o vampiro Barnabas encontrar a cantorazinha dentro do televisor. E, assim como ela sobreviveria à destruição do televisor, a consciência sobreviverá à destruição do cérebro, porque ela não está lá.

Então...

Onde está a consciência?

Três regiões cerebrais figuram repetida e proeminentemente nos estudos dos mecanismos relacionados a atenção, negligência e consciência, notadamente o córtice parietal posterior, o pré-frontal e a região medial centralizada no *cingulate gyrus*.⁴

Essas três regiões são partes do córtice cerebral.

Se você perguntasse a um neurocientista exatamente em que região do cérebro localiza-se ou é produzida a consciência, ele possivelmente dirá que não sabe ao certo, ou poderá sugerir algum lugar. Mas, se você perguntar uma região em geral, certamente ele dirá que é no córtice cerebral, ou massa cinzenta. “Mas por quê?”, você poderia questionar. “Porque”, responderia ele, “no córtice cerebral se encontram as regiões envolvidas nas atividades como fala, audição, visão, pensamento, sonhos, percepção, aprendizado, emoções, memória, coordenação motora etc., e tudo isso está associado com a consciência.”⁵

Suponhamos que você é uma daquelas pessoas curiosas – e chatas – e decide azucrinar a vida do neurocientista. “E

se a pessoa não tiver córtice cerebral?”, você pergunta. Pela expressão do neurocientista, você vê que ele não gostou nem um pouco da sua pergunta. Afinal, acabara de dizer que no córtice cerebral se encontram as regiões envolvidas nas atividades como fala, audição, visão, pensamento, sonhos, percepção, aprendizado, emoções, memória, coordenação motora etc., e tudo isso está associado com a consciência.

Portanto, voltando à sua pergunta, sem o córtice cerebral, essas atividades não podem existir, tampouco a consciência, certo?

Não, não é bem assim!

A anencefalia, do grego, “ausência de cérebro”, é uma deficiência congênita caracterizada pela ausência da “parte frontal do cérebro” e da parte “pensante” e responsável pela coordenação. As outras partes do cérebro geralmente não possuem cobertura óssea ou de pele. Somente nos Estados Unidos 1 a cada 4.850 nascimentos apresenta algum nível de anencefalia.⁶ Como veremos mais adiante, muitas dessas crianças mesmo sem o córtice cerebral possuem consciência, pelo menos o suficiente para desafiar os preceitos da neurologia convencional que afirma que sem o córtice não há vida cerebral.

Você está mesmo inspirado e não se intimida com a cara feia do neurocientista, e manda outra: “E, se em lugar do córtice cerebral a pessoa tivesse água na cabeça, ela teria consciência, visão, emoções, percepção?” Imagine só a reação dele agora!

Um tipo raro de anencefalia é a hidrocefalia; hidro, do grego água. Na hidrocefalia o córtice cerebral (e seus hemisférios responsáveis pela consciência) está ausente e é substituído por bolsas cheias de fluido cerebrospinal.⁷

Bjorn Merker, um neurocientista sueco com PhD pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), estudou várias crianças com hidrocefalia e publicou os resultados num trabalho intitulado *Consciousness without a cerebral cortex: a challenge for neuroscience and medicine – 2007* [Consciência sem um córtice cerebral: um desafio para a neurociência e a medicina, em tradução livre]. Relatou Merker sobre suas observações:

Essas crianças não apenas estão despertas e frequentemente alertas, mas também reagem emocionalmente aos estímulos de seus arredores, ou orientam-se através de eventos do ambiente. Expressam emoções de prazer com um sorriso ou risadas, ou agitação, curvando as costas e chorando, seus rostos animados por esses estados emocionais.⁸

Academicamente, Merker não foi o único neurocientista a estudar crianças anencéfalas ou hidrocéfalas. Em 1999 o neurologista pediátrico dr. Alan Shewmon e sua equipe estudaram “quatro crianças entre 5 e 17 anos de idade com malformação congênita envolvendo ausência total ou quase total do córtice cerebral”.⁹ De acordo com a teoria neurofisiológica tradicional, para se ter consciência é

necessário o funcionamento neocortical (quer dizer, é necessário um córtice cerebral integral e que funcione), e crianças nascidas sem os hemisférios necessariamente permaneceriam indefinidamente em estado de desenvolvimento vegetativo.¹⁰ Mas não foi bem isso que Merker e Shewmon encontraram nos casos que investigaram.

Talvez a lição mais importante que essas crianças ensinaram a Merker e Shewmon foi que a teoria neurofisiológica tradicional precisa ser revisada, e com urgência! Pois mesmo sem o córtice cerebral as crianças eram capazes de distinguir pessoas e lugares conhecidos e desconhecidos, mostravam interação social, preferência musical, aprendizagem associativa, resposta afetiva apropriada e orientação visual funcional.¹¹

Contudo, de acordo com a teoria neurofisiológica tradicional essas reações não seriam possíveis porque essas crianças não possuíam córtice cerebral, o qual, pelo seu entendimento, produz a consciência. Mas, desafiando essa teoria, essas crianças apresentavam alguns níveis de consciência mesmo sem córtice, e isso mostra claramente que a consciência não é produzida pelo cérebro.

E tem mais. Para se ter visão, em qualquer nível, não é necessário apenas um par de olhos saudáveis. É necessário também um lobo occipital saudável, diz a neurofisiologia. “A informação visual é transmitida pelos olhos e processada no lobo occipital (localizado na parte posterior do córtice).

Impulsos das retinas de ambos os olhos são recebidos por essa parte do córtice”,¹² o que nos permite ver. Aprendemos também com a neurociência que “danos causados no córtice visual, localizado na superfície do lobo occipital, podem resultar em cegueira devido aos orifícios no mapa visual”.¹³

Suponha que você ainda esteja azucrinando aquele neurocientista.

“E se alguém nasce sem o lobo occipital?”, você pergunta. “Ou sem o córtice visual. Ele poderia enxergar?”

Você já deve ter ouvido nosso famoso ditado “em terra de cegos, quem tem um olho é rei”. Vamos supor que duas pessoas não possuam lobos occipitais e córtice visual saudáveis, mas tenham uma pequena parte destes, bem rudimentar; e outras duas não tenham absolutamente nada. Mesmo sem ser neurologista, convencional ou não, não hesitaríamos em crer que as duas pessoas que possuem aqueles pequenos fragmentos é que seriam reis dos dois que não têm nada. Se um desses grupos fosse ter visão, ou, desafiando ainda mais a neurofisiologia, se ambos os grupos fossem ter visão, o que melhor a teria seria o grupo com pelo menos algo dos órgãos por ela responsáveis, não o que estivesse totalmente desprovido destes. Não parece ser essa a conclusão mais lógica? Mas não foi o que o dr. Shewmon e sua equipe descobriram.

Ironicamente, elas (as crianças sem córtice visual) possuíam melhor visão apesar da total ausência do

córtice occipital, em contraste com as outras duas, que demonstraram menor nível ou total ausência de visão, apesar dos vestígios do occipital.¹⁴

Embora a faixa etária das crianças investigadas pelo dr. Shewmon fosse entre 5 e 17 anos, bebês anencéfalos ou hidrocéfalos raramente chegam a essas idades. “Se o bebê não é natimorto, normalmente falece algumas horas ou dias após o nascimento.”¹⁵ Mesmo assim alguns sobrevivem mais tempo, até 3 anos ou mais.

Mas por que sobrevivem tão pouco tempo se podem ter consciência ativa e até mesmo visão, apesar de não terem cérebro?

Porque o corpo – o corpo – precisa do cérebro para sobreviver. “O cérebro controla todos os processos internos, tais como batimento cardíaco, digestão, respiração sem que sequer precisemos preocupar-nos com isso.”¹⁶ A sobrevivência do corpo físico, o aparelho material que nós, como espírito, usamos para nosso trabalho terreno, depende de um cérebro totalmente operacional para que tenhamos uma vida física saudável.

Quando deixamos o corpo físico, como nos casos de EQM aqui relatados, conseguimos pensar, falar, ouvir, sentir e nos mover sem a necessidade do cérebro, mas quando estamos integrados ao corpo físico é o cérebro que coordena essas e outras atividades responsáveis pela manutenção da força orgânica que mantém o corpo físico. O fato de a

consciência estar presente nessas crianças desprovidas de córtice cerebral mostra que a consciência não é um subproduto ou secreção do cérebro, mas que a consciência se manifesta através do cérebro enquanto estivermos no corpo físico. A razão pela qual a consciência manifesta-se limitadamente em crianças anencéfalas ou hidrocéfalas não é porque não possuem uma consciência “integral”, mas sim porque o cérebro é deficiente, o que o torna incapaz de fazer manifestar total consciência.

Se o televisor do vampiro Barnabas Collins estivesse defeituoso, ele não teria visto a cantorzinha em sua forma plena nem ouvido perfeitamente sua voz melodiosa. A imagem estaria distorcida, imperfeita, a voz chiando, desafinada, gaguejando ou muda. Contudo, o defeito não estava na imagem ou na voz que eram manifestadas, mas sim no aparelho através do qual se manifestavam. A imagem, uma entidade não física, tinha sua origem alhures, criada independentemente do aparelho, onipresente, integral e completa. Ela possui vida própria, porém, quando a vemos associada ao televisor – assim como a associação entre a consciência e o cérebro –, dá-nos a ilusão de que a imagem é parte integrante ou subproduto, do aparelho, mas não é.

Assim como quando o televisor está ligado, quando estamos despertos e ativos, nossa consciência – ou espírito – manifesta-se totalmente através do corpo físico e do cérebro. Mas quando o corpo está “desligado”, como nos

casos de EQM, desdobraimento ou morte, a consciência – ou espírito – se emancipa do corpo, sem se desintegrar ou deixar de existir.

Lições de amor

Se você, com sua segunda vista ou visão psíquica, estivesse presente no desencarne de uma dessas crianças nascidas com cérebros imperfeitos, maravilhar-se-ia com o que veria desenrolar-se à sua frente. Veria, emergindo daquele corpo incompleto, um corpo espiritual perfeito e totalmente vivo. Ao dirigir-lhe o olhar, você veria um lindo sorriso de alívio pelo fim daquela árdua experiência. Você poderia até perguntar: “Por que você já está indo embora? Ficou conosco tão pouco tempo! O que veio aqui aprender?”. “Desta vez”, ela responderia, “vim para ensinar, não para aprender”.

“Mas ensinar o quê?”, você pensaria, perguntando-se como poderia ensinar algo a alguém naquelas precárias condições físicas, em tão pouco tempo. A criança, agora um espírito perfeito pairando livre e graciosamente à sua frente, ouviria seu pensamento.

“Amor! Eu vim ensinar o amor a alguém, e meu trabalho já terminou. Agora estou voltando para casa.”

No capítulo anterior, vimos que uma das principais lições que a pessoa em EQM descobre que veio aprender aqui é amar. E Deus trabalha de maneira misteriosa para fazer-nos aprender essa preciosa lição. Quando você lê ou ouve o

que familiares de crianças anencéfalas dizem que aprenderam com elas em seu curto convívio, é tudo sobre amor, como se elas fossem anjos disfarçados. A avó de um garoto do Colorado, que sobreviveu três anos sem o cérebro, não poderia expressar-se mais claramente. “Ensinou sua família a amar e ser forte [...] Foi nosso herói porque nos mostrou a força que temos para enfrentar qualquer coisa.”¹⁷

Com essas crianças especiais aprendemos que a consciência não necessita de um cérebro completamente operacional para manifestar-se na vida física, embora limitadamente. Com o fenômeno da EQM, vamos além – aprendemos que a consciência pode sim manifestar-se total e integralmente, sem o cérebro, e sobreviver independentemente. Portanto, mesmo sem o corpo físico, a pessoa mantém sua identidade intacta, nada se perde e, ao contrário de a morte do corpo físico extinguir a consciência, a libera, dando-lhe mais capacidade e liberdade para transcender dimensões.

Veja agora um caso extraordinário de comprovação da independência da consciência e sua sobrevivência fora do cérebro.

Muito além da visão

Numa manhã de agosto de 1991, às 7h15, Pam Reynolds, de 35 anos de idade, fora levada à sala de cirurgia. Ela estava desperta e (fisicamente) consciente, mas não por muito tempo. Logo viria o anestesista para colocá-la em sono profundo, apagando-lhe a consciência. Pam tinha um aneurisma na artéria basilar, localizada na parte posterior do cérebro. O procedimento era de alto risco, um erro do cirurgião ou um pequeno movimento que Pam fizesse durante a cirurgia poderia ser fatal.

O cirurgião especialista era o dr. Robert Spetzler, diretor do Instituto Neurológico Barrow, na cidade de Phoenix, no estado do Arizona. Ele e um grande número de médicos iriam trabalhar juntos na cirurgia para remover o aneurisma. Para obter alguma chance de sucesso, medidas drásticas teriam de ser tomadas, começando com a drenagem de sangue do cérebro e bloqueio para que não entrasse mais. Em resumo, o dr. Spetzler ia fazer cessar a atividade cerebral de Pam. Ele havia desenvolvido uma técnica chamada parada cardíaca hipodérmica, alcançada pela diminuição da temperatura do corpo para 15,5°C. Como você sabe, a temperatura do corpo é 37°C; nessa temperatura

todos os órgãos funcionam normalmente. Abaixando-a para 15,5°C, o coração para de bater e a respiração é interrompida, e, sem sangue indo ao cérebro, cessa a atividade cerebral. E, como aprendemos com a neurociência, cessando a atividade cerebral, o cérebro deixa de “produzir” a consciência, e sem consciência as atividades que dependem do cérebro, tais como visão, audição, sensação, pensamento, memorização etc., também cessam.

Antes do procedimento, quando Pam já estava anestesiada, uma parte de seus cabelos fora raspada; as pálpebras foram lubrificadas e sobre elas foi colocado um adesivo, para que, caso despertasse, não conseguisse abrir os olhos. Com os olhos daquele jeito, ela nada conseguiria ver mesmo que estivesse desperta e consciente. Em cada ouvido foi inserido um aparelhinho para monitorar as células do nervo auditivo e bloquear a audição de som externo. Portanto, além de estar totalmente inconsciente pelo anestésico e, mais tarde, pela indução da parada cardíaca, os olhos de Pam estavam cerrados com adesivo e os ouvidos tapados com os aparelhinhos.

Tendo esses fatos em mente, podemos apreciar melhor o que vai ocorrer com Pam quando seu coração parar. Se a consciência humana fosse produzida pelo cérebro, no estado em que ela se encontrava, era impossível ver ou ouvir qualquer coisa. Muito menos mover-se! Suas pernas e braços foram firmemente imobilizados para impedir

eventual movimento durante a cirurgia, o que poderia ser fatal.

No entanto, nada do que fora feito ao seu corpo físico impediu-a de deixá-lo ou de ver e ouvir, nos mínimos detalhes, o que ocorria na sala de cirurgia. E foi mais longe – literalmente! Saindo da dimensão física, reuniu-se com entes queridos desencarnados que a esperavam no mundo espiritual. A experiência de Pam é uma das mais detalhadamente investigadas e documentadas na história da pesquisa de EQM, e uma das mais extraordinárias. Veja o que ela contou ao dr. Michael Sabom, que estudou seu caso:

A primeira coisa de que me lembro é o som. Era um ré maior natural [Pam era cantora]. Ao ouvi-lo, sentia que me puxava pelo topo da minha cabeça. E quanto mais distante do corpo eu ficava mais nítido era o som. Tinha a impressão de que era um tipo de caminho, uma frequência através da qual você viaja... Lembro-me de ter visto várias coisas no centro cirúrgico quando olhava para baixo.

Nunca me senti tão lúcida em toda a minha vida... Metaforicamente falando, era como se eu estivesse sentada no ombro do dr. Spetzler. Não era como uma visão normal. Era mais viva e mais focada que a visão normal... Havia muita coisa no centro cirúrgico que eu não reconhecia, e muita gente. [Lembre-se de que os

olhos de Pam estavam vedados com adesivo; ela estava anestesiada e fisicamente inconsciente.]

Achava que tinham raspado minha cabeça de um modo muito peculiar. Esperava que fossem raspar todo o meu cabelo, mas não rasparam...

Aquela serrinha [uma serra óssea de marca Midas Rex], cujo som eu odiava, parecia uma escova de dentes elétrica; havia um entalhe nela [foi a primeira vez que Pam tinha visto a tal serra], um entalhe no topo onde parecia que ia um cabinho, mas não tinha.. A serra tinha lâminas intermutáveis também, mas as lâminas estavam no que parecia ser um estojo.. Ouvi a serra ser ligada. Não os vi usá-la na minha cabeça, mas ouvi que estava sendo usada em alguma coisa. Fazia um zumbido meio alto, e de repente fez brrrrrr!

Enquanto o dr. Spetzler preparava a cirurgia, uma cardiologista procurava a artéria femoral e a veia na virilha direita de Pam. O sangue seria para alimentar a máquina de circulação extracorpórea, mas a médica achou as veias muito finas, fez um comentário a respeito disso, então preparou as veias da virilha esquerda, que eram mais grossas.

Prosseguiu Pam...

Alguém falou alguma coisa, que minhas veias e artérias eram muito finas. Acho que era uma voz de mulher, da dra. Murray, mas não tenho certeza. Ela era minha cardiologista. Lembro-me de que pensei que

deveria ter dito isso a ela... Lembro-me da máquina do coração-pulmões [era a máquina que resfriaria o sangue a 15,5°C]. Eu não gostava do respirador... Lembro-me de muitas ferramentas e instrumentos que não sabia o que eram.

Até aquele momento, aproximadamente 10h50 da manhã (três horas e trinta e cinco minutos após ingressar no centro cirúrgico), a parada cardíaca ainda não havia sido induzida. O coração de Pam iria parar de bater alguns minutos antes do procedimento para a remoção do aneurisma. A parada cardíaca e a cessação da atividade cerebral ocorreram por volta das 11h20. Cinco minutos depois o dr. Spetzler iniciou o espetacular e audacioso procedimento. E foi então que Pam Reynolds, anestesiada, clinicamente morta, com os braços e pernas imobilizados, deixou o centro cirúrgico para aventurar-se no outro lado da vida.

Senti-me como se estivesse sendo puxada, mas não contra minha vontade. Estava indo porque eu queria ir. Eu tenho algumas metáforas para explicar isso. Como o Mágico de Oz – sendo levado pelo vórtice de um tornado, mas sem aquele movimento giratório, tipo quando você tem uma vertigem. Você está bem focado e tem um lugar para ir. A sensação era como se estivesse subindo por um elevador em alta velocidade. Havia uma

sensação, mas não era física. Era como se fosse um túnel, mas não era um túnel.

Em determinado ponto no início do vórtice do túnel, senti minha avó me chamar. Mas não a ouvi com meus ouvidos... Era um tipo de audição muito mais nítida do que quando se ouve com os ouvidos. O sentimento era que ela queria que eu fosse até ela, então segui pelo túnel. Estava escuro, mas bem no final havia um pequeno ponto de luz que ia crescendo.

A luz era incrivelmente brilhante, como se eu estivesse sentada numa lâmpada acesa. Era tão brilhante que não conseguia ver se havia alguém do outro lado, mas eu sabia que havia gente ali. Então comecei a ver diferentes figuras na luz, elas eram luz, todas rodeadas de luz. Começaram a tomar forma, e as reconheci. Uma delas era minha avó. Reconheci muita gente. Meu tio Gene estava lá. Também estava minha tia Maggie, que na verdade era minha prima. No lado paterno, estava meu avô... Todos estavam especificamente cuidando de mim.

Não me permitiam ir mais adiante... Foi-me comunicado – essa é a melhor maneira de colocar, porque eles não falavam como eu estou falando aqui – que se eu penetrasse totalmente na luz algo aconteceria comigo fisicamente. E eles não conseguiriam colocar-me de volta no corpo físico, tipo eu tinha sobrepassado os limites e não conseguiriam reconectar-me. Eles não

me deixavam ir a lugar algum ou fazer qualquer coisa. Eu queria penetrar mais na luz, mas ao mesmo tempo queria voltar. Eu tinha filhos para criar.

No centro cirúrgico, a destreza do dr. Spetzler rapidamente removeu o aneurisma, e a máquina cardiopulmonar passou a aquecer o sangue de Pam. E logo os monitores passaram a registrar sinais vitais em seu corpo ainda inconsciente. Mas Pam ainda não havia regressado!

Eles [os parentes desencarnados dela] estavam me alimentando. Mas não pela minha boca, como quando se come, mas eles me nutriam com alguma coisa. A única maneira como consigo descrever é que era algo cintilante. Cintilante é a imagem que vejo. Definitivamente me recordo da sensação de estar sendo nutrida, alimentada e fortalecida. Sei que parece engraçado, porque obviamente não era uma coisa física, mas na experiência senti-me fisicamente forte, pronta para qualquer coisa.

De repente, por volta de meio-dia, algo grave aconteceu. O eletrocardiógrafo, que até então operava normalmente, passou a registrar atividade cardíaca desorganizada, indicando fibrilação ventricular, ou uma parada cardíaca de verdade. A temperatura do corpo foi rapidamente elevada, mas não resolveu. Duas pás de desfibrilador foram colocadas no peito dela, que lançaram 50 joules de eletricidade no

coração. Não funcionou. Cem joules! Nada! Quando os médicos se preparavam para abrir seu peito e massagear o próprio coração, o ritmo cardíaco começou a se normalizar.

Pam estava voltando.

Minha avó não me trouxe de volta pelo túnel, nem me mandou voltar. Apenas olhou para mim. Eu esperava que fosse com ela, mas foi-me comunicado que ela não iria. Meu tio disse que me acompanharia. Ele me trouxe de volta pelo túnel. Estava tudo bem. Eu queria voltar.

Quando cheguei ao fim do túnel vi aquela coisa, meu corpo, eu não queria entrar nele... Estava horrível, parecia que havia sido atropelado por um trem. Parecia exatamente como estava, morto. Acho que estava coberto [realmente estava]. Eu me assustei e não queria olhar para ele.

Foi-me comunicado que [para entrar] era como dar um mergulho na piscina. Mas eu não queria, acho que eu estava atrasada ou algo assim, porque ele [o tio] me empurrou. Senti uma repulsa, mas ao mesmo tempo o corpo me puxava para si. O corpo me puxava e o túnel me empurrava... Foi como se mergulhasse numa piscina de água gelada... Até doeu!¹

A realidade desse reencontro com entes desencarnados descrito por Pam Reynolds e a revisão da vida foi-nos revelado pela doutrina espírita há 160 anos.

Na sua reentrada no mundo dos espíritos, o espírito (em EQM ou desencarnado) aí reencontra todos aqueles que conheceu sobre a Terra, e todas as suas existências anteriores se retratam em sua memória com a lembrança de todo o bem e todo o mal que fez.²

Nas asas do espírito

Maria estava agitada, parecia ter algo importante que precisava falar com alguém. As enfermeiras que passavam pelo seu leito limitavam-se a verificar aspectos de sua saúde física, e, talvez em razão do inglês limitado da lavradora hispânica de meia-idade, não faziam mais esforços além do necessário para saber como ela se sentia fisicamente.

Na mudança de turno, a enfermeira que entrou receou que Maria pudesse ter uma recaída e telefonou para Kimberly Clark, a assistente social do hospital que estivera com Maria várias vezes durante os últimos três dias, desde os primeiros momentos em que havia sido internada.

Maria havia vindo a Seattle visitar alguns amigos, quando sofrera um enfarto e fora levada à emergência do Hospital Harborview, naquela cidade, no estado norte-americano de Washington. Maria estava conectada a um monitor cardíaco, com eletrodos instalados em várias partes do corpo, do peito às panturrilhas, quando Kimberly a viu pela primeira vez. E assim permaneceu; portanto, não havia como deixar o leito ou seu quarto, onde continuou até o dia em que recebeu alta.

Na manhã do quarto dia depois que Maria dera entrada no hospital, Kimberly tomava café e organizava os afazeres do dia em seu escritório. De repente soou estridentemente o alarme que anuncia à equipe médica de emergência quando alguém sofre uma parada cardiorrespiratória.

Como já disse anteriormente, durante a parada cardiorrespiratória, aquela linha no eletrocardiograma (ECG), que antes era de picos e vales, que indicam o batimento normal do coração, torna-se uma linha reta horizontal. Nessa condição, o paciente morre se nenhuma providência para reanimá-lo for tomada, tais como massagem cardíaca, choques ou até mesmo injeção de adrenalina, como fizeram em George Ritchie, cuja história consta neste livro. Em virtude da parada cardiorrespiratória, cessa a circulação do sangue e o cérebro deixa de receber oxigênio, iniciando-se assim a morte cerebral. Então, os médicos ou familiares do paciente já podem autorizar a remoção imediata dos órgãos para doação, por exemplo. E nessas condições, segundo a ciência convencional, o paciente é incapaz de pensar, raciocinar, ver, ouvir e, obviamente, gravar qualquer coisa na memória, pois clinicamente está morto. E morto não pode ter consciência de nada!

Naquela manhã, a paciente que sofrera a parada cardiorrespiratória e que estivera nas condições acima descritas era Maria. Já inconsciente, ela imediatamente ficou rodeada de médicos, enfermeiros e um terapeuta

encarregado de cuidar da respiração da paciente. Essa equipe de emergência tentava, freneticamente, restabelecer a respiração e o funcionamento normal do coração daquela senhora. Golpearam e massagearam seu peito, introduziram tubos em sua traqueia para levar ar a seus pulmões, conectaram-na a um aparelho portátil para monitorar a atividade cardíaca etc. Até que, finalmente, o esforço foi recompensado e conseguiram normalizar o funcionamento do coração e, conseqüentemente, a atividade cerebral. Maria permaneceu inconsciente por algum tempo, porém seu quadro clínico era estável.

Kimberly acompanhava o estado da paciente e, seis horas mais tarde, foi informada de que ela já havia recobrado a consciência e respirava sem necessidade de aparelhos.

Mas alguma coisa muito estranha acontecera com Maria durante o período em que estivera próxima da morte, e isso a estava deixando extremamente agitada. Aliás, fora por isso que a enfermeira pedira que Kimberly fosse ver a paciente para tentar acalmá-la, antes que tivesse outro enfarto.

Assim que viu Kimberly entrar, Maria sentou-se na cama e começou a gesticular freneticamente, passando a falar em seu espanhol nativo, e, apesar de Kimberly conhecer um pouco o idioma, não entendia nada do que Maria estava dizendo. Kimberly teve que sacudi-la pelos ombros para que se acalmasse e voltasse a se deitar.

Maria queria contar alguma coisa, mas parecia não encontrar palavras. Kimberly limitou-se a lhe dizer:

— Tudo bem, Maria, tudo bem. Respire fundo.

Maria levantou o olhar e apontou para um canto do teto.

— Eu estava lá em cima e vi tudo o que aconteceu aqui embaixo.

— O que exatamente você viu, Maria? — indagou Kimberly, curiosa, mas sem saber a que Maria se referia.

— Tudo... Os médicos, as enfermeiras, a correria... — Maria deu todos os detalhes: a posição de cada um no quarto, o que cada um estava fazendo e o que conversaram. Falou da aparelhagem utilizada e sua localização e do papel que saía continuamente do eletrocardiograma. Tudo de forma precisa e correta.

Estalando os dedos, Maria acrescentou:

— De repente estava do lado de fora do hospital, suspensa no ar e olhando para a entrada da sala de emergência.

E Maria passou a dar detalhes corretos sobre aquela entrada do hospital; falou como os veículos que por ali passavam trafegavam no local e como a porta automática se abria e fechava.

Apesar da exatidão dessas informações, Kimberly não acreditava no que Maria falava. Sua mente era muito profissional e racional para aceitar essa estranha confabulação.

No entanto, sua incredulidade não duraria muito. Apenas até Maria começar a falar de um objeto peculiar, encaixado em um lugar ainda mais peculiar – um velho pé de tênis em um canto do parapeito de uma janela de um quarto no terceiro andar do prédio, dois andares acima do quarto no qual ela se encontrava, em outra parte do hospital, onde Kimberly sabia que Maria jamais poderia ter estado!

— O tênis é azul-escuro — disse Maria, ainda assustada com o que lhe ocorrera —, velho e gasto no canto onde vai o dedinho; uma ponta do cordão está presa sob a sola do calcanhar. Eu estava pairando no ar, do lado de fora do hospital, cara a cara com o tênis.

Maria fitava Kimberly, e seu olhar implorava que a assistente social a ajudasse a provar que não estava ficando louca. E Kimberly saiu à procura do tal do tênis na janela. Saindo do quarto, caminhou ao redor de todo o hospital, perscrutando o parapeito de cada janela. Mas tudo o que conseguia ver era a parte inferior dos parapeitos, não a superior, onde estaria alojado o tênis.

Seu expediente já havia terminado, e Kimberly pensou em ir embora, mas sua consciência dizia para continuar procurando. Então passou a entrar em cada quarto do terceiro andar de cada ala do hospital. E quando entrou em um quarto na ala oeste, pressionando o rosto contra a vidraça para poder ver o parapeito, seu coração disparou. Agora era ela que quase tinha um enfarto!

Lá estava o tênis. Kimberly abriu a vidraça e quase se pendurou na janela para conseguir apanhá-lo. Com o tênis nas mãos, olhava-o, estarecida! Todos os detalhes a que Maria se referira estavam corretos. Era um tênis azul-escuro, gasto no canto do dedinho, com uma ponta do cordão grudada na sola do calcanhar!

Como dito anteriormente, Maria não havia saído de seu quarto no primeiro andar durante todo o tempo que permanecera no hospital até o momento de sua parada cardíaca, e passara o tempo todo conectada a monitores. Pela descrição exata que dera do tênis e pela posição deste no parapeito, segundo Kimberly Clark, não haveria outra maneira de vê-lo senão de algum ponto do lado de fora, no terceiro andar.¹

As experiências de quase-morte (e experiências fora do corpo) têm comprovado repetidamente que todos temos, existindo juntamente com o corpo físico, uma contrapartida imaterial dentro da qual reside nossa verdadeira identidade, o eu que verdadeiramente somos. É a presença desse eu, essa identidade no corpo físico, que nos dá a inteligência e nos mantém conscientes. Quando estamos despertos e ativos essa identidade se acha firmemente unida ao corpo físico, manifestando-se através deste. Daí a impressão de que o corpo físico representa tudo que somos. Porém, dadas as circunstâncias, principalmente durante a EQM ou o desdobramento, a pessoa poderá comprovar por si mesma

que ela continuará existindo mesmo sem o corpo físico. E nessa nova condição, de posse de um corpo mais sutil, não mais sujeito às leis da gravidade ou ligado à matéria, ela poderá perambular livremente pelo espaço, seja nas dimensões físicas seja nas não físicas. Com todos os seus sentidos intactos, a visão em especial poderá ser uma dádiva. Poderá ver entes queridos que partiram há muito tempo, como viu Pam Reynolds, encontrar um tênis no parapeito de uma janela, como Maria. Ou usá-la para algum propósito mais prático, como encontrar...

Dentadura perdida

“No turno da noite a ambulância trouxe um homem de 44 anos, em coma, para o centro cardiovascular do hospital”, começou a relatar a enfermeira de plantão.

Pedestres o haviam encontrado no gramado de um parque aproximadamente uma hora antes. Aplicamos-lhe respiração artificial sem entubá-lo, enquanto lhe fazíamos massagem cardíaca e desfibrilação. Quando fomos entubá-lo, vimos que ele usava dentadura; removi-a e coloquei-a em uma gaveta no carrinho. E continuamos com todo aquele processo de reanimação cardiopulmonar. Levamos uma hora e meia para fazer o ritmo cardíaco e a pressão arterial voltarem ao normal; mas mesmo assim o deixamos no ventilador e entubado,

pois ele continuava em coma. Transferimo-lo para a UTI a fim de dar continuidade à respiração artificial.

Passada mais de uma semana, reencontrei o paciente pela primeira vez, na ala de recuperação, quando fui lhe levar seu medicamento. E, no instante em que me viu, exclamou:

— Ah, essa enfermeira sabe onde está minha dentadura.

Vendo minha surpresa, continuou:

— Sim, você estava lá quando me trouxeram ao hospital e tirou minha dentadura; depois colocou-a num carrinho cheio de frascos; embaixo havia uma gaveta e você a colocou lá.

Impressionada com o relato daquele homem, pois ele se lembrou de que ela havia feito exatamente isso quando ele estava em estado de coma profundo, e enquanto recebia reanimação cardiopulmonar, ela lhe fez outras perguntas e, pelo que o homem respondeu, percebeu que ele estava se vendo sobre a cama; de uma posição elevada, via como as enfermeiras e os médicos se ocupavam de sua reanimação. Além disso, ele descreveu, correta e minuciosamente, a pequena sala onde havia sido reanimado e as pessoas ali presentes.

Ele disse também que, enquanto observava sua situação, temia que parássemos o procedimento de reanimação e ele morresse. E realmente tinha razão,

porque não estávamos nada otimistas em razão das precárias condições em que se encontrava quando chegou ao hospital. Contou que tentava desesperadamente, mas em vão, dizer-nos que estava vivo e que deveríamos continuar o procedimento. Essa experiência o impressionou profundamente, e ele disse que agora não tem mais medo de morrer. Quatro semanas depois ele deixou o hospital, totalmente recuperado.²

Para se conseguir ver uma “aparição” ou um espírito quando estamos no corpo físico, precisamos ter visão psíquica, ou ser médium vidente, como se diz no Espiritismo. A frequência vibratória do corpo espiritual ou perispírito é tão sutil que olhos físicos não conseguem percebê-lo. E isso é uma bênção. Nós vivemos imersos no mundo espiritual, como peixes no oceano; seria impossível viver uma vida sã se conseguíssemos ver esse mundo. Pela visão física conseguimos ver apenas objetos que vibram na frequência material, mas uma vez libertos da matéria podemos ver o que se passa em ambos os mundos – o físico e o não físico. Mas isso nem sempre pode ser uma dádiva.

Uma triste visão

Hilda viajava de carro com a família, na África do Sul, quando sofreram um grave acidente. Hilda e o marido foram

arremessados para fora do veículo. Contou Hilda ao dr. Fontana:

Estava fora do corpo quando vi meus filhos saírem do banco traseiro e correrem em direção ao local onde estava meu corpo; vi-os tentando me socorrer. Vi também meu marido deitado na estrada e quando ele saiu do seu corpo e partiu em direção a uma luz brilhante bem distante. Nesse instante eu sabia que ele tinha morrido.³

“Psiu! Aqui em cima, querida!”

Lembro-me de sair do corpo, a cabeça primeiro, contou um paciente do dr. Maurice Rawlings; e flutuei para um canto próximo ao teto. Minha esposa estava chorando e eu tentava falar para ela olhar para mim lá em cima e ver que eu estava bem. Mas ela não olhava. Ninguém me dava bola. Então meti-me entre os dois médicos para ver o meu corpo. As roupas estavam queimadas e minha face coberta de pele queimada.

Um médico perguntou: “a máquina está nos quatrocentos?” Então ele colocou no meu peito dois discos de metal que estavam conectados por fios à máquina. Eu vi meu corpo saltar e, nesse momento, voltei a ele. A dor era como se tivesse recebido um coice de mula no peito. Esta vida é certamente pior que a outra. Ainda me lembro de cada detalhe.⁴

As pessoas que passaram por EQM nos casos que vimos até agora tinham visão perfeita. Porém, dada a perda de consciência característica em casos de EQM, eram incapazes de ver pelos olhos físicos. Contudo, apesar da ausência de visão física, quando fora do corpo durante morte clínica, conseguiam ver, em minuciosos detalhes, o que se passava a seu redor, nos muitos casos comprovados por investigadores do fenômeno.

Portanto, se a visão física estava inativa e mesmo assim eram capazes de ver, não era pelos olhos que viam o que diziam ter visto durante o período de inconsciência. Só poderia ser por meio de algum outro mecanismo não relacionado à visão física.

Como quase todas as pessoas em EQM diziam perceber que tinham um corpo, será que este poderia ter também algum mecanismo visual? E se tivesse? Se tivesse, seria possível então que deficientes visuais de nascença que porventura passaram por EQM pudessem ver?

Quem ponderou essa possibilidade foi o dr. Kenneth Ring, professor de psicologia e pioneiro em investigação de EQM, membro fundador da International Association for Near-Death Studies – Iands [Associação Internacional para Estudos de Experiência de Quase-Morte]. Audaciosamente, pôs-se a testar sua hipótese, e o que encontrou foi surpreendente!

Pelos olhos da alma – EQM de deficientes visuais

Era madrugada quando Vicky Umipeg cantou sua última canção em uma boate de Seattle. Saindo à rua, pediu que lhe chamassem um táxi. Esperou em vão por um longo tempo, e decidiu tomar o lotação que a levaria para um lugar movimentado da cidade.

Sem trânsito e no silêncio da noite, o motorista corria mais do que deveria. Não tardou muito, perdeu a direção e a perua capotou várias vezes. Vicky foi lançada para fora do veículo e teve graves ferimentos – fratura de crânio, lesões sérias no pescoço, nas costas e em uma das pernas.

Vicky não lembra exatamente como o acidente ocorreu. Mas lembra-se de algo extremamente inusitado, especialmente para ela. Assim que seu corpo chocou-se com o asfalto rígido, após o impacto que a fez ficar gravemente ferida, Vicky flutuou no ar. E lá embaixo viu o corpo que havia deixado e o veículo destruído.

Atônita, sem compreender bem o que lhe ocorria, deu-se conta de que estava em um corpo, que era completo, mas havia uma diferença: em lugar de ser composto de matéria perecível como aquele que jazia inconsciente e quase morto

no solo, esse era leve, maleável e feito de “luz”, conforme a sua percepção.

Logo chegou a ambulância e o corpo de Vicky foi transportado às pressas ao Hospital Harborview (o mesmo hospital que atendeu Maria, onde esta encontrou o tênis na janela). Vicky não se recordou do trajeto que fez do local do acidente ao hospital. Somente recobrou a consciência na sala de emergência do hospital, igualmente em uma posição inusitada. Vicky pairava flutuando perto do teto, e viu seu corpo inerte, magro e longo estendido na cama, e o médico e a enfermeira trabalhando diligentemente para reavivá-lo.

Mas, mesmo com o corpo inconsciente, Vicky sentia-se livre, solta e lúcida, com toda a sua capacidade de raciocínio intacta, chegando mesmo a ouvir alguns comentários daqueles que a assistiam. O médico estava preocupado, pois parecia que os tímpanos haviam sido seriamente danificados e Vicky poderia perder a audição.

— Eu estou bem, doutor! — disse Vicky ao médico. Mas este não lhe deu a mínima atenção.

— Doutor, não se preocupe comigo; eu estou bem! — insistiu, em vão.

De repente, sem saber como, Vicky viu-se subindo e atravessando o teto da sala de emergência. Olhou para baixo extasiada. Aquela visão panorâmica do hospital e seus arredores deixava-a muito emocionada. Jamais em sua vida havia “visto” algo assim.

E “veria” muito mais!

Primeiro foi o ponto de luz no final do túnel escuro no qual acabara de entrar, como se houvesse sido “puxada” para dentro dele. À medida que viajava em direção ao ponto de luz, a luz se expandia e, quando a alcançou, viu que não era apenas uma luz, mas um lugar, um mundo novo e iluminado. Vicky “viu” a seu redor algo que jamais havia “visto” antes do acidente devido ao qual seu corpo estava nesse momento inerte e inconsciente naquela cama de hospital – árvores verdejantes, imensos jardins floridos e gente, muita gente, pessoas que não mais tinham sua morada na Terra.

O que pensamos da morte, o que chamamos de perda de um ente querido, nada mais é que uma separação temporária de um espírito que terminou seu trabalho na Terra de outro que precisa ficar mais um pouco. As pessoas que passam por nossas vidas aqui na Terra, aquelas com quem compartilhamos nossas alegrias e nossas tristezas, nossas dores e nossos prazeres, tais como nossos pais, nossos cônjuges, nossos filhos, parentes e amigos próximos, são nossos parceiros evolutivos. E vamos reencontrá-los!

Cinco dessas pessoas se acercaram a Vicky. Primeiro vieram Debby e Diane, já crescidas, para a surpresa dela. Mas sua surpresa maior foi ver suas antigas amiguinhas de jardim da infância e escola primária vivas e totalmente saudáveis. Não eram mais aquelas duas crianças deficientes mentais e visuais que conhecera na Terra.

Em seguida aproximaram-se o senhor Zilk e sua esposa, o casal que cuidou de Vicky por muito tempo durante sua infância, e a quem ela havia retribuído com seu amor o carinho que os dois tiveram por ela. Depois veio a avó, o anjo bom que praticamente a criara, desencarnada apenas dois anos antes do acidente. Acidente este que ora trazia Vicky frente a frente de seres queridos que ela havia julgado mortos, mas que continuavam existindo e estavam ali para lhe dar as boas-vindas ao novo mundo que ela encontraria quando chegasse sua hora de deixar a Terra.

O amor e a beleza daquele lugar eram tão impressionantes que Vicky queria ficar lá, não queria mais retornar à Terra, e muito menos àquele corpo que tantas limitações lhe trazia.

E nesse momento sentiu a presença de um ser a seu lado. Um ser que irradiava tanto amor e compaixão que agora, mais que nunca, Vicky queria ficar.

Vicky não havia falado que queria ficar, havia apenas pensado. E o ser “ouviu” seu pensamento.

— Você não pode ficar, Vicky. Ainda não é a sua hora.

— Mas não quero voltar. Eu quero ficar — retrucou Vicky, em pensamento.

— Seu trabalho na Terra ainda não está terminado. Você vai ter os filhos que quer ter. E além disso — acrescentou o ser — há duas lições primordiais que ainda precisa aprender: você deve aprender a amar e a perdoar.

Vicky não contestou; seu espírito sabia da necessidade de retornar ao corpo físico para aprender essas duas lições.

— Mas antes — disse-lhe o ser — deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

De repente Vicky vê, como espectadora, cada momento de sua vida, desde o dia de seu difícil nascimento até o momento do acidente. Tudo lhe era mostrado – seus acertos e seus erros, suas alegrias e suas mágoas, o bem que fez e que deixou de fazer, as alegrias e as tristezas que causou a outros... E o ser a seu lado via tudo e sentia tudo que Vicky via e sentia, mas ele não a julgava nem a condenava, apenas comentava, construtivamente: “melhor se houvesse sido assim, se tivesse feito isto em vez daquilo etc. Não se culpe, da próxima vez você o fará melhor; não há erros, apenas lições a serem aprendidas; o amor é o único caminho para a verdadeira felicidade...”

Nesse instante Vicky percebeu em seu íntimo a grande escola que é a Terra, e sentiu um grande desejo de retornar a seu corpo físico.

— É hora de você voltar — captou ela do ser.

Vicky ouviu um ruído assustador, como se houvesse novamente se estatelado contra o solo. Tentou mover-se, mas parecia que a haviam metido em uma espessa e pesada armadura de gesso. Tentou abrir os olhos, mas suas pálpebras não obedeciam a seu desejo. Estavam incrivelmente pesadas. E, mesmo que se abrissem, tudo o que Vicky seria capaz de ver seria escuridão. Seus órgãos

visuais, totalmente danificados, não lhe permitiam ver. Vicky era cega desde o dia em que nasceu para esta vida e jamais havia visto coisa alguma até aquele sublime momento em que conseguira desvencilhar-se dos laços da matéria. Uma vez livre de suas grosseiras limitações, passou a ver com os olhos da alma o mundo que um dia todos veremos, assim que terminarmos nosso trabalho na Terra.¹

Quando nós, espíritos indestrutíveis que somos, mergulhamos na matéria para experimentar a vida na Terra, ficamos sujeitos às condições e limitações do corpo material. Embora não sejamos o corpo físico, estamos extremamente associados a ele, altamente dependentes dele para interagir com a matéria e cumprir nosso trabalho na Terra. Estamos tão apegados à matéria que nos identificamos mais com o corpo que carregamos do que com o espírito que somos e que dá vida ao corpo. Ao corpo pode estar faltando um membro, ou todos os membros, mas o espírito que somos e que o anima está completo, pois não somos o corpo. Os tímpanos podem estar danificados, mas uma vez fora do corpo, em nosso perispírito, ouviremos perfeitamente. Libertos da matéria, comunicaremos, mesmo que os órgãos vocais do corpo estejam danificados. Os olhos físicos podem não ter visão, mas os olhos da alma estão intactos. E, uma vez libertos, veremos, cada um de nós, que a luz eterna da vida brilha para todos.

A luz é para todos

Naquela semana, Brad Barrows não vinha se sentindo muito bem. A falta de ar, o cansaço, a tosse e a febre, que agora também se fazia presente, vinham-no deixando cada vez mais enfraquecido e debilitado. E, naquela noite, achava que ia morrer. Mas foi de manhã, por volta de 6h30 ou 7h, que sua respiração cessou e seu coração parou de bater.

Pouco antes de seu coração parar, Brad começou a sentir seu corpo gelar e se enrijecer, ao mesmo tempo que se sentia em espírito desvencilhando-se lentamente das amarras do corpo físico e subia como uma bolha de sabão em direção ao teto do dormitório que compartilhava com um colega.

E logo, Brad, literalmente, não acreditou no que via: primeiro viu seu companheiro de quarto saindo em busca de socorro, e depois o corpo inerte sobre a cama. Mas suas impressionantes surpresas continuaram!

Brad atravessou o teto do quarto do colégio onde estudava e viu-se flutuando no ar e olhou para baixo. Ao mesmo tempo foi tomado por uma sensação de êxtase e incompreensão. Como seria possível aquilo estar acontecendo com ele?

Brad viu, pela primeira vez, as ruas que circundavam o campus do colégio. A neve havia caído recentemente e a niveladora havia passado e limpado as ruas, acumulando bancos de neve nos dois lados da calçada. Viu também algo que jamais havia visto antes: um ônibus que fazia sua rota

nas redondezas, o parquinho que era a alegria das crianças da vizinhança e o morro que gostava de escalar.

E então veio um “puxão magnético” para cima e Brad foi atirado em um túnel escuro, apertado, viajando em incrível velocidade, até entrar em uma outra dimensão. Quando atingiu o final do túnel, abriu-se à sua frente um vasto campo iluminado, acarpetado por um gramado alto e verdejante, repleto de palmeiras altas e frondosas.

Uma trilha cortava um gramado próximo a um palmeiral, e Brad caminhou por ela, respirando o ar mais refrescante que jamais havia respirado, sentindo na pele o toque de uma temperatura absolutamente perfeita, nem frio nem calor, nem seca nem úmida – simplesmente perfeita. Brad sentia-se de regresso a seu lar. Não sabia como nem por quê, mas a sensação que tinha era a de pertencer a esse lugar. Ele não queria mais deixar o local em que estava.

Brad sentia-se maravilhado e perplexo ao mesmo tempo com tudo o que via a seu redor: as imensas palmeiras, o gramado alto e verdejante, a trilha por onde caminhava e seu corpo novo e perfeito. “Mas como é possível ver tudo isso?”, indagava-se, extasiado. De uma coisa estava certo: experimentava algo muito além da capacidade dos limitados sentidos do corpo que naquele momento jazia em seu dormitório.

A luz! Chamava-lhe a atenção a luz do lugar, a claridade que o cercava. Iluminava toda parte, irradiava-se das

palmeiras, de seus troncos de suas folhas gigantescas e do gramado por onde caminhava.

Então ouviu música: milhares de vozes cantando em um idioma que desconhecia ou talvez em tantos idiomas que ele era incapaz de definir um em particular. O gênero musical que ouvia era o chamado “nova era”.

Brad caminhou em direção a ela. Instintivamente, começou a cantar também e sua voz juntou-se àquelas tantas outras. A sensação era divina, como se ele estivesse em uma jornada celestial para se encontrar com Deus. “Jamais quero sair daqui”, pensou.

Em seguida, avistou uma imensa estrutura de pedra, um edifício que parecia pulsar em luz, ou melhor, parecia ser feito de uma luz tão intensa e magistral que ele não resistiu ao desejo de se dirigir até lá. Ele queria penetrar naquela luz. A princípio, teve receio de ser incapaz de suportar tamanha claridade. Temia danificar ainda mais seus olhos. Mas mesmo assim seguiu adiante e logo percebeu que a luz em nada o afetava. Penetrando no edifício, viu-se em um túnel.

E mais música! Harmoniosa, tão bela, cantada por tantas vozes com tanta intensidade que Brad tinha certeza de que não se tratava de simples música. Não, era mais que isso, muito mais. Era uma oração. Uma oração cantada em louvor ao Criador.

Brad queria descobrir de onde vinha essa música. Queria ir à fonte de tão rara e sublime beleza. E pôs-se a caminhar em direção à música.

Mas o que ele não sabia é que ainda não era sua hora de atravessá-los para então permanecer no mundo dos espíritos.

Um braço grande e forte apareceu em sua frente e impediu que avançasse. À sua frente estava um ser do qual emanava luz, não apenas luz, mas também amor e compaixão. Brad não ouviu sequer uma palavra, mas sabia, intuitivamente, que seu trabalho na Terra ainda não estava terminado. Ele teria que retornar.

Mas não queria retornar! A música! Ele queria ir à música! Dando um passo à frente, Brad tentou forçar a passagem. E o ser à sua frente deu-lhe um pequeno empurrão, lançando-o em sua viagem de volta a uma velocidade alucinante em sentido oposto ao que viera. Brad saiu do edifício de luz, passando pelos palmeirais verdejantes, entrando novamente no túnel escuro. Depois, sobrevoou a cidade, atravessando o teto do colégio onde estudava e morava, chegando, finalmente, de volta a seu quarto e a seu corpo.

Sobre seu corpo estava alguém que se alegrava por tê-lo trazido de volta à “vida”, mas Brad não sabia quem era. Ele não conseguia vê-lo. Brad, assim como Vicky, era cego de nascença, e jamais havia visto imagem alguma antes de sua EQM.²

Quando Jesus e seus discípulos passaram pelo homem cego de nascença, perguntaram-Lhe: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais?” E

Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”.³

O corpo físico que ora possuímos, perfeito ou imperfeito, não é uma recompensa por sermos bons nem punição por sermos maus. É exatamente o que necessitamos para aprender as lições que viemos aqui aprender ou ensinar. Fazendo o melhor que pudermos com o corpo e os recursos que temos, a obra de Deus é manifestada em nós. A deficiência física é uma inconveniência temporária que nos ajuda a progredir espiritualmente se soubermos aceitar e agradecer a oportunidade de estarmos nesta vida, numa nova etapa evolutiva. Ela pode ensinar a nós mesmos e a outros aceitação, amor, paciência, fé, criatividade, perseverança, compaixão, abnegação – virtudes que enriquecem a alma e colocam-nos cada vez mais próximos às esferas divinas que todos um dia alcançaremos.

Aprendemos com Vicky e Brad que a deficiência visual é uma inconveniência imposta pelo corpo físico, que permanece durante a vida terrena, mas quando esta se finda ela será curada.

E Debbie corrobora que essa deficiência é do corpo, não da alma.

Lar doce, lar

Debbie também era deficiente visual desde que nasceu. A única diferença era que ela conseguia distinguir a

claridade da escuridão. Debbie teve duas EQMs. Em uma delas, recuperava-se de gravíssimas queimaduras que a mantiveram hospitalizada por dois meses. Debilitada por dolorosos ferimentos, enquanto escovava os dentes em uma tarde de domingo de Páscoa, Debbie sentiu que estava desfalecendo. Perdeu a consciência, desmaiou e caiu. Mas como poderia ter perdido a consciência diante da grandeza dos fenômenos que começava a vivenciar, enquanto seu corpo físico e cego jazia inerte no chão?

Primeiro foi a luz, com cores indescritíveis, que a engolfou. Debbie, que jamais havia visto cores antes, maravilhava-se.

E via mais!

Ao mesmo tempo que via a luz e suas indefiníveis cores, via o cômodo onde estava, via no chão seu corpo físico inconsciente, via sua mãe, desesperada, sobre ela, chamando-a para despertá-la. Ah, a sua mãe! Uma mulher de cabelos grisalhos, de baixa estatura, vestida com um roupão negro. Era a primeira vez em sua vida que Debbie via a mulher que a dera à luz!

E, pela primeira vez em sua vida, Debbie via seu próprio corpo. Seu corpo era magro, assim como seu rosto, seus cabelos eram castanhos, já com alguns fios grisalhos. Mas mesmo assim notou que não tinha rugas na face, ainda era jovem.

Alguém apareceu a seu lado, um ser cuja simples presença dava-lhe conforto e paz. E Debbie deixou o recinto

onde estava. De repente viu-se cruzando uma ponte; do outro lado da ponte, um grupo de pessoas se aglomerava. Entre elas estava sua avó, a quem Debbie não chegou a conhecer. A avó aproximou-se da neta e apresentou-se; apresentou também seus amigos e alguns parentes distantes seus.

Debbie ouviu uma voz feminina que lhe soava familiar.

— Olá, Debbie!

Foi uma grata e inesperada surpresa. Era uma jovem que Debbie conhecera mas que jamais havia visto antes: sua amiga Darlene, desencarnada havia algum tempo. Em vida, Darlene era gordinha devido a um problema na tireoide, mas agora via-se esbelta e saudável.

Em seguida, Debbie viu-se diante de um ser grandioso, cuja energia era tão intensa e cheia de amor que sentia como se estivesse na presença de Deus.

E pediu para ficar com ele. Mas, em lugar de lhe responder, o ser falou-lhe de seu futuro, com quem iria se casar, que teriam uma linda menina e que se tornaria professora. Seu futuro era belo, mas mesmo assim Debbie protestou:

— Não quero voltar. Por favor, deixe-me ficar. Não quero sair deste lugar.

E por que Debbie não queria voltar? Porque queria poder enxergar! A visão a enchia de alegria e por isso ela queria continuar a ver. Ela sabia que, ao retornar ao corpo físico, deixaria de enxergar.

Mas ela precisava voltar, pois era necessário que continuasse sua vida na Terra, até que seu tempo se completasse. E Debbie voltou e tudo aconteceu como fora previsto pelo ser que a amparara e lhe mostrara seu futuro. O homem era o mesmo a quem o ser se referira e tiveram uma linda filhinha.⁴

O dr. Kenneth Ring, auxiliado por várias organizações de apoio a deficientes visuais, identificou vinte e uma pessoas que tinham passado por EQM. Vicky Umipeg e Brad Barrows, cujas experiências acabamos de conhecer, nasceram cegos. Debbie nasceu com visão, mas, sendo prematura, fora colocada na incubadora e perdera a visão por receber oxigênio em excesso. Alguns perderam a visão na infância; outros tinham a visão extremamente limitada, conseguindo apenas distinguir a claridade e a escuridão. Dos vinte e um deficientes visuais investigados, quinze enxergaram imagens; três não souberam dizer se tiveram visão normal quando estavam fora do corpo, apenas três disseram que nada viram.⁵

Vimos aqui o relato de apenas três deficientes visuais que tiveram visão durante a EQM – Vicky, Brad e Debbie. E o que viram e sentiram os outros doze investigados pelo dr. Ring? Basicamente o mesmo que estes três. Na verdade, suas experiências foram similares às de milhões de pessoas que passaram por EQM ao redor do mundo! Primeiro a sensação de estar saindo do corpo; vendo o corpo físico inerte;

deixando o local onde o corpo estava; chegando ao mundo espiritual; reencontrando entes queridos e amigos desencarnados; encontrando-se com o Ser de Luz etc.

Renomado psicólogo e filósofo norte-americano do século XIX, professor da Universidade de Harvard, William James era um ativo investigador da imortalidade. Dizia ele que para comprovar que nem todos os corvos são pretos basta encontrar um corvo branco. “Na ciência, um corvo branco destrói a teoria de que todos os corvos são pretos.”⁶ Para comprovar que o corpo espiritual possui visão perfeita e que, de fato, todos nós continuaremos a enxergar e viver quando deixarmos o corpo físico, o dr. Kenneth Ring encontrou quinze corvos brancos, número bem maior que um!

A razão de existir

Nossa existência tem um propósito, mesmo que às vezes o oposto pareça ser verdade. Dois mil anos atrás Jesus falou qual é o nosso propósito: “Sede perfeitos, assim como nosso Pai que está no céu é perfeito”.⁷ Não é uma tarefa fácil, para dizer o mínimo. Sabendo disso, Deus nos deu a eternidade para alcançá-la, bastante tempo para trabalhar. Contudo, é esperado que cada um nós, em cada fase de nossa eterna existência, avance, mesmo que seja apenas um pouco. Às vezes somos negligentes. Empenhamo-nos em fazer coisas que deveríamos evitar, em lugar de fazer coisas que nos ajudam a evoluir. Então estagnamos. Ou, ainda pior,

podemos ter comportamentos prejudiciais, causando danos não apenas a nós mesmos, mas também àqueles com quem compartilhamos nossa vida e que nos estimam. Mas é para adiante que precisamos prosseguir. Essa é uma lei divina a ser obedecida. E, quando nos desviamos muito do caminho do progresso, a vida encontra uma maneira de despertar-nos de nossa sonolência evolutiva.

Se você tem ou teve filhos adolescentes – ou é um adolescente –, você sabe muito bem a dificuldade que é despertá-los todas as manhãs para irem à escola. Às vezes é preciso sacudi-los vigorosamente ou arrancá-los da cama na marra. Podemos até perder a paciência, esbravejar e prometer castigo se repetirem de ano. Fazemos tudo isso porque os amamos, não pelo oposto. Se não os amássemos, não perderíamos nosso tempo e energia com todo esse sacrifício. É por amar-nos assim que Deus também arruma suas maneiras de sacudir-nos quando dormimos demais e estamos indo mal na grande escola da vida que é a Terra. A EQM é uma dessas maneiras, uma poderosa sacudida que pode dar uma reviravolta na vida da pessoa.

Até agora, as EQMs que vimos foram cheias de luzes radiantes e inefáveis belezas. Tão maravilhosas que, chegando ao mundo espiritual, a pessoa em EQM não queria voltar à vida na Terra, mesmo que antes da experiência tivesse muito medo de morrer. Mas nem todas as EQMs são assim gloriosas. Para aqueles que estão indo mal na escola da vida e que se desviam muito do caminho correto, a

mensagem é tenebrosa. Mesmo que a vida para eles não tenha sido muito agradável por aqui, transformar-se-ia em paraíso em comparação com o que encontram quando chegam do outro lado. Ficar lá, nem pensar! Querem voltar, voando!

Nós estamos nesta vida para aprender, e aprender nós vamos. Há duas maneiras para isso: sem dor e com dor. Como em nossa jornada evolutiva já atingimos um nível de consciência que nos mostra que sofrer não é nada agradável, deveríamos fazer um tremendo esforço para aprender sem dor, a não ser que tenhamos alguma propensão ao masoquismo. Mesmo que já tenhamos atingido esse nível de consciência que nos mostra que há uma maneira mais fácil de aprender, aparentemente nem todos estão cientes disso; muitos ainda preferem aprender pela via dolorosa. E estes podem ser nossos mestres.

Vamos ver agora o que aqueles que aprenderam pela dor podem nos ensinar, para não cometermos os mesmos erros.

Um gostinho amargo do nada

Jay deleitava-se com os prazeres da vida agitada: jogar nos cassinos de Las Vegas, onde residia, sair com os amigos, beber, drogar-se. Em uma dessas baladas, Jay acredita que um de seus “amigos” de farra colocou, sem ele perceber, drogas em sua bebida. E foi então, para seu susto e sua sorte, que Jay experimentou o gostinho amargo do Além.

“Saí do corpo e mergulhei na escuridão”, contou o jornalista de 38 anos de idade. “Experimentava a eternidade em um terrível vazio; a dor era insuportável. Não era uma dor física, mas psicológica, emocional e espiritual. Uma dor que jamais esquecerei. Agora eu compreendo o significado do inferno. Sei porque eu estive lá! É a ausência de tudo – de amor, de emoções –, é um vazio absoluto e terrível! Desci nesse lugar e tinha certeza de que não sairia mais de lá.

“Em certo ponto dessa horrível viagem, recapitulei minha vida. Foi tudo muito rápido, mas sentia que era meu julgamento. Clamei o nome de Deus e foi pelo poder de Sua misericórdia que consegui voltar. Foi tudo muito intenso.

“Eu acredito que Deus tem controle de tudo o que ocorre em nossas vidas. Compreendi essa experiência como sendo um aviso: ‘Você vai acabar aqui se continuar vivendo como está!’

“Não importa quão ruim esteja a vida na Terra, não dá para comparar com a vida nas trevas. A morte é bem pior que a vida se não dermos uma ajuda a Deus, para que Ele possa nos ajudar. Tenho certeza de que o que passei foi uma bênção disfarçada. Deixei as drogas, mudei-me para a Flórida e fui estudar religião. Antes, minha atitude a respeito da morte era casual, mas agora tenho medo. A vida na Terra é muito breve, mas a eternidade é muito longa. Sim, tive um aviso. Deus permitiu-me voltar, deu-me uma segunda oportunidade para que modificasse meu comportamento. O medo das trevas após a morte levou-me a dedicar-me aos estudos das Escrituras Sagradas.

“A experiência que vivi nos mostra o que todo mundo deve saber: nossa vida não termina com a morte.”¹

Não tema o fogo

Pessoas em EQM que sentiam dores antes de deixar o corpo físico relatam que a dor desaparece quando estão no corpo espiritual. Acabamos de ver Jay dizendo que a dor que ele sentia não era física. Ele não disse ter ido ao inferno tradicional do fundamentalismo cristão, mas, mesmo que

tivesse ido, tampouco sentiria dor física. Vou dizer o porquê. Sendo imperecível, o perispírito não possui e não requer em sua anatomia indestrutível um sistema nervoso como o que o corpo físico necessita. Portanto, não possui nociceptores, células nervosas que nos avisam através da dor física que sofremos algum ferimento e nos ajudam a proteger-nos de perigos físicos potenciais, tais como o fogo. A dor física, um mecanismo de resposta do corpo físico, é uma função biológica que nos ajuda a preservar a integridade do corpo físico enquanto experimentamos a vida no plano material. Como o perispírito é uma entidade não física, inquebrantável e desprovido de nociceptores, ele não sente dor. Contudo, pior que a dor física é a dor da culpa e do remorso. Não existe medicamento para aliviá-la a não ser a correção dos erros que a causaram. E se não for curada ela nos infernizará, tanto nesta vida como na próxima. Posto que na morte física despojamos apenas o corpo, as lembranças do que fomos e de tudo que fizemos virão conosco, adocicando ou azedando nossa existência, conforme o modo como vivemos nossa vida na Terra. Nós nos levamos conosco aonde quer que vamos, tanto nesta vida como na outra. Não há como escapar dessa realidade.

Mude sua vida, ou...

Sentia uma dor terrível no abdome devido a uma inflamação no pâncreas. Davam-me medicamentos para elevar minha pressão arterial, que estava caindo; minha

consciência desvanecia-se. Lembro-me de que tentavam me reanimar. De repente estava em um longo túnel. Eu estava flutuando e me movimentando muito rapidamente. O túnel parecia ser subterrâneo, talvez fosse uma caverna. Os sons que ouvia eram horríveis; o odor, putrefato. Tudo parecia ocorrer em câmara lenta. Não consigo me lembrar de tudo o que vi, mas alguns habitantes do lugar eram apenas metade gente; zombavam-se e falavam-se em um idioma que eu não compreendia. Se alguém me perguntar se vi algum conhecido ou se encontrei algum fecho de luz, não vi nem encontrei. Mas havia uma pessoa muito grande, com roupas brancas radiantes, que apareceu quando gritei “Jesus, me salve!” Ele me olhou e eu captei mentalmente sua mensagem: “Modifique sua vida!” Eu não me lembro de como saí de lá, nem como voltei. Há muitas outras coisas que certamente ocorreram de que não me lembro. Talvez esteja com medo de me lembrar delas.²

Consolo

Ninguém sofre para sempre, a não ser que trilhemos para sempre os caminhos que levam ao sofrimento. Em nossa eterna existência, somos agraciados com a liberdade de fazermos o que quisermos em nossa vida. Mas nós vivemos em um universo governado por leis divinas, sendo a lei de causa e efeito uma delas, inescapável. É essa lei que

determina a natureza de nossa vida (efeito) – seja aqui na Terra seja no além –, ditada pela qualidade de nossos pensamentos, emoções e ações (causa). “Não vos enganeis”, escreveu o Apóstolo Paulo aos Gálatas, “de Deus não se zomba, pois tudo o que o homem semear, isto também ceifará.”³

Certamente, de Deus não se zomba, infringir suas leis pode nos custar muitas dores. E não podemos culpar ninguém a não ser nós mesmos; temos que assumir a responsabilidade pelas consequências das decisões que tomamos no direcionamento de nossa vida. Em nosso estado atual de evolução, onde a maioria se identifica com o corpo físico que utiliza e não com o espírito que é, cometemos muitos erros. Dependendo da gravidade desses erros, as consequências que trazem podem nos remeter às profundezas do proverbial inferno, mesmo ainda estando na vida física. Mas, mesmo nesta vida ou na próxima, esse inferno dura enquanto persistirmos nas ações que mantêm suas chamas acesas. Assim que mudarmos o curso dessas ações, as chamas se apagam, uma vez que o inferno não é uma criação do diabo nem de Deus, mas nossa mesmo. Não importa o quanto estamos mergulhados nessas chamas em qualquer época de nossa vida, Deus estará sempre ao nosso lado, Suas mãos estendidas, pronto para tirar-nos do sofrimento e dar-nos outra chance.

Escapando do inferno

Dennis era alcoólatra e aos 35 anos de idade seu corpo já não aguentava mais. Enquanto se recuperava em uma clínica de desintoxicação, seu apêndice estuporou. Com febre altíssima e dor intensa, teve obviamente que ser hospitalizado. Como diz o antigo adágio, pelo menos para Dennis parece que foi assim: Deus realmente escreve certo por linhas tortas. Dennis teve uma EQM, foi para o inferno, mas voltou um “anjo”!

Em suas próprias palavras:

Após a cirurgia, entrava e saía do coma. Em dado momento, estava com tanta dor do corte, dos pontos, dos drenos e dos tubos que era difícil continuar lutando. Eu não conseguia me comunicar. Estava deitado na cama e, de repente, saí do corpo. Parei próximo ao teto e fiquei olhando para baixo, para aquele corpo magricelo e frágil, e pela primeira vez dei-me conta de quão doente eu estava. Então o quarto começou a escurecer, e foi ficando cada vez mais escuro. Era como se estivesse em um vácuo. A ausência de luz era completa.

Senti-me amarrado à escuridão, como se um peso me prendesse ao solo. Era o inferno sobre o qual me falavam quando eu era criança. Nessa escuridão total, minha vida foi recapitulada. Em sua maioria eram decepções comigo mesmo. As cenas passavam rapidamente. Não eram as cenas em si que me incomodavam, mas sim o desperdício que havia sido a

minha própria vida. Impressionei-me com o fato de não ter feito nada que prestasse.

Nesse momento comecei a ver fragmentos negros que se moviam na escuridão. Olhando-os atentamente, vi silhuetas, sombras humanas, e passei a ouvir correntes sendo arrastadas e gemidos que me deixaram aterrorizado.

Achava que eram meus ancestrais vindo me buscar, mas eu não queria ir. Em meio à escuridão, vi aparecer um ponto de luz, como se fosse a chama de uma pequena vela de aniversário. Algo me dizia para não dirigir meu olhar para a escuridão, mas para a luz. Então eu disse: “Deus, estou pronto para ir se o Senhor me quiser, mas tenho vivido uma vida tão inútil que gostaria de ter outra oportunidade para endireitar-me”. E, naquele momento, a lâmina de uma espada atravessou a chama e o quarto se iluminou. Nisso, voltei ao corpo e ouvi os médicos e as enfermeiras dizendo: “Ele está vivo!”

Eu tinha abandonado a igreja aos 13 anos. Após essa experiência, passei a frequentar as reuniões dos Alcoólatras Anônimos, reencontrei minha fé, voltei à igreja e sigo os ensinamentos de Cristo. Nas reuniões dos Alcoólatras Anônimos, compartilho com eles essa horrível experiência e conto-lhes como Deus me tocou e me permitiu me modificar.

Se eu continuasse naquele caminho, o inferno era meu destino. Mas agora não preciso mais voltar para lá. Eu tinha uma escolha a fazer. Deus permitiu-me fazê-la e permite o mesmo a todos que quiserem modificar sua vida, a qualquer momento. Descobri que minha missão agora é mostrar a luz àqueles que caminham na escuridão, como eu fazia antes dessa experiência.⁴

EQMs negativas

Experiências como essas que acabamos de ver são chamadas de EQMs negativas, aflitivas ou menos positivas; talvez aflitivas seja a melhor definição. Ainda que não apresentem o esplendor e a glória da maioria das EQMs, elas causam um efeito extremamente positivo na pessoa que as vivencia. Nos casos anteriores, os três modificaram sua vida para melhor. O mesmo ocorreu em muitos outros casos desse tipo de EQM. Esse é um dos estranhos meios que Deus utiliza para despertar-nos de nosso torpor espiritual.

Meu chacoalhão divino

Para retomar meu caminho espiritual, tive que passar por sérios problemas financeiros quando minha pequena empresa faliu. Restavam-me duzentos dólares no bolso, uma Bíblia para aliviar minha angústia, e uma grande vontade de entender por que aquilo estava acontecendo comigo, e o que fazer para não se repetir. Ainda não era

espírita, não compreendia a lei de causa e efeito, aliás, nem sabia que existia tal lei.

Eu não estava sendo punido por Deus nem pelo diabo, uma vez que Deus é todo amor e compaixão, e o diabo uma conveniente ficção a quem imputar responsabilidades que são nossas. Eu estava sendo punido pelas consequências de meus erros, simplesmente ceifando o que havia semeado. Não podia culpar ninguém, senão a mim mesmo.

Numa noite de profundo desespero, abri a Bíblia aleatoriamente, exatamente na mensagem de que precisava. No Espiritismo, costumamos dizer que o acaso não existe, pois somos guiados por seres espirituais que auxiliam – ou atrapalham – nossa encarnação. Ao ler a mensagem, compreendi, e chorei. Entendi que poderia mudar minha vida, mas para isso eu tinha que agir, seguir adiante. Nada é estático no universo. Os bilhões de átomos que compõem as páginas deste livro em sua mão – e sua mão, de fato, todo o seu corpo e tudo à sua volta – movem-se em velocidade estonteante, mesmo que você não os veja ou os sinta. Você pode sentir o calor se prestar atenção nas pontas dos dedos que seguram o livro. Isso é movimento, isso é ação, isso é vida.

“Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta será aberta. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e àquele que bate a porta será aberta.”⁵

Que estrondoso chamado à ação! Foram essas as palavras que li. Se você ainda tem dúvidas de que Deus

trabalha de maneira misteriosa, eu havia tomado essa Bíblia “emprestada” de um quarto de hotel em que havia pernoitado vários anos antes, mas quase não a havia aberto até então – o dia em que mais precisei, na mensagem que deu um novo rumo a minha vida.

Quando nós caminhamos na direção correta, quando agimos para melhorar nossa situação, quando abrimos o coração e a alma à vida, a vida derrama suas bênçãos em nós. E nós, em retorno, podemos ajudar a melhorar a situação daqueles por quem somos responsáveis. É assim que cada um de nós, mesmo que seja bem pouquinho a cada vez, contribui com sua parte na obra da criação, que nos foi designada pelo nosso amoroso Criador, mesmo que disso não nos demos conta. A vida é ação, movimento, é um ciclo...

Que move-nos a todos,
No desespero e na esperança,
Na fé e no amor,
Até acharmos nosso lugar,
No caminho a desbravar,
No ciclo da vida.⁶

Contudo, às vezes o desespero é maior que a esperança, e podemos acreditar que se pusermos um fim a esta vida nossos problemas serão resolvidos. Até eu, em meu desespero, cheguei a considerar essa equivocada opção. Mas, sabendo que a vida não termina – em vez de terminar, estaria exacerbando minha miséria –, preferi agir. Não

importa quão profundas sejam nossas feridas e quão dolorosas, elas serão curadas. E nós ressurgiremos mais fortes. Tudo o que precisamos ter é fé, paciência e perseverança. O tempo é nosso aliado, e estaremos protegidos. Jamais caminhamos sós, mesmo que não vejamos ou sintamos ninguém a nosso lado. A vida física é um processo de aprendizado, um campo de treinamento que às vezes esgota nossas energias, fé, paciência e esperança. Mas não podemos desistir, estamos evoluindo, tornando-nos melhores. “Eu posso, eu aguento, vou sair dessa!” Esse deve ser nosso grito de guerra até atravessarmos o vale tenebroso que se pôs em nosso caminho. Estamos nesta vida para curar-nos e curar outros; não viemos aqui para causar danos nem a nós nem a ninguém. A vida na Terra é uma dádiva preciosa que ninguém tem o direito de destruir.

E aqueles que tentaram e não conseguiram arrependem-se amargamente. Nesta escola que é a Terra, podemos aprender como eles.

Suicídio, uma escolha equivocada

Outro dia, conversando ao telefone com minha filha adolescente, ela me contou que seu amigo Randy, adolescente como ela, estava desaparecido.

— Saiu de bicicleta levando um revólver — disse-me. — Deixou um bilhete pra mãe dizendo que a humanidade estava cheia de canalhas e o mundo ia se acabar e ele não ia ficar esperando.

Estava deprimido. Três dias depois encontraram-no em uma escola, com um tiro na cabeça. Dois anos antes, outro amigo dela, também adolescente, enforcou-se por problemas com a família. Muitas vítimas de *bullying*, no desespero, também estão fazendo essa escolha equivocada.

As estatísticas mostram que o suicídio está entre as dez principais causas de morte entre todas as idades. Nos Estados Unidos, de 1999 a 2014, a taxa de suicídio cresceu de 10,9 para 13 a cada 100 mil pessoas, entre 10 e 74 anos de idade. Em 2010, neste país, 38 mil pessoas suicidaram-se, em 2013 foram 41.149, mais de 100 por dia.¹

Se essas pessoas soubessem que a morte do corpo não extingue a vida e que, em lugar de resolver seus problemas, pioraria sua situação, certamente evitariam essa medida

drástica. Como você verá a seguir, pessoas que passaram por EQM por tentativa de suicídio arrependem-se amargamente. É melhor para nós aprender com os erros deles do que com o nosso. Se estamos muito mal, podemos receber ajuda profissional e resolver nossos problemas temporários, que, frequentemente, são muito menores do que pensamos. Podemos resolvê-los, sim. Com fé, paciência e orientação seremos curados.

Na corda bamba

O carpinteiro de 48 anos de idade passou vários anos juntando dinheiro para tirar férias prolongadas com sua esposa. Faltando alguns dias para a tão esperada viagem, ele foi preso por dirigir embriagado, recebeu uma multa pesada e suspenderam sua carteira de habilitação.

E o homem tentou se matar!

Subindo no teto de um pequeno cômodo no fundo de seu quintal, amarrou a ponta de uma corda em uma viga e a outra no pescoço, e saltou.

A queda deveria ter-lhe quebrado o pescoço e o matado instantaneamente, mas uma cadeira velha encostada na parede amorteceu o impacto. O homem ficou pendurado e a corda o estrangulava.

Mas ele nem se preocupou! Estava fora do corpo!

“Minha aparência era horrível”, disse o homem.

“Fiquei assustadíssimo. Eu conseguia ver e ouvir

normalmente. Mas não apenas os ruídos do local. Ouvia também os demônios que me cercavam por todos os lados; não conseguia vê-los mas sabia que me atormentariam por toda a eternidade. Fiquei desesperado e queria voltar ao corpo de qualquer maneira, mas não sabia como fazê-lo. Precisava de ajuda. Então saí correndo para minha casa e passei pela porta fechada como se estivesse escancarada. Gritei o nome da minha esposa, que estava na sala, mas ela não me via nem me ouvia. Corri para abraçá-la e aproximei-me dela. A sensação era muito esquisita, como se eu conseguisse ver e ouvir com os olhos e os ouvidos dela. Imediatamente, ela exclamou: ‘Meu Deus!’

“Agarrando uma faca e uma cadeira, ela saiu correndo em direção ao cômodo. E eu atrás! Ela cortou a corda e eu voltei ao corpo.”

Sentindo que ele ainda tinha pulso, a esposa chamou o resgate e o marido foi socorrido a tempo.²

Deus não desiste de nós

Às vezes nossa sonolência espiritual torna-se um sono profundo, e fica difícil despertar. Mas Deus não desiste de nós, e tenta até que nos vê levantar e nos colocar em movimento. Shandra era de família rica. Era uma maquiadora de sucesso, trabalhava para televisão e cinema; levava uma vida glamorosa e agitada. Vista de fora, a mansão onde vivia era de causar inveja, mas para ela, que

estava lá dentro, a vida era terrível. Seu pai era abusivo e a agredia violentamente. Para aliviar seu sofrimento, drogava-se, e até despertar foram quatro overdoses.

Então tomei um frasco de tranquilizantes para me livrar da dor. Enquanto minha consciência se desvanecia, ouvi pessoas telefonando para minha família dizendo que eu estava morta.

Em seguida vi-me em uma cama de aço em um quarto escuro no Centro Médico USC, em Los Angeles. Suspensa no ar, olhava para uma enfermeira que dizia: “Por que você teve de fazer uma coisa dessas, menina?”. Então saí do quarto em Los Angeles e fui parar em Nova York, na casa de meus pais, onde vi minha família. Fiz aquela longa viagem sem meu corpo [físico].

Eu não queria morrer, tampouco queria viver. Fui para um lugar escuro, iluminado apenas por um pequeno raio de luz. Era o mesmo lugar para onde tinha ido nas três vezes anteriores. Havia ali vultos de pessoas e ouvia-se uma música harmoniosa. Parecia ser um local intermediário, uma espécie de parada quando se deixa a vida na Terra para depois ir a algum lugar no Além.

As entidades me diziam que eu precisava voltar. A mensagem era esta: “Você tem um propósito na vida e lições para aprender nesta encarnação”. Alguém falava comigo, orientando-me para meu retorno à vida física.

Falava-me para que eu encontrasse as respostas por mim mesma. A religião em que fui criada ensinava que, quando você morre, dorme para sempre. Eu queria dormir para sempre para fugir da minha dor. Mas o que aprendi foi que, se você cometer suicídio, ainda terá que voltar à Terra para aprender suas lições.

Aprendi que o inferno é a separação de Deus, e somos nós mesmos que criamos nosso próprio inferno. Depois dessa experiência, entrei em uma clínica de reabilitação e deixei as drogas. Eu tinha 24 anos quando isso aconteceu. Depois, passei sete anos trabalhando em uma clínica de reabilitação de adolescentes dependentes de drogas. A melhor parte da história foi que me casei com o diretor da clínica. E finalmente descobri que o amor é a resposta para todos os nossos problemas. E não preciso de outra EQM.³

Peça, e lhe será dado

Acabamos de ver que Shandra acha que o inferno é a separação de Deus. Certa vez visitei um paciente terminal nas últimas semanas de estadia na Terra. Antes do diagnóstico, ele não era religioso. Era um senhor idoso, perto dos 80 anos, e sabia que estava por desencarnar. Em minha visita, perguntei:

— Como o senhor passa seus dias, sem poder se levantar e não ter aonde ir?

A resposta veio rápida:

— Passo o dia orando. É isso que faço.

A literatura do fenômeno de EQM está repleta de casos de ateus e agnósticos que se tornaram espirituais (não necessariamente religiosos) após passarem por EQM. Quando tudo está indo bem em nossa vida temos a tendência de esquecer-nos de Deus, podendo até orgulhar-nos de nossa autossuficiência. Mas, quando vem algum problema grave e nos sentimos sós, apelamos à ajuda Dele. E Deus, com todo o seu amor e sabendo o que é melhor para nós, dá, se pedirmos. Rochelle orgulhava-se de seu agnosticismo, até o dia em que sentiu o gosto amargo das trevas, após o qual renovou sua fé, e redirecionou sua vida.

Tentei suicidar-me duas vezes”, contou ela. “A primeira foi por overdose, mas não tive EQM; precisei ficar internada durante um mês para me recuperar. Mas, na segunda vez, tive EQM. Estava muito deprimida e não conseguia parar de chorar. Tentava dormir para me livrar um pouco da angústia que sentia, mas nem isso conseguia.

“Naquela época eu não acreditava na vida após a morte. Tampouco acreditava em diabo, inferno ou paraíso. Era agnóstica e achava que a morte poderia me livrar de meu sofrimento. Um dia tranquei todas as portas e janelas de minha casa e vadei com fita adesiva todos os vãos e aberturas. Tinha em minha casa um

aquecedor a gás antigo. Abri o gás e fui deitar-me, pegando no sono rapidamente.

“De repente estava em um lugar onde a escuridão era total. Nem um ponto de luz, apenas um vácuo imenso e negro! Em minha mente, sabia que estava morta. Mas a dor continuava e todo o meu sofrimento foi comigo. Então veio-me o pensamento: ‘Meu Deus, vou ter de suportar isso por toda a eternidade!’ Nesse momento senti algo tocar meu ombro e virei-me. À minha frente havia um gorila imenso. ‘É o diabo!’, concluí. Eu sabia que tinha morrido e estava no inferno, e que sofreria eternamente toda aquela dor e angústia. ‘Não!’, gritei a plenos pulmões. ‘Meu Deus, ajude-me! Ajude-me, por favor!’”

“E Deus tomou minha mão”, continuou Rochelle. “Ouvi um estrondo e despertei. Haviam se passado três horas; a casa estava tomada pelo gás, mas eu nem náusea sentia. Era como se Deus me estivesse dizendo: ‘Escuta aqui, garota! Agora chega dessas besteiras!’ Descobri que a morte do corpo não extingue a vida. Deus me mostrou o inferno, no entanto tirou-me de lá.

“Gostaria que as pessoas que estão sofrendo de depressão, como eu estava, saibam que a morte não nos curará desse mal. Se vocês morrerem assim, levarão consigo a dor, pois seguirão vivas; portanto, a morte, além de não resolver nada, ainda vai piorar sua situação. Não queiram tirar sua própria vida. Vocês terão de

resolver seus problemas aqui mesmo, e conseguirão. Existe ajuda, busquem-na, e vocês serão ajudados.”

Depois desse tremendo susto, Rochelle passou a acreditar na vida após a morte e em Deus; descobriu também que o Mestre Jesus é o caminho, a verdade e a vida, e seus ensinamentos passaram a ser a luz que ilumina e guia a sua renovada existência.⁴

Aqui ou lá, somos o que somos

A reencarnação é um dos pilares do Espiritismo. Acreditamos que antes de reencarnar fazemos certas escolhas que nos ajudarão em nossa jornada evolutiva. Os tipos de provas pelas quais devemos passar são algumas delas, assim como os pais e o lugar onde vamos nascer para a vida terrena.

Eu, sabe-se lá por qual razão, escolhi nascer no interior de São Paulo, ou melhor, no interior de uma cidadezinha do interior de São Paulo. Numa fazenda, atrás do cemitério da cidade; numa casa sem eletricidade e sem água encanada. Meus pais eram lavradores e, até meus 8 anos de idade, vivemos em fazendas.

Havia pequenas cidades ao redor, com mais condições do que as fazendas onde morávamos. Eu aprendi muita coisa sobre a vida na roça naqueles oito anos, mas nada sabia sobre a cidade. Jamais havia vivido numa delas. Quando mudamos para a cidade mais próxima, o conhecimento que levei comigo foi o que havia aprendido nas fazendas. Na

cidade tudo era diferente, até o sotaque era distinto. As pessoas viviam mais próximas umas das outras. Tinham hábitos diferentes dos meus. Havia mais atividades sociais. Algumas casas tinham até uma caixa na sala com gente pequenininha dentro e gente grande em frente olhando para ela. Quando Barnabas Collins viu um televisor pela primeira vez, entendi sua reação.

Quando mudei da fazenda para a cidade, de início apenas uma coisa mudou em minha vida: o local onde passei a morar. Meu nome continuou o mesmo; meus gostos, minhas preferências, meu gênero também. O conhecimento que havia adquirido até aquele momento em minha vida não aumentou repentinamente apenas porque fui transportado de um lugar a outro. Ou porque a vida na cidade sendo mais avançada que a vida na fazenda tornar-me-ia mais avançado automaticamente apenas por ter mudado para um lugar mais avançado. Claro, adquiri novos hábitos e novos conhecimentos, mas sempre com o passar do tempo, não imediatamente.

Nos vinte anos seguintes, continuei morando no Brasil, seis anos naquela cidadezinha e catorze na capital. Durante todos esses anos aprendi com a vida, com o trabalho, com o estudo. Adquiri conhecimentos e experiências em várias áreas, desenvolvi minha personalidade, meu caráter, uma singularidade que é só minha.

Em 1982 mudei-me para os Estados Unidos, um país bem mais avançado que o Brasil. Ao chegar, ouvia as pessoas

falando inglês e, estando em Miami, espanhol também. Eu estava em outro país. Mais que isso. Eu estava em outro continente em outro hemisfério e, até então, nada em mim havia mudado. O fato de meu novo país ser mais avançado que o anterior, por si só, não causou a menor mudança em mim na minha chegada. O mesmo euzinho que tinha saído do Brasil oito horas e meia antes foi o que chegou. Igualzinho. Os mesmos conhecimentos, experiências, personalidade, caráter e singularidade que eu tinha antes aterrissaram em Miami. A única coisa que havia mudado nessa deliciosa aventura era o local onde eu estava presente. Mas eu era ainda o mesmo. Claro, agora já não sou o mesmo. Cresci muito em muitos aspectos. Aprendi idiomas. Estudei. Viajei. Criei filhos. E continuo crescendo e evoluindo, assim como você e todos os que tiveram a coragem de reencarnar neste maravilhoso planeta. Meu progresso veio com o passar do tempo; consequência de meus interesses e esforços, não apenas porque cheguei à América do Norte.

Terminado meu tempo na Terra, o mundo espiritual será meu destino. E, quando chegar esse momento, haverá duas mudanças, em vez de uma. A primeira será o corpo que estarei utilizando, mais leve e sutil, a segunda o local no qual passarei a viver, uma dimensão não física compatível com o nível de desenvolvimento que consegui atingir até o momento. Nada mais. A sabedoria que vou ter ao passar ao outro lado da vida é a sabedoria que acumulei em minhas existências. Meu desenvolvimento moral será no nível

conseguido até aquele momento. Minha capacidade intelectual será aquela desenvolvida durante minha jornada evolutiva desde tempos imemoriais. Poderei ter acesso a conhecimentos que agora me são inacessíveis pelas limitações do cérebro físico; mas, uma vez deste liberto, poderei acessá-los, se necessário. Livre do corpo físico, poderei ter algumas habilidades mentais compatíveis com a estrutura do meu novo ambiente, tudo de acordo com meu nível de desenvolvimento. Terei certa liberdade de movimento não governado pela gravidade. Mas não me tornarei nenhum sábio ou santo quando despertar no outro lado da vida, assim como não me torno nenhum sábio ou santo quando desperto todas as manhãs. Contudo, continuarei aprendendo e crescendo, mesmo no mundo espiritual; assim como a vida, nossa evolução espiritual jamais finda, independentemente do lugar onde estamos nos manifestando.

Vimos na história de Rochelle e outros que tentaram escapar das amarguras da vida pelo suicídio que isso não resolve. Nossa felicidade ou infelicidade, nosso paraíso ou inferno pessoal nos acompanharão sempre, seja nesta vida seja na próxima. Matar o corpo físico não vai extinguir o sofrimento nem a vida de ninguém. Vai piorar os dois. A morte física só muda nosso modo de existência, da vida física para a não física, mas não mudará quem somos ou o que somos.

Assim como Rochelle, outras pessoas que tentaram o suicídio também descobriram que o que somos aqui seremos no Além. Uma senhora, que queria se livrar da vida para fugir de seus problemas, teve uma EQM e imediatamente deu-se conta do erro cometido. “Se deixarmos esta vida com a alma atormentada, entraremos na outra com a alma atormentada.”

Um senhor, cuja esposa falecera, tentou suicidar-se para reencontrá-la. Mas, em vez de ir para onde ela estava, foi para um lugar horrível. Imediatamente, reconheceu a grande besteira que havia cometido, arrependeu-se enormemente e aprendeu a lição.

O espírito Emmanuel, falando-nos desde o alto do mundo espiritual, disse o seguinte sobre os suicidas chegando ao outro lado da vida:

Após a morte, a primeira decepção que os aguarda [os suicidas] é a realidade da vida que não se extingue com a morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de uma decisão de suprema rebeldia. Suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias: a perfuração do cérebro pelo corpo estranho partido da arma usada no gesto supremo, o peso das rodas pesadas sob as quais se

atiraram na ânsia de desertar da vida, a passagem das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo, e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido. De todos os desvios da vida humana o suicídio é talvez o maior deles por conta de sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia.⁵

Drogas, um flagelo que aflige não só os usuários, mas a todos aqueles que os amam e cuidam deles, são outra porta de acesso às esferas trevosas do mundo espiritual. Abençoados são aqueles que têm a chance de voltar e mudar seus rumos; os que lá ficam após o suicídio arrependem-se amargamente, mas aí já será tarde. Se ouvirmos com atenção a história daqueles que retornaram para contar, podemos evitar o mesmo equívoco.

Overdose, uma viagem infernal

Sadira estava muito deprimida e queria morrer para livrar-se de sua angústia. Enfermeira por muitos anos cuidando de pacientes com câncer, conhecia muito bem quais drogas e doses eram necessárias para mergulhar no eterno nada. Isso ela sabia; o que não sabia era que sua vida continuaria e que ela levaria consigo o que ela era. Tanto nesta vida como na outra, não escapamos de quem somos nem do que estamos sentindo.

Drogou-se até perder a consciência.

“Não me importava se acordaria ou não. Não sei por que estava tão deprimida, mas era como se dissesse para Deus: ‘Deixo em suas mãos’. Não sei se parei de respirar, mas estava (fisicamente) inconsciente.”

Saindo do corpo, começou a ver criaturas horrorosas. Sombras negras horríveis a agarravam. Ouvia gritos e gemidos que jamais ouvira na Terra. Estava mergulhada em medonha escuridão.

Ela não sabia de onde vinham aqueles gritos e gemidos, mas de repente as criaturas, seres humanos desfigurados, todos com aparência anoréxica, fizeram-se visíveis. Seus dentes eram horríveis e tortos e os olhos, esbugalhados. As

criaturas não tinham cabelos nem roupas, estavam todas nuas. Dezenas delas a cercavam, agarravam-lhe os braços e puxavam-lhe os cabelos, gritavam e gemiam, emitiam sons alucinantes.

Sadira sentia o hálito fétido dessas criaturas sobre seu corpo, sentia também que elas estavam molhadas e seu odor era terrível, pútrido, mais malcheiroso do que o de ratos mortos. Tudo era muito vívido! Sadira sentia que estava sendo julgada, e essa era a sua punição. Aquelas criaturas estavam lá para puni-la, mas não fisicamente, pois ela não sentia dor. Tudo era terrível, apavorante.

Quando recuperou os sentidos, estava aterrorizada. Mas a luz da verdade havia brilhado em sua alma. Descobrira que o suicídio não era a solução para seus problemas. Era uma opção equivocada, um ato contrário ao desejo de Deus. Sadira, que até então era atea, passou a acreditar intensamente em Deus, pois descobriu que não há justificativa para o suicídio.¹

Sadira esteve no inferno, e decidiu que não voltaria para lá novamente!

Nada escapa à consciência

Indelevelmente gravada em nosso campo mental – parte do perispírito e igualmente imortal e indestrutível – está cada memória de cada ação que temos feito, não apenas desta vida mas de todas que já vivemos. Até mesmo minúsculos atos que acreditávamos insignificantes e dos

quais não nos recordamos seguem vivos em algum lugar de nosso extremamente complexo corpo espiritual. Através da malha fina do gigantesco número de memórias que temos armazenadas é filtrada uma limitada quantidade, auxiliando nossa vida diária para realizar nosso trabalho na Terra. Não conseguiríamos viver uma vida sã se tivéssemos acesso às lembranças de tudo que já fizemos em nossas muitas existências. Para muitos de nós, uma pequena porção das lembranças da vida presente já pode nos causar um grande transtorno emocional, dá para imaginar o estrago que faria se fossem abertas as comportas que retêm todas elas. Felizmente para nós, o tempo misericordioso deposita uma fina camada de pó em nossas antigas memórias, permitindo-nos esquecê-las por algum tempo. Mas elas não se extinguem; ficam conosco, vivas, aguardando o momento de saírem do esquecimento. Nossas memórias podem permanecer escondidas por um período, mas jamais são apagadas. Nossa consciência é como um buraco negro: quando ali entra uma memória, não mais escapa. E não vamos nos iludir, elas virão em nosso encalço, revisitando-nos, trazendo-nos alegrias se agradáveis ou amarguras se ao contrário. De qualquer modo nos serão úteis em nossa caminhada evolutiva, pois mostrarão se estamos indo bem ou mal nesta grande escola da vida em que ora estamos matriculados. Podem ajudar-nos a crescer mais rapidamente se compreendermos o que podem nos ensinar.

Uma saída nada fácil

O coração de Anita parou de bater, sua respiração cessou. Tinha tomado uma overdose de drogas. Seu namorado a encontrou inconsciente e chamou a equipe de resgate, que a socorreu a tempo. Mas seu estado era tão grave que precisou passar duas semanas na UTI, conectada a um respirador. Quando se recuperou o suficiente para poder falar, contou o que se passou consigo durante o período em que esteve inconsciente.

A primeira coisa de que me lembro é a sensação de estar amarrada e não conseguir mover-me. E não havia razão alguma para eu não conseguir me mover. Eu não suporto a sensação de estar amarrada. Consegui me soltar, e sei que vai soar estranho, mas havia pessoas de uniformes brancos andando a meu redor. Parecia que eu estava no convés de um navio de cruzeiro. Eu estava tentando sair dali, até que finalmente consegui, mas era como se estivesse saindo do meu próprio corpo. Estava em um quarto pequeno e branco. Não havia nada além de uma cama e uma cadeira. Eu estava olhando para mim mesma, deitada na cama, e minha aparência era horrível.

Saí do corpo, pela parte superior, e disparei por um corredor. E dei de cara com meu avô! Meu avô tinha morrido no ano anterior. Eu disse a ele que queria ir embora daquele lugar, mas ele não me deixava. Como de

costume, ele estava de mau humor. Era um homem muito teimoso. Ele me disse: “Que diabos você está pensando? Você não vai a lugar nenhum. Volte já para seu quarto, garota!”.

Achei tudo muito estranho. Ele usava uma túnica branca que nunca o vi usar antes, trazia uma camisa cinza-azulada por baixo e estava descalço. E estava bloqueando a entrada de um lugar no qual eu queria entrar; mas ele não me deixava passar. O lugar onde eu estava era frio e escuro, e eu sabia que do outro lado era ensolarado, dava até para ver o céu. Eu sabia que ali havia uma praia.

Havia um homem parecido com Jesus Cristo ao lado do meu avô. Ele tinha cabelos longos, barba e bigode. Sua roupa era simples e calçava sandálias. Eu não me opus a ele de jeito nenhum, mas sabia que ele estava bravo comigo; sua expressão era igual à de meu avô, bastante reprovadora. Eles não me deixariam passar para o outro lado.

Nesse momento eu vi tudo o que havia feito de errado em minha vida. Parecia um julgamento. Era tudo muito estranho. Vi coisas que tinham acontecido anos e anos atrás, já nem me lembrava mais delas. Era como se estivessem me julgando. Cada mentirinha que eu havia dito, coisas pequenas e insignificantes que eu havia feito emergiram à superfície da minha consciência. Era como

se todas as coisas maldosas que você faz a alguém, com intenção ou não de magoar a pessoa, estivessem ali.

Sabe, às vezes você não deseja conscientemente magoar alguém, mas mesmo assim acaba magoando. Era como se eu visse, de uma só vez, todas as maldades que havia feito até aquele momento em minha vida. Honestamente, sentia que já estava no inferno. Sentia como se estivesse sendo julgada por absolutamente cada coisa que havia feito. Todas as pessoas sabem diferenciar o certo do errado, isso sempre esteve claro em minha mente, mas acho que, mesmo assim, elas acabam contando algumas mentirinhas. Aparentemente, tais mentirinhas parecem não fazer mal a ninguém, mas, a longo prazo, você mesmo acaba sendo prejudicado por contá-las.

Depois que vi tudo o que havia feito em minha vida, meu avô disse que eu tinha que voltar, e eu sabia que tinha mesmo; quando meu avô falava, estava falado. Eu me lembrava dos tempos em que era criança, como meu avô ficaria bravo se eu lhe desobedecesse. Mas eu sempre confiei nele. Ele era um homem muito bom, mesmo sendo bravo. Então voltei para meu quarto. Sentia-me muito sozinha. Fiquei ali esperando, esperando. Parecia uma eternidade. De repente comecei a me sentir amarrada novamente e, quando me dei conta, estava de volta a meu corpo.

Hoje sei que estou na Terra por um propósito. Ainda não sei bem o que é, mas essa experiência me deu um pontapé no traseiro, para eu me mexer e descobrir a razão pela qual vim a este belo planeta. Eu devo ser honesta agora: devo confessar que estava procurando a saída mais fácil. Estava tentando desistir da vida. Mas já não penso mais assim, sei que sou uma guerreira e não vou desistir tão facilmente.²

Propósito da vida

Eu não tinha planejado escrever esta parte, tampouco sei o que virá adiante. A história de Anita levou-me a dar uma pausa, deixar o livro de lado, fechar os olhos e refletir: qual é o meu propósito nesta vida? Hoje é o começo de um novo ano, 10 de janeiro, um oportuno momento para reflexão.

Penso em Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, e seu grande legado de consolo a milhões de almas aflitas por quase 160 anos. Vem-me à mente Mahatma Gandhi; sem violência, liberou um imenso país do colonialismo britânico. Vejo Martin Luther King, que, inspirado por Gandhi, sem recorrer à violência, conseguiu igualdade de direitos aos afrodescendentes nos Estados Unidos, até então segregados. Homens singulares, eleitos para virem à Terra com missões específicas, com grandes propósitos.

“Mas e o meu propósito?”, indago.

Reflito. Descubro. O meu propósito não ficará nos anais da história do mundo, mas ficará na história de minha evolução, uma pequena contribuição à obra da criação, como ajudante de Deus. Não transformará sociedades, mas beneficiará e empoderará alguns de seus membros, aqueles pelos quais sou responsável.

Meu propósito está nas pequenas coisas do cotidiano; podem parecer banais, mas são importantes na vida de quem elas tocam. É despertar de manhã e agradecer pela dádiva de estar neste planeta. Despertar minha filha e levá-la à escola. Orar a Deus para que dê a ela e à mais velha proteção, cuidado e amor, uma vez que elas são Suas filhas, e Ele me abençoou com a oportunidade de ser seu pai nesta vida; deu-me Sua confiança, e tenho que honrá-la; é minha obrigação. É protegê-las, amá-las e cuidar delas. É ir à garagem e colocar comida para minhas gatas, trocar a água; elas vêm correndo quando percebem minha presença; estão com fome e sede e sabem que serão saciadas; também são filhas de Deus sob meus cuidados; e isso tenho que honrar.

Meu propósito está nas pequenas coisas que faço que ajudam a mim e àqueles pelos quais sou responsável a seguir adiante e estar feliz por poder fazê-lo. É fazer coisas positivas que enriquecem minha própria existência e também daqueles ao meu redor. É tratar meu próximo como eu gostaria de ser tratado. Isso é uma lei divina. Nada espetacular, nada que estremeça o mundo, apenas o básico para uma sobrevivência saudável e feliz neste planeta de

provas e expiações. Mas o suficiente para quando estiver diante do Ser de Luz responder com a consciência limpa quando me perguntar: “O que você fez em sua vida para me mostrar?” “Fiz o melhor que pude com os recursos que tinha; vivi sob Suas leis, e o Senhor é minha testemunha.”

Com exceção da experiência de Brad Barrows, no Capítulo 11, todos os outros casos de EQM que vimos até o momento foram de adultos. Alguns pesquisadores se dedicam a estudar episódios do fenômeno vivenciados por crianças, que relatam experiências extraordinárias. Algumas histórias foram transformadas em livros best-sellers e filmes de Hollywood, como *O céu é de verdade* (*Heaven is for real*, 2014) e *Milagres do paraíso* (*Miracles from heaven*, 2016). *Milagres do paraíso* narra o recente caso da garota Annabel, do estado do Texas, que, ao retornar da EQM, curou-se de uma doença terminal prestes a ceifar-lhe a vida física.

Se você ou algum ente querido passou pela terrível dor de ter perdido (fisicamente) uma criança, os casos que vamos ver poderão ser consoladores. Você verá que ela continua a existir. Notará também que é amparada e orientada desde o momento que deixa a vida física, até mesmo antes de deixá-la. E seu cuidador frequentemente é alguém que a amou e cuidou dela quando ainda estava na vida física.

Crianças próximas da morte

Katie era uma garota de 9 anos de idade. Certo dia fora encontrada flutuando inconsciente na piscina de uma academia de ginástica. Não se soube precisar havia quanto tempo estava assim. Mas quando fora resgatada e levada ao hospital suas chances de sobrevivência (física) eram pequenas. O dr. Melvin Morse, de plantão na emergência, permitiu à família de Katie que ficasse com ela em seu quarto, Katie iria “morrer”¹. Morrer, fisicamente, todos vamos, mas quando chegar nossa hora, e aquela não era hora de Katie. Três dias depois, quando despertou do coma, estava completamente recuperada, sem nenhuma sequela.

O dr. Morse marcou consulta para a semana seguinte, queria também saber o que havia acontecido com ela. Como havia caído na piscina: acidente, uma convulsão, alguém a empurrara? Essa informação era importante para determinar o curso do tratamento, principalmente se havia sofrido uma convulsão.

Katie, trazida pela mãe, esperava pelo dr. Morse no consultório para ser examinada pela primeira vez após sua recuperação miraculosa. O dr. Morse já conhecia Katie; havia trabalhado diligentemente para reavivá-la; havia estado bem

perto dela durante todo o tempo que a atendeu na sala de emergência. Mas Katie nunca havia visto o dr. Morse. Ela fora trazida inconsciente para o hospital, despertando três dias depois. Mas reconheceu o médico assim que ele entrou no consultório.

— Olá, Katie, como vai você? — Estendendo a mão à loirinha, o médico apresentou-se: — Eu sou o dr. Morse. Como você está se sentindo?

Antes de responder, Katie voltou-se para a mãe, que a trouxera à consulta, e disse-lhe:

— Esse é aquele de barba que entrou depois. Primeiro foi o médico alto que não tinha barba, e depois ele entrou.

Apenas isso seria o suficiente para deixar o dr. Melvin Morse estarecido, mas Katiealaria mais.

— Primeiro eu estava em uma sala grande, depois me levaram para uma menor, e lá tiraram raios X. Depois enfiaram um tubo no meu nariz...

Katie descreveu corretamente e com todos os detalhes o que havia “visto” naqueles três dias, num hospital da cidadezinha de Pocatello, no estado norte-americano de Idaho, onde estivera em coma profundo desde o momento em que fora resgatada “sem vida” de uma piscina pública!

E o que deixava Melvin Morse ainda mais estarecido é que ele fora chamado para trabalhar na reanimação de Katie assim que a trouxeram ao hospital, já em coma, e tanto ele como outros médicos não acreditavam que a menina sobreviveria.

Portanto, como poderia a menina ter visto tudo o que descrevera, corretamente, se estava profundamente inconsciente? Se nem sequer era capaz de respirar por si própria, pois eram aparelhos que faziam isso por ela.

Enquanto Katie falava, Morse revolia sua memória em busca de algo semelhante na vasta literatura médica que havia estudado. Mas não existia absolutamente nada!

— Você se lembra de alguma coisa quando estava na piscina?

O dr. Morse não esperava ouvir o que ela respondeu.

— O senhor quer dizer quando visitei Papai do Céu? — perguntou Katie, acanhada.

Com grande esforço para não demonstrar o choque, e agora curioso para ouvir o que mais a menina tinha a dizer, o médico retrucou:

— É um bom começo. Conte-me como foi seu encontro com Papai do Céu.

— Encontrei-me com Jesus e com Papai do Céu.

E isso foi tudo que Katie falou sobre o assunto naquele dia.

Mas na visita seguinte, uma semana depois, o dr. Morse incentivou-a a continuar sua fantástica história. “E o que ela contou”, confessou o pediatra, “mudou minha vida.”

Katie nada se lembrava do seu afogamento. Sua primeira lembrança foi de estar no escuro e não conseguir se mover. Então um túnel abriu-se à sua frente e, através dele, “Elizabeth” veio em sua direção. A menina disse que

Elizabeth era um anjo “alto” e “muito legal”, com cabelos dourados, que a acompanhara e a levava a ver seu avô (desencarnado) e muitas outras pessoas, inclusive dois meninos prestes a reencarnar, Andy e Mark, que brincaram com ela e a apresentaram a muita gente (espíritos).

Em determinado momento, Elizabeth trouxe Katie para rever sua família. Andando pela casa livremente, a menina, cujo corpo estava em coma no hospital, viu seus irmãos e irmãs brincando em seus quartos. Um irmão brincava com um boneco e com um jipe. Uma irmã penteava os cabelos de uma boneca e cantarolava uma música de rock que estava nas paradas de sucesso.

Flutuando até a cozinha, Katie viu a mãe cozinhando arroz e assando um frango. Olhando a sala de estar, viu o pai em silêncio, triste e pensativo, sentado no sofá; e presumira que ele estava preocupado com ela no hospital.

Após sua recuperação, Katie falou dessa visita à sua família, indicando a posição dos irmãos, irmãs, pai e mãe, assim como as atividades de cada um, e todos os detalhes estavam corretos.

Deixando a casa, Elizabeth a levou para ver “Papai do Céu” e Jesus. E Papai do Céu perguntou se ela queria voltar para casa. Katie começou a chorar, pois queria ficar com Ele. Então Jesus lhe perguntou se ela queria ver sua mãe novamente.

— Quero — respondeu. E com isso despertou do coma.

Quando o dr. Morse perguntou a Katie o que ela achou do “céu” a menina respondeu:

— O senhor vai ver, o céu é muito divertido!

Em 1982, quando ocorreu essa experiência, Melvin Morse fazia sua residência médica em uma clínica em Pocatello. E o jovem médico não perdeu a oportunidade de pôr seu nome na literatura pediátrica. Escreveu e publicou um artigo sobre o caso da menina no jornal de pediatria da Associação Médica Americana, esclarecendo aquele caso estranho e fascinante.

Ao que o dr. Raymond Moody denominou de experiência de quase-morte – a saída do corpo, a visão e o relato corretos que Katie dera enquanto estava inconsciente, até os detalhes corroborados por sua família quando da visita, fora do corpo, em sua casa, a visão de entes queridos desencarnados etc., Morse deu um nome mais sofisticado – fascinoma. Soa como uma doença, não soa? Na realidade, fascinoma, conforme definição do dicionário médico *Webster's new world*, é um termo médico para explicar um caso fascinante, que normalmente é associado a uma doença rara.

Não é necessário dizer que Morse era cético quanto à possibilidade da sobrevivência do espírito após a morte física. E agora veja como realmente tudo se encadeia na natureza. Certa noite, Morse viu a dra. Elisabeth Kubler-Ross em um programa de televisão. Kubler-Ross foi uma psiquiatra que nos anos 1960 revolucionou o atendimento

médico hospitalar a pacientes terminais. Ela presenciou milhares de desencarnes e ouviu milhares de relatos de EQMs em suas mais de quatro décadas de trabalho com pacientes terminais.

Nesse programa televisivo, a dra. Kubler-Ross tentava amainar as dores de uma mãe cuja filhinha havia desencarnado recentemente. Baseada nos relatos consistentes que ouvira de seus pacientes, ela descrevia a essa mãe o que a filhinha havia sentido na hora de seu desencarne.

— Sua filhinha deixou o corpo físico flutuando; ela não sentiu nenhuma dor, e dirigiu-se para um lugar celestial.

— Balela! — exclamou Morse do outro lado do vídeo. — Como pode uma psiquiatra profissional dizer tais tolices publicamente?²

E foi nesse instante que o dr. Morse prometeu provar que a dra. Kubler-Ross estava redondamente equivocada.

Transferido ao Hospital da Criança de Seattle, no estado norte-americano de Washington, com a ajuda de colegas, Morse planejou e implementou um meticuloso estudo com crianças para refutar a validade das experiências de quase-morte. Ele identificou 26 crianças que estiveram à beira da morte e tomou seus depoimentos referentes a essas experiências. Para refutar a validade da EQM, entrevistou 131 crianças que estavam gravemente doentes, internadas na UTI do hospital, que respiravam com ajuda de aparelhos e que eram tratadas com drogas – morfina e anestésicos –,

cujos cérebros não recebiam quantidade suficiente de oxigênio, mas que não haviam sofrido parada cardíaca nem perdido a consciência. Ou seja, apesar de seu quadro crítico, não haviam vivenciado a iminência da morte.

Veja que, pelas características do grupo de controle, ou seja, as 131 crianças que não estiveram à beira da morte, que haviam sido dopadas, cujos cérebros não recebiam suficiente quantidade de oxigênio, o médico estava em busca de casos que poderiam ser atribuídos à alucinação. Ele estava certo de que pelo menos uma dessas crianças haveria de dizer que havia tido experiência semelhante à da pequena Katie, ou seja, de que estivera fora do corpo, que viajara por um túnel, que vira algum anjo ou parente falecido.

Com os depoimentos documentados, agora era só comparar os dois grupos, os que estiveram próximos da morte com os que não estiveram e provar a falsidade de toda a balela que Kubler-Ross havia dito àquela mãe – assim imaginou Morse.

Mas não foi o que aconteceu, para a surpresa do médico.

Vinte e três das vinte e seis crianças (88 por cento) que estiveram nas garras da morte tiveram as ditas experiências. E quantas das 131 crianças sob o efeito de dor, drogas, falta de oxigênio etc. tiveram tais “alucinações”? Nenhuma delas!

E foi esse resultado que levou Melvin Morse a admitir a veracidade das experiências de quase-morte e tornar-se o maior pesquisador de EQM em crianças.

O dr. Morse investigou casos de EQM em crianças nos Estados Unidos. Na Inglaterra, o dr. Sam Parnia, o médico que quer criar medicamentos para produzir efeitos da EQM, também investigou crianças que haviam vivenciado o fenômeno. Assim como com os adultos, as experiências de crianças são consistentes em toda parte do mundo. O seguinte é um caso impressionante de uma criança investigada pelo dr. Parnia, com elementos confirmados, que comprovam que não apenas sobreviveremos à morte física, mas poderemos até ficar por aqui ajudando entes queridos quando necessário.

A mulher que flutuava

“Meu filho Andrew, de 3 anos e meio de idade, foi hospitalizado devido a um problema no coração e teve que ser submetido a uma cirurgia”, relatou uma mãe da Inglaterra ao dr. Sam Parnia, um dos mais jovens e atuantes pesquisadores de EQM da atualidade. “Duas semanas após a cirurgia, ele começou a me perguntar quando iria voltar àquele lugar ensolarado com todas aquelas flores e animais.

— Assim que você melhorar nós poderemos ir ao parque — respondi.

— Não, não é o parque; é aquele lugar ensolarado aonde fui com aquela senhora.

— Que senhora? — perguntei.

— Aquela senhora que flutua — respondeu.

— Eu disse que não sabia do que ele estava falando e que talvez houvesse me esquecido onde ficava esse tal de lugar ensolarado.

— Não foi você que me levou lá. Foi aquela senhora, ela veio e me pegou pela mão, e nós flutuamos. Você estava do lado de fora, foi quando eles estavam consertando meu coração. Eu estava bem. Aquela senhora veio e tomou conta de mim; ela me ama. Era tudo muito brilhante e colorido naquele lugar, mas eu queria voltar para ficar com você, mamãe.

Então, perguntei:

— Quando você voltou, estava acordado, dormindo ou sonhando?

— Acordado, mas estava lá em cima no teto, e quando olhei para baixo eu estava deitado na cama com os braços do lado, e os médicos estavam fazendo não sei o quê no meu peito. Era tudo muito brilhante, daí eu flutuei para baixo.

Mais ou menos um ano mais tarde, estávamos assistindo ao programa Children's Hospital (Hospital da Criança) na TV, e uma criança estava sendo operada do coração. Andrew ficou superempolgado e disse:

— Eles me colocaram aquela máquina!

— Acho que não colocaram, não – respondi.

— Colocaram, sim!

— Mas você estava dormindo quando foi operado; portanto, não poderia tê-la visto — contestei.

— Eu sei que eu estava dormindo, mas eu via quando olhava para baixo.

— Mas, se você estava dormindo, como poderia estar olhando para baixo? — contestei novamente.

— Mas eu já falei que flutuei para o teto com aquela senhora...

Certo dia mostrei a Andrew uma foto de minha falecida mãe, e ele a reconheceu.

— Essa é a mulher que flutua — ele disse.³

Se há alguma coisa capaz de tocar profundamente a alma de alguém, é o desencarne de uma criança. Toda criança, supostamente, deveria seguir seu curso de crescimento até a vida adulta, ter sonhos, ter tempo para realizá-los, e não partir antes que isso aconteça. O aspecto que mais me fascina em minhas investigações da imortalidade, que ocorre tanto nos casos de EQM como quando uma criança está próxima ao desencarne efetivo, é o amparo que ela recebe do outro lado da vida. No caso de Andrew, por exemplo, ele não havia conhecido sua avó. Vendo o álbum de família, reconheceu-a como sendo a mulher que o amparou em sua pequena jornada fora do corpo físico. Inúmeros são os casos de avós desencarnados ou outros parentes próximos vindo ao plano físico em auxílio aos entes queridos que ficaram na Terra, seja em momentos de perigo seja quando estão por retornar ao mundo dos espíritos.

Os laços de amor (ou ódio) que mantemos com as pessoas que nos cercam, familiares, amigos próximos e outros, não são novos, e poucos tiveram origem em nossa vida presente. E quanto mais forte os laços mais estamos ligados; laços estes que raramente são desfeitos, tanto quando estamos juntos nesta vida como quando passamos ao outro. E, do outro lado da vida, podemos vigiar aqueles que foram colocados sob nossos cuidados. Cada um de nós, a humanidade inteira, somos parceiros evolutivos que vêm a este planeta em busca do progresso espiritual, moral e intelectual, mesmo que isso jamais passe pela nossa cabeça. E, quanto mais próximo nosso relacionamento com esses parceiros, maior é o nosso mútuo compromisso de auxílio nesta extraordinária jornada, mesmo que não nos demos conta disso.

Não há nada de sobrenatural no fato de uma avó desencarnada, como no caso de Andrew, vir ao plano terrestre amparar seu netinho enquanto o corpo deste passa por uma delicada cirurgia; ou vir receber uma netinha quando esta termina sua jornada física e retorna ao mundo espiritual. Isto é amor em ação! É o amor fazendo o que faz de melhor: curar, consolar, trazer esperança. E, em toda a sua grandeza, o amor transcende idades, distâncias e até mesmo dimensões.

Pela dor e pelo amor

Todos nós, vivendo neste ou no outro lado da vida, estamos em distintos níveis de evolução. Você certamente tem visto em sua escola aqueles alunos com tremenda facilidade em tirar boas notas nas matérias mais difíceis, como matemática, física e química, enquanto outros têm a maior dificuldade. Os que têm dificuldade não é porque não querem compreender a matéria; apesar dos esforços que possam empreender, não entra na cabeça. Também há aqueles sempre dispostos a prestar ajuda para resolver uma equação. Há os engraçados, em cuja companhia é divertido estar; aqueles dispostos a compartilhar seu lanche; aqueles que se comprazem em roubar sua merenda só para se divertir; aqueles que tentam levantar o astral de alguém deprimido; enquanto outros infernizam a vida daqueles que se mostram felizes; os que adoram fazer rir, outros que se deleitam ao fazer alguém chorar.

É possível ver essas diferenças em nossas próprias famílias, entre amigos, colegas de trabalho, vizinhos e tantas outras pessoas com quem nos associamos. Nossa maneira de ser e de agir está em relação direta com o nível de progresso moral, espiritual e intelectual que atingimos

através de nossas muitas existências. O objetivo final de cada um de nós, independentemente do nível de progresso em que nos encontramos hoje, é chegar a um ponto em nossa evolução em que tudo o que fazemos enriquece e empodera a vida de alguém. Aos que atingem esse nível, não há maior recompensa que se possa receber: uma sensação inefável de ser parte ativa na obra da criação, semeando o amor e dispersando alegria por todos os lugares que passam.

Enquanto alguns já atingiram níveis mais avançados, outros, infelizmente, ainda estão muito longe disso, causando dor e arruinando a vida daqueles a quem supostamente deveriam cuidar e proteger.

Mas, quando o ser humano machuca, anjos curam. As dores que outros nos causam podem ensinar-nos a perdoar, e os cuidados que recebemos dos anjos podem ensinar-nos a amar – as duas principais lições que estamos aqui para aprender.

Quando o anjos socorrem

Aos 3 anos e meio de idade, Laura foi estuprada, sodomizada e surrada, no meio da noite, pelo pai bêbado. Quando a dor física e emocional se tornou insuportável, a pequena Laura gritou a Deus pedindo socorro e no mesmo instante sentiu que saía de seu corpinho.

Contou ela quando já adulta:

Quando estava morrendo fui levada para cima por anjos em túnicas multicoloridas. Não sabia para onde me levavam, mas voávamos cada vez mais alto nos céus. Finalmente chegamos a um lugar cheio de anjos que, em lugar de andar, flutuavam no ar. Os anjos me carregaram aos pés de uma mulher-anjo, muito linda; ela irradiava um sentimento de amor mais poderoso do que todos os outros que ali estavam. Em um tom de voz cuja doçura é desconhecida na Terra, disse-me: “Conte-me sua história, menina”.

Eu disse a ela, não em palavras faladas, mas em pensamento: “Vou contar, mas antes preciso descansar”.

Naquele momento não havia energia em meu espírito para responder àquela tão amável senhora. Deus, na forma de uma luz infinita, apareceu a uma distância à minha esquerda, e fui envolvida em uma poderosa energia de amor e revigoramento. Aquele ser divino apareceu em forma de uma coluna de luz, dourada e maciça, com a silhueta de um ser humano dentro. Eu vi e senti sua luz; a sensação que tinha era de que eu tomava um banho quente, e que era protegida e curada ao mesmo tempo. Eu não queria sair de lá. Não houve diálogo entre nós, mas, naqueles momentos infinitos, tive o conhecimento de que deveria retornar à Terra para completar minha vida.

Em seguida, os anjos do céu e os médicos da Terra batalhavam para salvar minha vida. Cada vez que os médicos golpeavam meu peito, em espírito entrava no corpo e, um segundo depois, voltava para os anjos. Eles seguravam meus pés para impedir que eu retornasse. Finalmente, quando os médicos golpearam meu peito pela última vez, eu ouvi um anjo falar: “Eles são mais fortes do que nós” e eu fui sugada de volta ao corpo, sentei-me, soltei um grito e desmaiei.¹

Lições que Laura aprendeu

Aprendi a viver com aquele criminoso durante os quinze anos seguintes, tentando aprender o máximo que podia e descartando o resto. Aprendi que os mais importantes fenômenos no universo são o amor, a verdade e a busca do conhecimento. Recebi a clara impressão de meu propósito na vida e como alcançá-lo. Foi-me dado o dom de prever eventos antes de ocorrerem e de visualizar imagens e formas, fazendo-as se tornar realidade. Aprendi que quando somos feridos podemos nos curar, no entanto isso não significa que não seremos feridos novamente de alguma outra maneira. Mas, sobretudo, adquiri um amor profundo pela morte e um desejo ardente de estar novamente na presença de Deus, desejo esse que me acompanha a cada instante de minha vida. E é essa certeza de que Deus

está sempre comigo que me ajuda a continuar vivendo na Terra.²

O que as crianças aprendem com a EQM

O dr. Morse acompanhou por vários anos o desenvolvimento físico e mental das crianças que passaram por EQM e participaram de seus estudos. Uma das características marcantes que ele encontrou nessas crianças foi a acentuação do sentimento de empatia. Esse sentimento é definido como sendo a tendência de uma pessoa identificar-se ou sentir o que sentiria se passasse por situações experimentadas por outra pessoa. Isto é, a capacidade de sentir a dor e o sofrimento alheio como se fossem seus. E foi esse sentimento de empatia que levou o Buda Siddhartha Gautama, o Mestre Jesus Cristo, São Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outras legiões de espíritos iluminados que permanecem no anonimato a dedicar suas vidas para diminuir o sofrimento humano.

Muitas dessas crianças, assim como ocorre com adultos que passam por EQM, dedicam tempo – se não integral, pelo menos parcial e, se não como profissão, na condição de voluntário – em trabalhos de caridade que visam a promover o bem-estar, seja a indivíduos seja à sua comunidade.

Morse percebeu também que essas crianças crescem mais espiritualizadas e são mais equilibradas física e mentalmente. Seus hábitos alimentares são mais saudáveis,

mostram-se mais maduras e vão melhor na escola quando comparadas aos colegas da mesma idade que não passaram por EQM.

Assim como ocorre com tantos adultos que passam por EQM, muitas crianças veem aflorar sua visão psíquica ou mediúcnica. Katie, por exemplo, o primeiro e fascinante caso que Morse encontrou em sua carreira médica, é, segundo ele, capaz de ver a aura (campo bioenergético) de outras pessoas. Muitas crianças que participaram do estudo do pediatra disseram ser capazes de ver e conversar com desencarnados.

Outra peculiaridade que Morse encontrou foi que essas crianças crescem conscientizadas da conexão universal que há em todas as coisas (consciência cósmica) e que outras crianças (e uma grande imensidão de adultos!) nem sequer suspeitam que exista. Elas se dão conta de que têm um propósito na vida e sabem que a morte não é o fim de tudo. Confiam em sua intuição e sentem que poderão, novamente, conectar-se com a presença divina que as recebeu e as guiou no mundo espiritual durante a EQM.

— Se você viu a luz do outro lado da vida uma vez — disse uma delas ao dr. Morse —, você pode vê-la novamente se tentar. Ela está sempre com você.³

Aprendendo no além

Lynn tinha 11 anos quando se afogou. Saindo do corpo, chegou ao mundo espiritual; como ainda não havia chegado

sua hora de ficar, voltou para contar sua história.

Eu e meu irmão estávamos nadando e ele teve um problema. Tentei tirá-lo da água, mas, em pânico, ele me puxou para baixo várias vezes. Nós dois nos afogamos; ele morreu, mas eu retornei. Eu me lembro disso como se fosse ontem. Quando eu já não conseguia mais ficar na superfície, começou um som estranho em meus ouvidos, como o tocar de uma campainha. Uma sensação de paz tomou conta de mim. Senti meu espírito sair do corpo e fui para um vazio negro. Tive um pouco de medo.

Ao longe eu vi um minúsculo ponto de luz. Comecei a mover-me em direção a ele; no início ia devagar, mas depois comecei a ir cada vez mais rápido, como se estivesse em cima de um trem que ganhava velocidade. De repente parei e penetrei na luz. Eu via tudo – céu, edifícios, vidraças. Tudo emitia sua própria luz e era mais colorido do que se vê na Terra. Um rio serpenteava o lugar. Do outro lado havia uma cidade, e uma estrada juntava esta a outra cidade, e outra a outra cidade, e a outra, e assim sucessivamente.

Bem à minha frente, do outro lado do rio, havia três homens. Eles se projetaram em minha direção. Não caminharam nem voaram, mas se projetaram. Eu não os reconheci, mas sabia que um deles era o Lynn Bibb (meu nome foi-me dado em sua homenagem. Ele morreu

algumas semanas antes de eu nascer). Eu sabia que esses três homens estavam me protegendo, como se fossem de um comitê de recepção para ajudar-me a cruzar o rio e levar-me à primeira cidade. Eu tinha a sensação de que se fosse com eles, se cruzasse o rio, eu não voltaria, então hesitava.

A primeira cidade era como se fosse a primeira série escolar. As pessoas ficavam lá até que estivessem prontas para irem para a próxima, de cidade a cidade, em uma eterna progressão. Atrás de mim e do lado esquerdo havia uma fonte de luz muito forte, cheia de amor. Eu sabia que era uma pessoa. Eu a chamei de Deus, por não saber como chamá-la. Eu não conseguia vê-la, mas sentia a presença de um homem. Ele me falava por telepatia e perguntou:

— Por que você hesitou?

— Bem, eu sou um pouco nova para morrer — respondi.

Ele deu uma risadinha.

— Até bebês morrem — ele disse.

— Bem, tem algumas coisas que gostaria de saber antes — eu disse.

— O que você quer saber?

— O que é a morte? — perguntei.

— Vire-se e olhe para algum lado.

Virei e vi um acidente de automóvel horrível. Várias pessoas haviam morrido. Alguns espíritos saíam de seus

corpos para continuarem seu progresso. Alguns que não acreditavam que isso era possível ficavam em seus corpos e não saíam de lá.

Perguntei se seria possível sensibilizá-los, isto é, fazer com que percebessem que haviam morrido, e ele disse:

— Sim, com alguns isso é possível mais rápido que com outros, mas há aqueles com quem isso nunca é possível — ele disse. — A morte é não crer em nada.

— O que é o inferno? — perguntei.

— Vire-se e olhe novamente.

Virei-me e vi uma senhora idosa em uma cadeira de balanço; tudo o que fazia era ficar ali sentada, balançando-se e preocupando-se com seus filhos e netos e tudo o mais.

— O inferno é a falta de sabedoria e de progresso; é a escolha de não querer avançar; mas de apenas sentar e não fazer nada. O inferno não é um lugar.

Perguntei se o diabo existia.

— Será que Deus permitiria isso? — ele continuou. — Se eu fizesse você ver Deus por apenas alguns segundos, qual a primeira coisa que você faria?

Eu sabia que a primeira coisa que faria seria eliminar qualquer diabo que pudesse existir.

— Como faço para distinguir o certo do errado? — perguntei.

— O certo é ajudar e ser bondoso. O errado não é apenas machucar outras pessoas mas também não ajudar quando você puder — replicou.

Perguntei sobre o universo e as razões das coisas. E tudo isso me foi mostrado. Ele me perguntou se eu queria voltar à Terra.

— Sim, quero — respondi.

— Por quê?

Eu disse que precisava ajudar minha mãe, que meu pai a havia abandonado com quatro crianças, e outra estava a caminho. Ele quase riu e me perguntou qual a verdadeira razão de querer voltar.

Eu disse que queria deixar a Terra um pouquinho melhor do que quando a encontrei.

— Então você voltará com um pouco de conhecimento das coisas que aprendeu, mas o restante lhe será obscurecido por um tempo. Viva de maneira tal que você não precisará mais retornar à Terra quando voltar para cá novamente.

Despertei com o rosto enfiado na lama no fundo do rio e fui “lançada” para a superfície. Vomitei uma grande quantidade de água, saí e encontrei meu irmão morto.⁴

Embora eu tenha dito que desencarnamos quando chega a nossa hora, e não antes, parece possível que haja alguns

“ajustes” no caminho, e nossa jornada se prolonga, ou se abrevia, conforme as circunstâncias.

Enganando a morte?

Retornando à experiência de Celi...

Mencionei no início que ela esteve à beira do desencarne por três vezes durante sua estadia no hospital. Não somente familiares e amigos vieram se despedir dela, mas até um padre veio para dar-lhe a unção dos enfermos: ela estava prestes a deixar a vida terrena. Durante nossa entrevista, perguntei se quando estava fora do corpo ela via o pessoal médico entrando e saindo da UTI. Disse-me que sim. Ciente de que existe uma constante influência de seres desencarnados em nossa vida física, especialmente em hospitais, perguntei se ela havia visto algo diferente na UTI, além do que já me havia contado. Após alguns momentos de silêncio, disse-me:

- Tinha gente lá.
 - Do hospital? — perguntei.
 - Não, diferente.
 - Que tipo de gente?
- Ouvi a risadinha abafada novamente.
- Tipo... não daqui.
 - De Jaú, você quer dizer? Ela riu:
 - Não, da Terra.

— Ah é? — Fingi estar surpreso. — Espíritos talvez?

— Acho que sim.

— Quantos eram?

— Quatro.

— Homens e mulheres?

— Três homens e uma mulher.

— Você reconheceu alguém?

— Não.

— Conversou com eles?

— Também não. Mas eles conversavam entre si.

— Você conseguia captar o que falavam?

— Alguma coisa. Pareciam preocupados com o corpo na cama. Pedi que descrevesse os espíritos. Aparência de meia-idade, cabelos grisalhos, vestindo túnicas longas brancas. Sem que eu perguntasse, disse-me que o tecido das túnicas parecia seda, e logo acrescentou: mais bonito que a seda. Segundo ela, esses espíritos não saíam da UTI, em atenção total ao corpo físico dela.

— E quando os médicos vinham, eles saíam? — perguntei.

— Não, ficavam ao redor deles.

Celi contou-me também que durante os períodos de consciência, quando voltava ao seu quarto, havia sempre ao pé da cama um garoto loiro, aparentando uns 9 anos de idade. Eu disse a ela que o menino era também um espírito que estava ali para ajudá-la.

— Agora eu entendo — disse-me. E, rindo, acrescentou:
— Mas eu me irritava porque ele não saía do quarto, cheguei até a gritar com ele para que fosse embora.

Mãe extremamente dedicada, Celi teve sua primeira filha aos 15 anos de idade, e era a provedora de sua família. Era do tipo que invocaria todas as forças cósmicas para ficar na Terra um pouco mais e cuidar de sua família. Se houvesse visto os cuidados que seu corpo recebia dos seres invisíveis, seu médico encontraria uma explicação para a cura “miraculosa” de Celi. Dada a extrema gravidade de sua condição, ela permaneceu na vida física apenas mais dois anos, o suficiente para resolver certas pendências que muito a preocupavam.

Quando a encontrei e conversamos pessoalmente, disse-me, com aquela calma que lhe era peculiar:

— Agora estou pronta.

Pouco tempo depois, a infecção retornou, pior que antes, impossível de controlar. Sua hora havia chegado, quando ela estava pronta; terminado seu trabalho na Terra, em paz ela a deixou.

O caso mais recente de cura miraculosa após EQM é o da menina Annabel, do estado do Texas, contado por sua mãe no livro *Miracles from heaven* (Milagres do paraíso, 2016) e transformado em filme, como mencionei no Capítulo 14. Annabel padecia de um transtorno raro chamado pseudo-obstrução intestinal crônica, uma doença rara da motilidade

gastrointestinal, e já havia sido desenganada pelos médicos que a tratavam no hospital infantil em Boston, especializado em doenças gastrointestinais. Como já estava em seus dias finais, a família decidiu trazê-la para casa, em uma fazenda no Texas.

Na fazenda havia uma velha árvore chamada choupo, com um longo tronco oco, poucos galhos desfolhados e secos. Annabel e suas duas irmãs costumavam subir nessa árvore e sentar nos seus galhos. Logo que retornou do hospital, sua irmã mais velha a convidou para subirem na árvore. Em dado momento, o galho em que estava Annabel começou a ceder. Na parte do tronco onde o galho se conectava, estava a boca da cavidade. Movendo-se nessa direção, Annabel perdeu o equilíbrio e caiu dentro do tronco oco. A distância até o chão era de nove metros. Caiu de cabeça, ficando em posição fetal; permaneceu inconsciente por três horas e meia.

Quando finalmente foi resgatada, levaram-na de helicóptero ao hospital em Fort Worth, onde fizeram tomografia computadorizada e tiraram raio X. Nada grave, apenas leves escoriações, algo inexplicável em uma queda de quase três andares de altura. Sua doença havia deixado seu abdome bastante inchado e, igualmente inexplicável, este começou a desinchar logo em seguida, ainda no hospital.

Durante uma viagem de carro pelo estado do Texas, Annabel, espontaneamente, contou aos pais sua experiência. Havia saído do corpo e sido levada a um lugar de extrema

beleza, onde encontrou Jesus. Jesus lhe disse que ela ia ficar bem, para não se preocupar. Disse também que um anjo a acompanharia de volta, e ficaria com ela até que fosse resgatada.¹

Quando não é hora de partir

Acometida por um surto violento de sarampo, a menina de 6 anos quase desencarna. De volta à Terra, conta a não muito agradável experiência que teve ao cruzar o outro lado da vida.

De repente vi chegar uma senhora. Ela trajava uma túnica longa, verde e esvoaçante, de estilo medieval. Tomou-me nos braços, mesmo contra a minha vontade, e levou-me através de um longo túnel de paredes sujas e emboloradas. Viajamos muito rapidamente para um lugar aonde eu não queria ir. Ela falava em minha mente, tentando explicar que havia chegado minha hora de ir e que não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-lo, não importando quanto eu quisesse permanecer na Terra. Acho que era essa a razão pela qual ela me carregava, pois, se eu estivesse só, sairia correndo de volta pelo túnel.

De repente ouvi sinos tocando, bem longe, muito longe. E a mulher parou de repente, ouvindo com atenção. Então me disse que tinha havido uma mudança de planos, que me fora permitido retornar. Ela não

demonstrava compaixão nenhuma para comigo, sua postura era firme e formal. Em seguida, carregou-me de volta pelo túnel, ajudou-me a me deitar na minha cama e partiu. Chamei-a, mas ela desapareceu no túnel. Assim que despertei, contei para minha mãe o que acontecera comigo, e ela ficou aterrorizada, devido à minha saúde frágil. E eu também nunca havia sentido tanto medo em minha vida.²

Quando é hora de partir

A maior certeza que o ser humano pode ter na vida é que um dia seu corpo morrerá. Mas conviver com essa realidade não é tão fácil assim. Se já é difícil aceitar a morte de adultos, quanto mais a de crianças que apenas despertaram para a vida! Os pais de uma criança em estado terminal, por exemplo, que desejam a permanência de seu filhinho na Terra, ainda que ele esteja sofrendo e em espírito deseje partir, podem estar fazendo-lhe mais mal do que bem. E orar para que tenha um desencarne sereno e siga seu caminho no mundo espiritual pode ser mais benéfico para ele do que orar para que fique. E às vezes o espírito tem que usar de recursos inusitados para fazer a mensagem chegar aos pais para que aceitem a morte da criança e a deixem ir.

Em seu livro *Closer to the light*, Melvin Morse relata o caso de um garoto de 5 anos de idade que estava em coma, morrendo em decorrência de um tumor maligno no cérebro. O garoto estivera em coma por três semanas, e durante todo

o tempo seus familiares circundavam seu leito e oravam sem cessar pela sua recuperação.

No final da terceira semana o pastor da igreja da família foi ao quarto do menino e contou uma história extraordinária a seus familiares.

— Eu tive um sonho — disse o pastor — em que ele apareceu à minha frente e me disse: “É chegada minha hora de morrer. O senhor precisa falar para meus pais pararem de orar. É minha hora de partir.”

O pastor não sabia se deveria ou não levar o recado, mas o episódio havia sido muito vívido para ser ignorado.

— Era como se aquele menino estivesse em pessoa em meu quarto, falando comigo frente a frente.

Os familiares aceitaram o sonho do pastor como sendo a mensagem de seu filho, e passaram a orar para que desencarnasse em paz. Tocaram seu corpo em coma, disseram-lhe que sentiriam sua falta, mas que tinha a permissão deles para deixar a vida da Terra.

E o menino despertou do coma. Agradeceu aos pais por deixá-lo ir e disse que em breve desencarnaria, o que realmente aconteceu no dia seguinte.

“Por que a vida é muitas vezes interrompida na infância?” Esta pergunta, de número 199, é uma das 1.019 contidas em *O livro dos espíritos*, espinha dorsal da doutrina espírita, e foi feita por Allan Kardec à espiritualidade. Os espíritos responderam: “A duração da vida de uma criança

pode ser, para o espírito que nela está encarnado, o complemento de uma existência anterior interrompida antes do tempo. Sua morte é, muitas vezes, também uma provação ou uma expiação para os pais”.

E Kardec queria saber mais sobre o destino das crianças após a morte do corpo: “O que acontece com o espírito de uma criança que morre em tenra idade?” E os espíritos responderam: “Ela recomeça uma nova existência”.³

Crianças terminais sabem que a vida continua

Para deixar mais claro, vou repetir o que disse Emmanuel sobre as crianças. “Até os 7 anos, o espírito (encarnado) está em fase de adaptação à sua nova existência terrena. Até essa idade, o elemento espiritual e a matéria orgânica ainda não estão perfeitamente integrados.” É essa integração imperfeita entre corpo e espírito que permite às crianças maior conexão com o mundo espiritual.

Quando uma doença grave ataca e debilita o corpo de uma criança, essa conexão aumenta, e ela sintoniza-se ainda mais com sua origem espiritual. Nessa condição, fica ainda mais claro para elas que a vida na Terra é apenas temporária e ela continuará sua existência após a morte do corpo físico. Para as crianças isso é tão claro e certo que frequentemente são elas que consolam os pais por seu iminente desencarne. São inúmeros esses relatos na literatura.

Conversando sobre isso com uma mulher que frequentava nossa casa espírita em Miami, ela me deu um exemplo pessoal impressionante. Ela teve um filho hemofílico no Brasil, no ápice da epidemia da Aids, quando ainda não havia controle rigoroso sobre os doadores de sangue. O hemofílico, cujo sangue não coagula, precisa de constantes doações de sangue. Em uma das doações, recebeu sangue contaminado com o vírus HIV. Ele tinha 1 ano de idade. A partir desse dia, a mãe travou uma luta diária para salvar a vida do filho. Quando o menino tinha por volta de 3 anos e começou a entender o que estava acontecendo, ele falava para sua mãe não se estressar tanto. Ele desencarnaria em breve e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir. Sempre que ele a via chorando, vinha consolá-la.

Com a deterioração de sua saúde, sua mãe ficava ainda mais desesperada. Quando ele tinha 4 anos de idade, ela o levou a um médico em busca de um novo tratamento que pudesse salvar a vida do filho. Ao ouvir o apelo da mãe, o garoto pediu ao médico, numa calma surpreendente, que dissesse a ela que ele estava morrendo e que não havia nada a ser feito para evitar isso. Ao sentir aproximar o desencarne dele, o desespero da mãe foi às alturas.

No hospital, alguns dias antes, o menino disse à mãe para não ficar triste, ele mostraria a ela para onde iria. Alguns minutos antes de seu retorno ao outro lado da vida, a mãe começou a experimentar uma estranha sensação

tomando conta de seu corpo; primeiro uma tontura, depois uma forte sonolência. Ela estava do lado de fora do quarto do filho. Apoiando-se nas paredes, entrou no quarto e deitou-se no sofá, ao lado da cama do filho. Ao acomodar-se, sentiu-se saindo do corpo; estava tudo escuro a sua volta, logo viu um ponto de luz, que ia aumentando, aumentando, e de repente estava na entrada de um túnel. Ao expandir a luz, viu no outro lado um grupo de espíritos e entendeu que eles esperavam seu filho. Despertando do transe, percebeu a comoção ao redor da cama do menino, que acabara de desencarnar. Antes de seu desencarne, o pai chorava profusamente. Ao consolá-lo, o menino dizia:

— Papai, não chore por mim porque eu nunca vou morrer.

Você notou na experiência da mãe o mesmo padrão inicial de uma EQM: sensação de estar saindo do corpo, uma escuridão momentânea, o ponto de luz, o túnel e o panorama espiritual. Seu filho seguiria esse mesmo padrão, semelhante aos relatos de pessoas que passaram por EQM, com a diferença de que a pessoa em EQM retorna ao corpo, mas o menino não mais retornaria, ficaria no mundo espiritual, uma vez que seu trabalho na Terra havia terminado.

A experiência que teve a mãe do menino é chamada de Experiência Compartilhada na Morte.⁴ A expressão foi criada pelo dr. Raymond Moody para descrever esse fenômeno,

vivenciado vicariamente por algum ente querido do desencarnante. Como vimos, foi também o dr. Raymond Moody que trouxe a público o fenômeno da EQM e criou o termo *Experiência de quase-morte*, do inglês *Near-Death Experience*.

Com o aumento da população mundial e mais pessoas desencarnando, atualmente mais de 150 mil diariamente, a incidência dessas experiências está crescendo. Quando Hamlet disse a Horácio que havia mais coisas entre o céu e a Terra do que supunha sua vã filosofia, ele estava certo. Há no mundo hoje tantos fenômenos comprovando a continuidade da vida após a morte física que nenhuma teoria científica que afirme o contrário consegue se sustentar. Tudo de que precisamos para notar, como disse Jesus, são olhos para ver e ouvidos para ouvir, e uma mente aberta e flexível capaz de se expandir para acomodar todos os mistérios que nos rodeiam.

Um desses mistérios está em nossa própria natureza, que aparenta ser física, mas na realidade não é. As aparências, como diz o velho adágio, podem enganar. Mesmo que o que vemos e sentimos seja apenas nossa natureza material, existe, interpenetrado no corpo físico, um ser espiritual, nossa verdadeira e imortal essência.

Nossa dupla natureza

Você já ouviu falar de Charles Darwin? Claro que sim, quem não ouviu? Ele foi o naturalista britânico que propôs a teoria da evolução através da seleção natural, teoria esta que prevalece até hoje na comunidade científica.

Para a ciência darwinista, a vida e as espécies aconteceram por um acaso da natureza. Por esse acaso foi criada “a primeira célula viva, por volta de 4 bilhões de anos atrás”.¹ Dessa célula criada pelo acaso, descendem todos os organismos vivos que já passaram pelo planeta, de 4 bilhões de anos atrás até hoje – bactérias, árvores, dinossauros, gafanhotos, você, eu e toda a humanidade. Segundo o darwinismo, todas as espécies que existiram e existem até hoje são produtos desse acaso, criadas a partir de acidentes fortuitos na estrutura do DNA nas células. Esses acidentes fortuitos são chamados de mutações genéticas. “[...] mutações são simplesmente erros no processo de replicação (das células)”.² Pronto, simples assim.

Uma das definições da palavra “erro” (no dicionário Webster) é desvio de um padrão ou especificação, também deficiência ou imperfeição de uma estrutura ou função, ou no resultado de alguma coisa.

Quando você pega uma receita para fazer um bolo, mesmo que você não seja uma Ana Maria Braga, sabe que se não colocar as quantidades certas dos ingredientes o bolo não vai sair perfeito como ela diz. Você sabe que um erro na quantidade de ingredientes vai causar imperfeição à sua criação. Certamente você não esperaria que seu erro, em vez de criar um bolo imperfeito, criasse uma outra espécie de guloseima, como um delicioso manjar de coco, por exemplo. Contudo, no darwinismo, erros genéticos – um acaso da natureza –, diz a teoria, criaram milagres, não apenas simples bactérias mas organismos maravilhosos como corais e peixes no oceano.

Se um farmacêutico erra o percentual de um certo ingrediente para compor um medicamento, ele não pode esperar que seu erro vá dar mais saúde a seu paciente, mas que irá fazer-lhe mal, e em vez de curar sua doença poderá até matá-lo. Mas no darwinismo, erros genéticos produziram maravilhas. Em lugar de se desviar do padrão, criaram árvores, flores e os vegetais.

Se um engenheiro civil erra na quantidade de ingredientes essenciais para a construção do alicerce de um edifício, ou usa materiais de baixa qualidade para suportar a estrutura, ele não pode esperar que seu erro vá resultar na criação de um edifício de perfeita qualidade. Contudo, no darwinismo, quando os genes erraram, longe de produzir imperfeições produziram impressionantes criaturas –

pássaros, animais, seres humanos e todos os organismos vivos que já existiram.

Contudo, aparentemente, os erros genéticos que criavam maravilhas são coisas do passado longínquo, hoje não é assim. Os erros genéticos da atualidade criam doenças e deformações nas espécies, em lugar de criaturas novas e perfeitas. Talvez a natureza tenha se autocorrigido, colocando um fim nos acasos fortuitos. Há muito tempo que as criaturas do mar não saem da água e se tornam criaturas terrestres; ovos de jacaré continuam a produzir jacarés; do ventre da baleia, saem apenas baleias; tigres continuam a procriar tigres; e os primatas nunca mais desceram das árvores e andaram em duas pernas.

De volta à sua arte culinária, você sabe que para fazer um cupcake, mesmo que seja o mais diminuto e simples possível, você precisa de no mínimo umas gotas de água, um pouquinho de farinha e uns grãos de açúcar. Se você não colocar nada na forma e puser para assar, quando retirá-la ela vai estar tão vazia quanto quando você a colocou. Porém, na visão materialista do darwinismo, o nada não somente criou o universo, mas também “tudo que já existiu, que existe, e que existirá”³, mesmo que o nada não consiga criar um pequeníssimo cupcake.

O cientista herético

Então você sabe quem foi Charles Darwin. Agora, quem já ouviu falar de Alfred Russell Wallace?

Wallace também era britânico, um naturalista brilhante, catorze anos mais novo que Darwin. Ele tinha formulado, independentemente, a mesma teoria de seleção natural. Darwin sabia do trabalho de Wallace, e juntos publicaram matéria sobre o assunto em 1858. Aliás, foi Wallace que impeliu Darwin a completar e publicar seu livro sobre a origem das espécies, depois de vinte anos de espera. O receio de Darwin era que Wallace publicasse o dele antes. Escreveu Darwin:

Tenho mais especialmente sido induzido a fazer isso [publicar o livro], porque o sr. Wallace, que agora está estudando a história natural do arquipélago malaio, chegou a quase exatamente as mesmas conclusões gerais que tenho sobre a origem das espécies.⁴

Assim como Darwin, Wallace também acreditava que os organismos evoluíram de formas inferiores e adaptaram-se ao ambiente onde viviam, desenvolvendo ou descartando características biológicas para poderem sobreviver e crescer naquele ambiente.

Quando eu disse no início que um cientista colocar um espírito no ser humano pode significar sua desgraça acadêmica, eu não estava brincando. Wallace, um proeminente naturalista de sua época e um dos principais pensadores evolucionistas, não conseguia, na teoria da seleção natural, encontrar explicação plausível para dons que determinadas pessoas possuem – habilidade para o

raciocínio matemático, para as artes, a música. Também não conseguia explicar a capacidade de algumas para as confabulações metafísicas, a genialidade e o humor inatos. “Nem a seleção natural ou a teoria geral de evolução consegue explicar a origem da vida consciente”,⁵ escreveu Wallace.

Mas para Darwin, cuja teoria de seleção natural já gozava de prestígio entre os cientistas da época (e goza até hoje!), a “seleção sexual” explicaria facilmente esses aparentes fenômenos, os talentos que nada têm a ver com a adaptação ambiental. E, para ele, não havia necessidade alguma de prover o ser humano de espírito para explicá-lo.

Mas Wallace acreditava que algo no “universo invisível dos espíritos” havia intercedido pelo menos três vezes na história da humanidade: a primeira foi na criação da vida a partir da matéria inorgânica. A segunda foi na introdução da consciência nos animais superiores e a terceira na geração das faculdades mentais nos seres humanos. Para ele, o objetivo do universo era o desenvolvimento do espírito. Wallace disse:

O homem é uma dualidade, consistindo de uma forma espiritual organizada, evoluída coincidentemente com o corpo físico e a este permeando, possuindo órgãos e desenvolvimento correspondentes. A morte é a separação dessa dualidade, e não causa modificações no espírito, nem no desenvolvimento moral ou intelectual.

A evolução progressiva da natureza intelectual e moral é o destino de cada indivíduo; o conhecimento, as realizações e experiências de vida na Terra formam a base da vida do espírito. ⁶

Assim como acreditava Wallace, o Espiritismo ensina que o homem é composto do corpo e do espírito; o espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente [e o ser que sai do corpo durante a EQM!]; o corpo é o envoltório material que reveste, temporariamente, o espírito para o cumprimento da sua missão na Terra e a execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O estado corporal e o estado espiritual são, para o espírito, a fonte de dois gêneros de progresso, solidários um com o outro; por isso, passa, alternativamente, por esses dois modos de existência.⁷

A vida material na Terra é uma grande escola para o espírito. Estamos temporariamente encarnados para participar do importante aprendizado que a Terra propicia à nossa evolução moral, espiritual e intelectual. Nas palavras de Emmanuel: “A Terra deve ser considerada escola de fraternidade para o aperfeiçoamento e a regeneração dos espíritos encarnados”. ⁸

Mas foi a teoria de Darwin, a do homem sem espírito, que prevaleceu no meio científico, pois esta era mais racional. A partir dela, o ser humano passou a ser considerado mera máquina, sem muito propósito na vida

além de se adaptar ao meio ambiente onde nasce e lutar por sua sobrevivência até o dia em que chega a morte e o aniquila para todo o sempre.

Essa concepção prevalece até hoje. De acordo com a ciência, não há nada no ser humano além de seu corpo.

Mas não é bem isso que mostram os fatos. Somos sim espíritos imortais, e continuaremos a existir após a morte física, mesmo que a ciência nos diga o contrário.⁹

Conclusão

No presente estágio de nossa evolução consciencial, às vezes é necessário experimentar a dor para despertar do torpor que a vida material comumente impõe ao nosso ser verdadeiro, o espírito que somos. Embora sendo espírito, as limitações de nossos sentidos, nossas crenças, preconceitos e mais comumente nossa ignorância impedem-nos de refletir sobre nossas ações ao final do dia e conscientizar-nos do caminho que estamos seguindo. Se fizéssemos disso um hábito, talvez reconhecêssemos ações menos nobres que certamente poderiam vir a nos prejudicar no futuro, e assim as evitaríamos.

Essa reflexão eventualmente será feita, se não enquanto aqui encarnados, quando daqui sairmos. Mas será feita. É uma necessidade do espírito fazê-la. É por ela que analisaremos e avaliaremos nosso progresso moral, espiritual e intelectual ao fim de cada passagem na Terra. E será o resultado dessa análise que determinará o gênero de nossa encarnação seguinte.

“O espírito que não alcançou sua perfeição na vida corpórea suportará a prova de uma nova existência... A cada nova existência o espírito dá um passo no caminho do progresso; quando se despojou de todas as suas

imperfeições, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”¹

Como vimos nos poucos casos considerados nesta narrativa, as pessoas que fizeram a revisão de suas vidas durante a EQM viram seus erros e reconheceram a necessidade de mudar sua conduta. Como ainda não era a hora de essas pessoas (fisicamente) morrerem, elas voltaram e muitas fizeram as correções necessárias visando ao melhoramento de sua existência. Descobriram a alegria de ajudar os necessitados; tornaram-se mais espiritualizadas; ficaram mais amorosas e indulgentes com os outros. Saíram em busca de aprendizado, concentraram-se em fazer o bem, e aprenderam a aceitar as pessoas e elas próprias como são.

Mas essas pessoas voltaram. E como ficam aqueles cuja hora chegou – mais de 150 mil por dia? Eles certamente também revisarão suas vidas, igualmente verão os erros cometidos, sentirão em seu âmago a dor e a mágoa que causaram e poderão arrepende-se amargamente, possivelmente vão querer retornar à Terra para redimir suas faltas. Mas não poderão. Os corpos que deixaram estão mortos, e não há como apoderarem-se deles novamente. Imagine a dor e o desespero que deverão sentir no fundo de sua alma, em sua consciência, diante de tal impossibilidade.

Agora, imagine se uma dessas pessoas for você, ou eu. Nossa hora chegará, podemos ter certeza absoluta disso, e poderá ser hoje, em algumas horas ou minutos. Todos

sabemos que nenhum ser vivente escapará da morte física. Estamos à sua mercê a cada momento. Nossa passagem de retorno ao mundo espiritual já está comprada, apenas aguardamos a hora do embarque, que poderá chegar sem aviso prévio. Por isso, é sempre bom estar preparado.

Mas como?

Fazendo como Deus disse a Lynn durante sua EQM: “Viva de maneira que quando você voltar para cá não se sinta mal”. E isso é feito ao amar ao próximo como a nós mesmos, como Jesus nos ensinou; ao aprender e praticar o perdão; ao fazer o bem o quanto pudermos; ao ser compassivo e compreensivo com as deficiências e limitações dos outros – e com as nossas também; ao ser pacífico e promover a paz; ao seguir preceitos morais e éticos; ao adquirir conhecimento; esses são apenas alguns exemplos. Os maiores beneficiados por tão nobre conduta seremos nós mesmos!

A fase de revisão da vida que vimos em vários relatos neste livro nos dá uma ideia de como será nosso encontro com os guias espirituais quando chegar nossa hora. Vimos que o Ser de Luz, Jesus, Deus ou quem quer que seja, é alguém muito compreensivo que não julga nem condena nossas transgressões. É a nossa consciência que julga! Deve ser doloroso e vergonhoso estar na presença de um ser tão iluminado assistindo juntos clara e detalhadamente a nossas sórdidas ações, nossas grosserias, crueldade, vícios degradantes, ofensas e humilhações perpetradas aos entes

queridos e amigos, o mal que fizemos quando não deveríamos, o bem que deixamos de fazer quando deveríamos tê-lo feito.

Obviamente, nem todas as nossas ações têm sido vis; certamente temos executado ações nobres e dignificantes também. Mas sobre essas não devemos nos vangloriar. Fazer o bem e viver corretamente é nossa obrigação. É um compromisso que temos com nosso Criador. Além disso, os maiores beneficiados por viver corretamente somos nós mesmos. Causa e efeito é uma lei inexorável, ninguém consegue escapar dela. Qualquer ação que executamos irá gerar uma reação que poderá nos dar prazer ou dor, dependendo de sua natureza. Podemos ou não sentir seu impacto de imediato, mas cedo ou tarde sua consequência virá nos visitar, se não nesta vida, na próxima. Aqui vale a pena lembrar o Apóstolo Paulo: “De Deus não se zomba, pois tudo o que o homem semear isto também ceifará”.

Um grande número de pessoas que passaram por EQM descobriram de maneira não muito agradável o que Paulo quis dizer com essas palavras, sentindo no fundo da alma a veracidade dessa afirmação. Mas, como não era a hora de elas ficarem no outro lado da vida, retornaram e tiveram uma nova oportunidade de redirecionar sua conduta. Elas aprenderam a verdadeira razão pela qual estamos na Terra: aprender a amar, a perdoar, a fazer o bem e a reverenciar a vida. Elas descobriram que a humanidade é uma imensa família, todos filhos do mesmo Criador, que deve ser amada

e respeitada, uma vez que estamos todos na mesma luta em prol de nosso aprimoramento e evolução.

É meu desejo sincero que as experiências aqui compartilhadas por aqueles que por um breve momento descobriram o que nos espera no outro lado da vida sirvam-nos de aprendizado. Que sejam elas advertências, servindo-nos de inspiração para uma análise séria e profunda de nossa atual conduta moral e ética; instigando-nos a tirar alguns momentos diários para avaliar a qualidade de nossas ações, atitudes, sentimentos, não apenas em relação a entes queridos e amigos, mas a toda a criação. Que possam essas experiências falar em alto e bom som aos nossos corações e colocar-nos no caminho que nos levará mais rapidamente a Deus. Assim, quando chegar nosso momento de cruzar a barreira do não retorno, naquele sublime momento em que o Ser de Luz, seja quem for, aparecer à nossa frente, nem precisará perguntar: “O que você tem feito com sua vida para me mostrar?” Ele verá nossa grandeza refletida na luz brilhante que emana de nosso ser.

Referências

Introdução

1 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita – IDE, 2002. Questão 123.

2 Idem. Q. 920.

3 KARDEC, Allan. *A gênese*. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita – IDE, 2002. Cap. 1, item 30.

4 KARDEC. *O livro dos espíritos*. Q. 401.

Capítulo 1: Somos mais que humanos

1 KARDEC. *O livro dos espíritos*. p. 20.

2. Idem. Q. 407.

Capítulo 2: O que os olhos não veem

1 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita – IDE, 2003. Cap. 3, item 5.

2 DE CHARDIN, Pierre Teilhard. *The phenomenon of man*. New York: Harper Perennial, 1965. p. 63.

3 BURR, Harold Saxton. *Blueprint of immortality: the electric patterns of life*. Essex, Inglaterra: CW Daniel Co., 1991. p. 114.

4 DRIESCH, Hans. *The history and theory of vitalism*. London: Forgotten Books, 2012. p. 31.

5 BURR. *Blueprint of immortality*. p. 11.

6 Idem. p. 13.

7 SHELDRAKE, Rupert. *Morphic resonance: the nature of formative causation*.
rochester, VT: Park Street Press, 2009. p. 3.

8 DE CHARDIN. *The phenomenon of man*. p. 62.

9 KARDEC. *A gênese*. Cap. 11, item 18.

Capítulo 3: O que é experiência de quase-morte – EQM

1 STANFIELD, Cindy L & GERMANN, William J. *Principles of human physiology*, 3rd ed. San Francisco: Pearson, 2008. p. 360.

2 MYERS, Catherine E. “Memory Loss and the Brain.” *The newsletter of the memory disorders project, at Rutgers University*. Disponível em:
www.memorylossonline.com/glossary/hypoxiaandnoxia.

3 “Cardiopulmonary resuscitation”. Disponível em:
http://en.wikipedia.org/wiki/Cardiopulmonary_resuscitation.

Capítulo 4: De carona com Jesus

1 RITCHIE, George. *Voltar do amanhã: um psiquiatra descreve aqui sua própria experiência no outro lado da morte*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

Capítulo 5: Vida depois da vida

1 MOODY, Raymond & PERRY, Paul. *Glimpses of eternity*. New York: Guideposts, 2010. p. 70.

2 GALLUP, George & PROCTOR, William. *adventures in immortality*. New York: McGraw-Hill, 1982. p. 6.

3 Brendan I. Koerner & Joshua Rich, “Is there life after death?” US News. Disponível em:
www.usnews.com/usnews/culture/articles/970331/archive_006588.htm.

4 LONG, Jeffrey, “How many NDEs occur in the US every day?” Disponível em:
www.nderf.org/number_nde_usa.htm.

5 ATWATER, PMH. *Beyond the light: near-death experiences – the full story*. London: Thorsons, 1995. p. 15.

6 XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Brasília: FEB, 1997. 18. ed. p. 72.

Capítulo 6: Testemunhando a imortalidade

1 MOODY, Raymond Jr. *Life after life*. Covington, GA: Mockingbird, 1975. p. 35.

Capítulo 7: As dez fases da EQM

1 GREY, Margot. *Return from death: an exploration of the near-death experience*. New York: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 38.

2 GREY. *Return from death*. Pág. 50.

3 MOODY, Raymond Jr. *Life after life*. Covington, GA: Mockingbird, 1975. pp. 73-74.

4 GREY. *Return from death*. p. 82.

5 SABOM, Michael. *Light & death*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998. p. 46.

6 XAVIER. *O consolador*. p. 122.

7 KARDEC. *O livro dos espíritos*. Q. 192.

8 PARNIA, Sam. *What happens when we die: a groundbreaking study into the nature of life and death*. Carlsbad, CA: Hay House, 2006. p. 177.

Capítulo 8: A consciência não está no cérebro

1 PENFIELD, Wilder. *The mystery of the mind*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975. p. 109.

2 Idem. p. 114.

3 Ibidem. p. 48.

4 MERKER, Bjorn. “Consciousness without a cerebral cortex: a challenge for neuroscience and medicine.” *Behavioral and brain science*, 30 (2006). pp. 63-81.

- 5 STANFIELD, Cindy L. & GERMANN, William J. *Principles of human physiology*. San Francisco: Pearson, 2008. pp. 230-231. BARD, Arthur S. & BARD, Mitchell G. *Understanding the Brain*. Indianapolis: Alpha, 2002. p. 61.
- 6 Centers for Disease Control and Prevention, "Facts about anencephaly". Disponível em: www.cdc.gov/ncbddd/birthdefects/anencephaly.html.
- 7 National Institute of Neurological Disorders and Strokes, Hydranencephaly Information. Disponível em: www.ninds.nih.gov/disorders/hydranencephaly/hydranencephaly.htm.
- 8 MERKER. "Consciousness without a cerebral cortex". pp. 63-81.
- 9 SHEWMON, D. Alan; HOLMES, Gregory L. & BYRNE, Paul A. "Consciousness in congenitally decorticate children: developmental vegetative state as a self-fulfilling prophecy." *Developmental medicine and child neurology*, 41 (1999): pp. 364-374.
- 10 Idem.
- 11 Ibidem.
- 12 BARD, Arthur S. & Mitchell G. *Understanding the brain*. Indianapolis: Alpha, 2002. p. 64.
- 13 CARLSON, Neil R. *Psychology: the science of behavior*. New Jersey, USA: Pearson Education, 2007. p. 115.
- 14 SHEWMON et al. "Consciousness in congenitally decorticate children". pp. 364-374.
- 15 National Institute of Neurological Disorders and Strokes, Hydranencephaly Information. Disponível em: www.ninds.nih.gov/disorders/hydranencephaly.htm.
- 16 BARD & BARD. *Understanding the brain*. p. 3.

17 “Miracle child born without brain dies in Pueblo”. Disponível em:
www.koaa.com/news/miracle-child-born-without-brain-dies-in-pueblo.

Capítulo 9: Muito além da visão

- 1 SABOM, Michael. *Light & death*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998. p. 37.
- 2 KARDEC. *O livro dos espíritos*. p. 20.

Capítulo 10: Nas asas do espírito

- 1 CLARK-SHARP, Kimberly. *After the light*. New York: William Morrow, 1995. p. 7.
- 2 LOMMEL, Pim van et al. “Near-death experience in survivors of cardiac arrest: a prospective study in the Netherlands.” *Lancet*, 358, 2001. pp. 2039-45.
- 3 FONTANA, David. *Is there an afterlife?* Hants, UK: O-Books, 2005. p. 395.
- 4 RAWLINGS, Maurice. *Beyond death's door*. New York: Bantam, 1975. p. 29.

Capítulo 11: Pelos olhos da alma

- 1 RING, Kenneth & COOPER, Sharon. *Mindsight: near-death and out-of-body experiences in the blind*. Palo Alto, CA: William James Center for Consciousness Studies, Institute of Transpersonal Psychology, 1999. p. 22.
- 2 Idem. p. 30.
- 3 São João, 9:2-3. Bíblia Sagrada.
- 4 RING & COOPER. *Mindsight*. p. 81.
- 5 Idem. p. 74.
- 6 Rustom Roy in *The new science and spirituality reader*, Ed.: Ervin Laszlo e Kingsley L. Dennis. Rochester, VT: Inner Traditions, 2012. p. 17.
- 7 Bíblia. A.T. Mateus. In: Bíblia. Português. *A bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

Capítulo 12: Um gostinho amargo do nada

1 ROMMER, Barbara R. *Blessing in disguise*. St. Paul, MN: Llewellyn, 2000. p. 42.

2 RAWLINGS, Maurice. *beyond death's door*. New York: Bantam, 1975. p. 90.

3 Gálatas 6:7. Bíblia Sagrada.

4 ROMMER. *Blessing in disguise*. p. 48.

5 São Mateus 7:7-8. Bíblia Sagrada.

6 Da canção "Circle of life" de Elton John. Tradução do autor.

Capítulo 13: Suicídio, uma escolha equivocada

1 Centers for Disease Control and Prevention, "Suicide, facts at a glance".

Disponível em: www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/Suicide-DataSheet-a.pdf.

2 GREYSON, Bruce & BUSH, Nancy E. "Distressing near-death experiences."

Psychiatry, 55, 1992. p. 105.

3 ROMMER. *Blessing in disguise*. p. 47.

4 Idem. p. 56.

5 XAVIER. *O consolador*. p. 96.

Capítulo 14: Overdose, uma viagem infernal

1 ROMMER. *Blessing in disguise*. p. 78.

2 Idem. p. 91.

Capítulo 15: Crianças próximas da morte

1 MORSE, Melvin & PERRY, Paul. *Closer to the light: learning from the near-death experiences of children*. New York: Ivy Books, 1991. p. 3.

2 Idem. p. 5.

3 PARNIA. *What happens when we die*. p. 75.

Capítulo 16: Pela dor e pelo amor

- 1 ATWATER, PMH. *Children of the new millennium*. New York: Three Rivers, 1999. p. 15.
- 2 Idem. p. 39.
- 3 MORSE, Melvin & PERRY, Paul. *Where God lives*. New York: HarperCollins, 2000. p. 3.
- 4 ATWATER. *Children of the New Millennium*. p. 61.

Capítulo 17: Enganando a morte?

- 1 BIM, Christy W. *Miracles from heaven*. New York: Hachette, 2015. pp. 159–163.
- 2 GREYSON & BUSH. “Distressing near–death experiences.” p. 99.
- 3 KARDEC. *O livro dos espíritos*. Q. 199.
- 4 MOODY & PERRY. *Glimpses of eternity*. p. 8.

Capítulo 18: Nossa dupla natureza

- 1 SWIMME, Brian & BERRY, Thomas. *The Universe story: from the primordial flaring forth to the ecozoic era*. San Francisco: HarperCollins, 1992. p. 8.
- 2 CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca & Francesco. *The great human diasporas: the history of diversity and evolution*. New York: Addison–Wesley Publishing, 1995. p. 79.
- 3 HUBBARD, Barbara Marx in *The new science and spirituality reader*, editado por Ervin Laszlo e Kingsley L. Dennis. Rochester, VT: Inner Traditions, 2012. p. 57.
- 4 DARWIN, Charles. *The origin of species*. New York: Signet Classics, 2003. p. 4.
- 5 SHERMER, Michael. In *Darwin’s shadow: the life and science of Alfred Russell Wallace*. New York: Oxford University Press, 2002. p. 230.
- 6 Idem. p. 230.
- 7 Ibidem. p. xvii.

8 KARDEC. *O céu e o inferno*. Cap. 3, item 5.

9 XAVIER. *O consolador*. p. 197.

Conclusão

1 KARDEC. *O livro dos espíritos*. Q. 168.

OBRAS BÁSICAS DA DOCTRINA ESPÍRITA

- *O livro dos espíritos* (1857)
- *O livro dos médiuns* (1861)
- *O evangelho segundo o Espiritismo* (1864)
- *O céu e o inferno* (1865)
- *A gênese* (1868)

OBRAS COMPLEMENTARES

- *O que é o Espiritismo?* (1859)
- *Obras póstumas* (1890)

Leia também:



O escravo, da África para a senzala é um livro que emociona. Por meio da médium Vera Lúcia Marinzeck, Antonio Carlos conta a história de Uba, que foi sequestrado, vendido como escravo e sofreu como muitos outros durante o período escravocrata no Brasil. Mal sabia ele que isso era apenas uma parte de sua existência, além de um aprendizado para sua trajetória. Um drama cheio de emoção, alegrias, tristezas e inspiração. Uma verdadeira obra de arte para os leitores de romances espíritas.